A CRITICA ESCOLHE OS MELHORES DE 86

EDITORA AZUL
Nº 19
Fevereiro 1987
Cz$ 26,00

BIZZ

POSTER DUPLO
MATT DILLON
SIOUXSIE

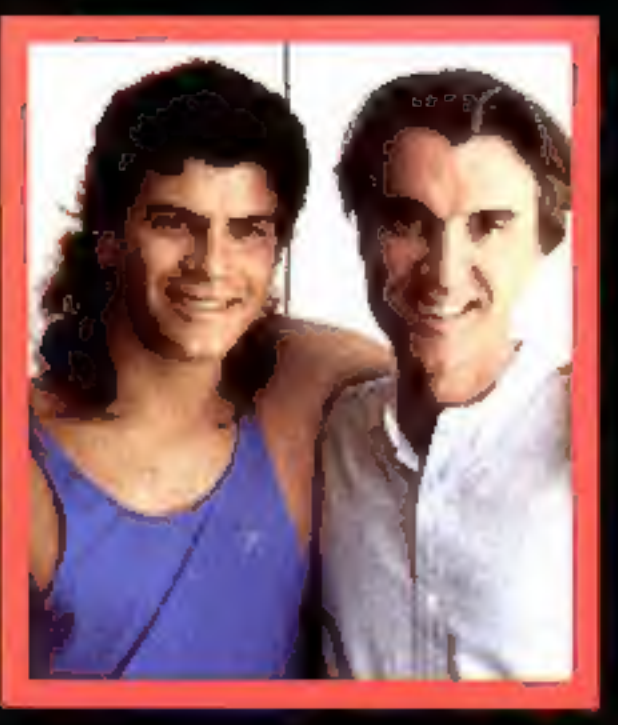
EXCLUSIVA

SPIELBERG
A ENTREVISTA CONTINUA

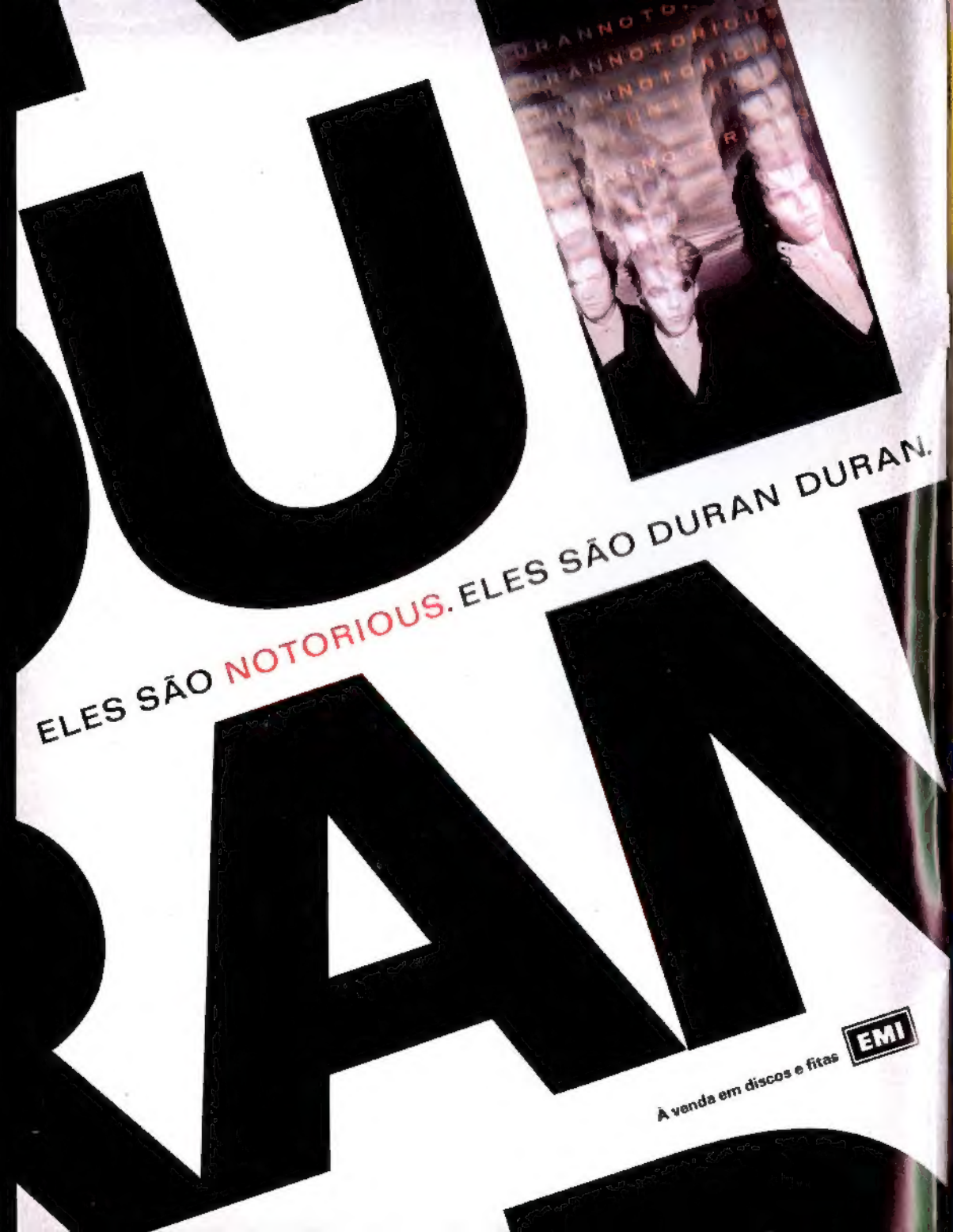
AS NOVAS CORES DE
CYNDI LAUPER

+
LAURIE ANDERSON • EVANDRO
MUTANTES • VENOM • LEO JAIME • PATIFE BAND
ITAMAR ASSUMPÇÃO • AL DI MEOLA • MERCENÁRIAS

PAULO RICARDO ENTREVISTA DAVID BYRNE



Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 34,00 - 5561



BIZZ

Arnaldo, Rita e Sérgio, os quixotescos Mutantes, são resgatados a partir da pág. 64

Pela segunda vez a tropa de escribas que habita estas páginas se reuniu para peneirar a colheita pop que frutificou nos últimos 12 meses. Após dias repletos de grunhidos e ranger de dentes, chegou-se a um veredito. O resultado da escolha dos **Melhores de 86** começa na página 49 e termina com uma seleta impagável de frases do ano.

De boas intenções o inferno está repleto. Tanto assim que uma desavisada jornalista carioca — que nunca fez parte do *metié* musical — assegurou ao público leitor de seu jornal que **Cyndi Lauper** era "a Madonna que não deu certo". Cáspite! Alguém precisa avisar a moça que focinho de porco não é tomada. Melhor, talvez, seja descobrir os meandros da mente freakazóide de Lauper na verborrágica entrevista que ela deu ao inglês **Nick Mercer.**

David Byrne, a mais falante cabeça dos **Talking Heads,** esteve no Brasil em novembro. Para entrevistá-lo enviamos **Ana Maria Bahiana** e um repórter meio inativo, ultimamente, por causa de certas obrigações artísticas: um tal **Paulo Ricardo Medeiros.** Tão atrevido foi Medeiros que no meio da entrevista começou a falar se si mesmo e de seus perçalços musicais. Audaz, o rapaz. Merecerá uma nova chance?

José Augusto Lemos conteve satisfatoriamente a aceleração de seus batimentos cardíacos e capturou **Laurie Anderson** na passagem da musa vanguardista por São Paulo. Enquanto isso, **Thomas Pappon** destilava quase dois anos de intensa pesquisa para reconstituir a primeira parte da história dos **Mutantes,** o mais importante grupo de rock que o Brasil já teve. A segunda — e última — parcela desta saga pop está na **BIZZ** do próximo mês. E por falar em prestações, **Steven Spielberg** retorna para falar mais de sua carreira, numa outra apetitosa exclusiva.

Do Rio de Janeiro chegam os novos sons de **Evandro Mesquita** e **Léo Jaime** — este último argüido por **Tom Leão.** Também de lá, **Alexandre Dines** enviou despachos sobre o supershow de **Al Di Meola.**

José Emílio Rondeau

ESTE MÊS

26 CYNDI LAUPER
A camaleoa inusual num papo exclusivo > *Mick Mercer*
34 EVANDRO MESQUITA
O velho ex-Blitz e seu novo disco > *José Emílio Rondeau*
36 DAVID BYRNE & PAULO RICARDO
O cabeça e o *ser-símbolo* trocam figurinhas
42 LAURIE ANDERSON
Eletrônica, máquinas e confissões > *José Augusto Lemos*
49 OS MELHORES DE 86
O resultado da crítica
62 LÉO JAIME
O gozador continua a rir > *Tom Leão*
64 MUTANTES
A história e a glória dos pioneiros do rock nacional > *Thomas Pappon*
71 ARTO LINDSAY
O americano/pernambucano conta tudo e não perdoa nada

TODO MÊS

6 SHOW BIZZ
Notas, notícias e boatos
12 PARADA!
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
24 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo das locadoras
72 CINEMA
Segunda parte da entrevista com *Steven Spielberg*, *Betty Blue*, *Depois de Horas*, *A Mosca e Morrer Mil Vezes*
84 AO VIVO
Venom, *Akira S e Arto Lindsay*, *Eurythmics*, *Patife Band*/*Divergência Socialista*, *Al Di Meola*, *Ilamar Assumpção*, *Suzanne Vega*, *Katrina & the Waves*
92 CLIP
"Pânico", com *Mercenárias*
94 PORÃO
Timbuk 3, *Mighty Lemon Drops*, *Cascavelletes* e *Luni*
98 LETRAS
"Demon", *Lulu Santos*
100 MEU INSTRUMENTO
Budgie
102 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. Nesta edição, Radio-Activity
104 CARTAS E SERVIÇOS
106 FLASHBIZZ

Foto do FLASH BIZZ Neal Preston / LFI Fotos do pôster Sheila Rock/Stills, Gamma/Sigla Fotos de capa Bertrand Alary, D.R. Mauricio Valladares

Em fevereiro, o novo
MICHAEL JACKSON.

ESPOSAS ESCRITORAS

Foto Camera Press

Bianca Jagger: atacando de escritora

Como Sobreviver ao Casamento e ao Divórcio de um Ídolo do Rock'n'Roll é o título do livro que está sendo escrito a duas mãos por **Bianca Jagger** e **Alana Stewart,** ex-esposas de **Mick Jagger** e **Rod Stewart.** Presume-se que as recordações de ambas as vidas conjugais deverão revelar coisas das mais cabeludas e, certamente, muitos podres sobre os dois astros estarão nas páginas desta — ops! — "obra" literária.

Marsha Hunt, ex-namorada de Mick Jagger e mãe de Karis, filha de Mick, também resolveu se lançar como escritora e lançou o livro *Real Life*, onde relata seu namoro com Mick e sua luta na Justiça para fazer com que ele assumisse a paternidade da filha. *It's only rock'n'roll...*

A UNIÃO FAZ A FORÇA I

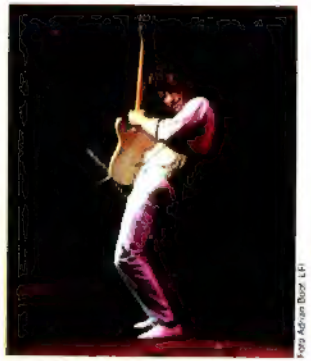


Foto Adrian Boot/ LFI

Mr. Beck colabora com o pai do punk

Malcolm McLaren, o "Golbery do punk", está gravando o seu terceiro LP solo, contando com a valiosa colaboração de — quem diria! — **Jeff Beck.** O disco ainda não tem título, mas deverá sair no meio do ano. E, segundo informações quentíssimas, é uma mistura de canções tradicionais inglesas com hip-hop, gêneros bastante apreciados por McLaren.

OUÇA ESSA I

"Ainda estou apaixonada por Sean. Sempre pintam dificuldades entre pessoas criativas como Sean e eu, mas divórcio... nem pensar"

Madonna

JUSTIÇA

A Justiça americana convocou os integrantes do **Judas Priest** para deporem num julgamento em que eles eram acusados de ter influência direta no suicídio de dois adolescentes. Os dois rapazes, ambos da cidade de Reno, do Estado de Nevada, se suicidaram com tiros de revólver na cabeça após terem firmado um sinistro pacto de morte. Este pacto aparentemente foi firmado logo depois de terem permanecido seis horas escutando um LP do Judas Priest. Os pais dos jovens entraram na Justiça, e o grupo está sendo processado, juntamente com sua gravadora, a CBS.

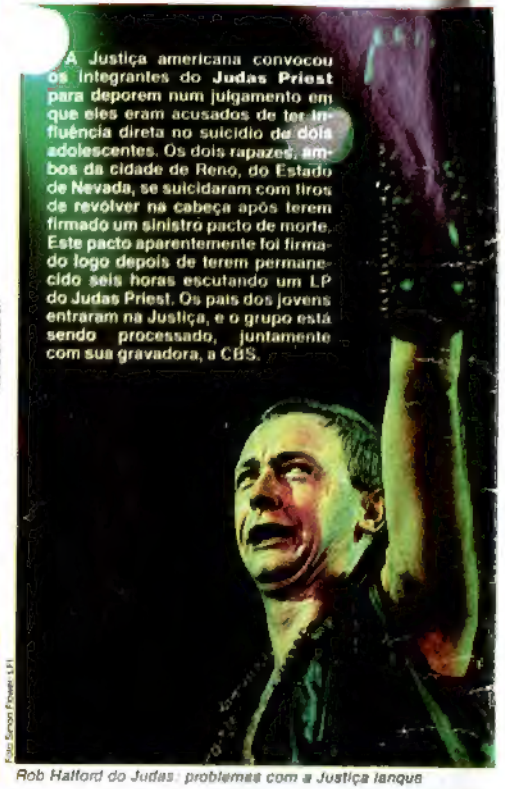


Foto Simon Fowler/ LFI

Rob Halford do Judas: problemas com a Justiça lanque

A VOLTA DOS BEATLES

Boatos anunciando a volta dos **Beatles** para uma série de concertos na Europa e EUA não param de circular por aí. Parece que dessa vez a coisa tem fundamento, pois é **Paul McCartney** que está agitando a reunião dos integrantes do grupo. **George Harrison** e **Ringo Starr** já declararam há tempos que estão dispostos a encarar o projeto, ainda mais agora que Harrison, por exemplo, anda meio curto de grana (dizem por aí que ele, depois do fracasso comercial de sua produção *Shangai Surprise*, filme com Madonna e Sean Penn ele não conseguiu levantar dinheiro nem para produzir um clip promocional para o seu novo LP, que, aliás, conta com a participação de Ringo Starr).

A única dúvida para a efetivação do projeto é: quem vai ser o substituto de **John Lennon?** Os dois mais fortes candidatos ao cargo, **Julian Lennon** e **Yoko Ono,** já foram descartados por Paul McCartney. Sugestão da BIZZ: que tal o **Raul Seixas?**

Foto Harry Hammond/ LFI

Quem você imaginaria para substituir Lennon numa possível reunificação do grupo mais famoso do mundo?

A FACE CARETA DE ELVIS

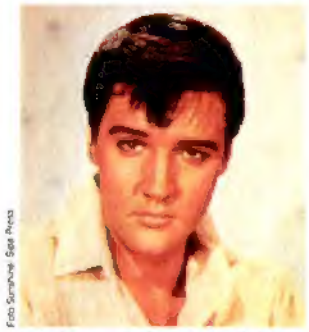


Foto Sunshine Spa Press

Elvis Presley: rebelde só nas aparências

Elvis Presley — que Deus o tenha — pisou na bola. O Arquivo Nacional dos EUA, com sede em Washington, revelou recentemente o teor de vários documentos presidenciais dos tempos de **Richard "Watergate" Nixon,** documentos estes que o ex-presidente tentou, juridicamente, manter em segredo durante mais de doze anos. Entre estes papéis comprometedores havia um documento que relata um encontro acontecido em 1970 entre Nixon e Elvis. Neste encontro, Elvis chamou a atenção de Nixon para o perigo representado na época pelos **Beatles,** que ele considerava "uma força motriz de espírito antiamericano". No mesmo encontro, Elvis acusou o grupo inglês de "promover o consumo de drogas", e ainda afirmou que os usuários de drogas e os hippies estavam "na vanguarda do protesto antiamericano". E, no decorrer do encontro, Elvis ainda insistiu para que seu nome fosse utilizado numa ampla campanha antidrogas.

Curioso, porém, é que sua morte em 77 foi causada justamente pelo abusivo consumo de drogas...

A MORTE DE DORSEY

O cantor Lee Dorsey, um dos grandes criadores do estilo soul e rhythm & blues americano, faleceu em dezembro último, pouco antes de completar sessenta anos de idade, vítima de um edema pulmonar. Dorsey — nascido em Nova Orleans — teve seu auge nos anos sessenta, quando gravou várias composições de **Allen Toussaint,** conhecido compositor e produtor americano. Entre suas gravações de sucesso, estiveram clássicos como "Ya Ya", "Working in a Coalmine", e "Ride Your Pony". Seu último LP é datado de 78, e uma de suas últimas apresentações ao vivo foi em 80, quando — a convite do seu fã Joe Strummer — abriu alguns concertos da turnê americana do **Clash.**

O SUMIÇO DE OZZY

Foto Paul Cox/ LFI

Ozzy: no meio do tratamento, o sumiço

Ozzy Osbourne está deixando sua esposa, seus três filhos e seus milhares de fãs preocupadíssimos. Recentemente ele esteve — fato corriqueiro — internado na clínica Betty Ford, em Nova York, para fazer mais um tratamento de desintoxicação de seus vícios (álcool e afins), quando, de repente, sumiu. Ele simplesmente desapareceu. Deixou as luxuosas dependências da clínica, sem ao menos pagar a conta! Faz semanas que ninguém sabe de seu paradeiro. Alô pombas e morcegos: cuidado, Ozzy está à solta!

BASEADO NO AVIÃO

Foto Goudenecke Spa Press

Fela e seu sax com as cores da África

Estava tudo indo muito bem para **Fela Kuti** e suas 27 esposas na excursão que promoveu no final do ano passado nos EUA. Nos lugares em que tocou, o saxofonista/compositor nigeriano lotou as dependências e ainda conquistou aplausos e críticas positivas, o que também fez com que ele enchesse os bolsos de grana. Só que num dos vários vôos domésticos que ele fez por lá, a coisa ficou suja pro seu lado. Em pleno trajeto de Denver para Seattle, ele foi preso: tinha se atrevido a fumar maconha em pleno vôo.

Nada de mais grave sucedeu. Ele foi libertado sob fiança algumas horas mais tarde, e a excursão pôde prosseguir.

ÁLCOOL E DROGAS

A clínica Betty Ford, de Nova York, especialista em tratamentos de desintoxicação e reabilitação de viciados em álcool e drogas, anda muito ocupada em cuidar de celebridades do rock'n'roll. Seus mais novos internos, depois do sumiço de Ozzy *(ver nota a respeito ao lado)*, são a cantora/compositora **Stevie Nicks,** ex-**Fleetwood Mac,** e o veterano (também de tratamentos deste tipo) **Jerry Lee Lewis.** Ambos enfrentam sérios problemas com dependência de drogas, sendo que Lewis tem a bebida como problema adicional. Good luck, Stevie e Jerry...

Foto LFI

Stevie Nicks: se livrando das drogas

RAMBO SALVA DAVID LEE ROTH

É isso mesmo! Vocês estão lembrados do tal *filme* que **David Lee Roth** ia escrever, dirigir, protagonizar, etc. etc., e que iria se chamar Crazzy From the Heat? Pois é, e David teve de desistir do projeto quando a CBS resolveu fechar seu departamento cinematográfico, e toda a pré-produção acabou sendo arquivada. E adivinhem quem resolveu assumir a produção do projeto de David porque "gosta muito dele"? É ele mesmo, Rambo — ops, perdão — **Sylvester Stallone,** que gostou da idéia e se comprometeu a concluir o filme, conforme a concepção de David Lee Roth, para a United Artists. Que bela dupla, hein? As filmagens já começaram...

David: colhendo simpatias de Stallone

Foto Richard Preston/ LFI

FLUIR LANÇA DISCO

Foto P. Luiz

Sérgio Hinds: inaugurando o selo Fluir

O rock progressivo sacode a poeira e dá a volta por cima. **Sérgio Hinds**, ex-guitarrista do Terço, lançou seu LP *Mar* pelo selo **Fluir**. Isso mesmo, o novo selo da revista *Fluir*, que, por sinal, comemorava seu primeiro aniversário na mesma data. Os veludos do 150 Night Club arrepiaram-se com os delírios guitarrísticos de Sérgio. Além de um guitarrista competente, ele teve a sabedoria de se cercar de uma banda correta do ponto de vista instrumental e que acompanha bem as viagens com toques "enroquenrolzados" deste novo trabalho de Sérgio.

A UNIÃO FAZ A FORÇA II

Foto Eugene Adebari LP

Womack: colaborando com Ron Wood

O Rolling Stone **Ron Wood** está gravando o seu quinto LP solo. E ele chamou um grande amigo seu para ajudá-lo na produção. Trata-se de **Bobby Womack**, que já tinha trabalhado com Wood nas gravações do primeiro LP solo deste e, ainda, no último LP dos Stones, *Dirty Work* (os Stones também levaram uma composição de Womack, "It's All Over Now", às paradas). O LP ainda não tem título, mas deverá ser lançado no Brasil.

OUÇA ESSA II

"Soa como se Chuck Berry estivesse tocando com o Judas Priest"
Gene Simmons, do Kiss, falando do show de Iggy Pop que tinha acabado de abandonar na metade.

ASTROS POLIVALENTES

Foto [illegible]

O astro Adam Ant: ator ou canastrão?

Quem é astro da música pop e tem um rostinho (ou corpinho?) bonitinho invariavelmente acaba se metendo com a indústria cinematográfica. Adam Ant, o pirata *new romantic* inventado por Malcolm McLaren, aparentemente desistiu da música e estréia como ator em dois longas ingleses, *Spellcaster* e *Slamdance*. E a cantora **Whitney Houston** dá uma de atriz na produção americana *The Bodyguard*, onde contracena com **Clint Eastwood**. Aguardem maiores informações sobre estes filmes.

Ao que tudo indica, **Michael Jackson** está preparando sua volta às telas, só que dessa vez como protagonista. Segundo alguns boatos da pesada, ele está louco para conseguir o papel principal do mais novo projeto de **Steven Spielberg**: uma refilmagem do clássico de terror *O Fantasma da Ópera*.

OS GANHADORES DA VESPA E DA GUITARRA

Aqui estão os nomes dos sortudos. Elder Doretto, de Marília, São Paulo, faturou uma Vespa, com o clip para "Será", do Legião Urbana. Alexandre Falabello, de Passa Quatro, Minas Gerais, ganhou uma guitarra igual a de Lulu Santos, por escrever a melhor crítica sobre o LP *Lulu*. Aproveitem!

NOVIDADES NO VINIL

Aí, moçada, estão pintando novidades no vinil que prometem saciar a sede de fãs de vários gêneros musicais. A começar pelos amantes do **King Crimson**, **Robert Fripp** em pessoa selecionou as faixas que entraram no LP duplo *The Compact King Crimson*, uma antologia que acaba de ser lançada pela EG Records.

Os fãs do **Queen** não vão ficar atrás: o grupo lançou um LP chamado *Queen Live Magic*, gravado ao vivo num concerto que eles deram em 86 no estádio de Wembley, em Londres.

E os fãs do **Propaganda**, entristecidos com a saída da cantora-compositora alemã Claudia Brücken, podem se animar: ela formou o grupo **Act** em parceria com o multiinstrumentista **Thomas Leer**, e eles estão lançando seu primeiro LP, *Snobbery and Decay*.

E atenção, fãs do **Kiss**: o guitarrista original da banda, **Ace Frehley**, assinou com a **Megaforce**, conhecida gravadora independente americana de heavy metal, e está gravando um LP co-produzido por **Eddie Kramer** (que já produziu coisas do **Led Zeppelin**).

BOAS DE LISBOA I

Foto Carlos Kenedy Alho

Gal Costa: recordes de público e execução na santa teminha

Tina Turner, de passagem, esteve 24 horas em Portugal para entrevistas de televisão e imprensa escrita. Meio mundo ficou espantado: quando se julgava ver por lá uma estrela fria e distante, a "quarentona" surpreendeu pela sua simpatia, paciência e boa conversa.

A passagem de **Gal Costa** por Portugal, no final do ano passado, também deixou saudades. Foi um êxito estrondoso: ela acabou fazendo 11 espetáculos em vez dos cinco previstos. Bateu os recordes de público — antes em poder de **Simone** (argh!) — e, um mês depois de sua partida, ainda disputava as primeiras colocações das paradas lusas com **Madonna...** O segredo deste sucesso todo, segundo nossos correspondentes portugueses, chama-se "Um Dia de Domingo".

ERRAMOS

NA BIZZ 18, página 66, publicamos uma foto do **Finis Africae**. O problema é que a legenda está errada. O certo é — da esquerda: Neto, Zezinho, Eduardo e Ronaldo. Sorry, boys...

SYD NO VINIL

O produtor inglês **Alan Duffy**, de Manchester, está organizando o lançamento do LP *Beyond the Wild Wood (A Tribute to Syd Barrett)*, que reunirá gravações de músicas do legendário cantor/guitarrista/fundador do Pink Floyd, **Syd Barrett**. São versões feitas por vários grupos independentes, em sua maioria neopsicodélicos, como **Soup Dragons**, **Shamen**, **TV Personalities** e a banda californiana **Plasticland** (que teve um LP lançado em 85 no Brasil, pela RGE).

E a EMI inglesa, que detém os teipes do material gravado por Barret no início da década de 70, aproveitou o embalo e já prometeu que lançará, ainda este ano, uma antologia reunindo as gravações de Barret, inclusive um vasto material inédito. Ooooooobaaaaaa!!

A UNIÃO FAZ A FORÇA III

Foto Cara

Philip Glass: colaboração em vista com um grupo heavy metal

Entre as várias surpresas que o novo LP de **Michael Jackson** promete, uma já foi revelada: numa das faixas, Michael faz um dueto vocal com **Barbra Streisand** (argh!).

Essa vai deixar longos cabelos em pé: sabem quem vai participar do próximo LP do **Motorhead**, conhecido grupo heavy inglês? É um tal de **Philip Glass**, um tipo esquisito que anda misturando música contemporânea e minimalismo com música pop.

E, finalmente, uma para os mods: sabem quem é o novo baterista da banda de **John Entwistle**, o baixista do **Who**? É um tal de **Zak Starkey**, mais conhecido como o filho de **Ringo Starr**.

CURE CENSURADO

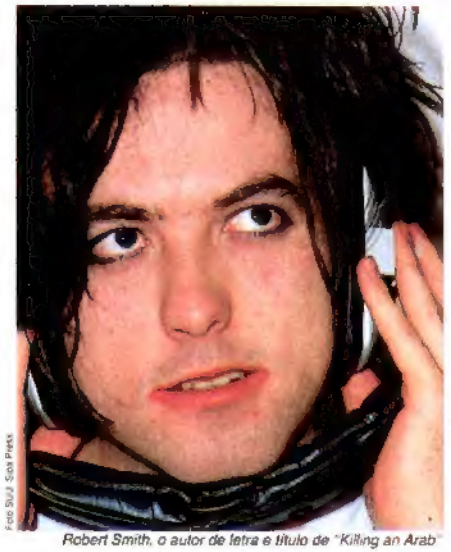


Foto Suzi Soa Preta

Robert Smith, o autor de letra e título de "Killing an Arab"

"Queremos que a natureza instigadora do título desta música seja assunto para um debate nacional", declarou um relações-públicas do ADC (Comitê Americano-Árabe Antidiscriminação), entidade que conseguiu que a faixa "Killing an Arab" fosse retirada da edição americana da coletânea *Standing on a Beach*.

A canção, já com sete anos de idade, foi, segundo Robert Smith, inspirada no livro *O Estrangeiro*, do escritor francês Albert Camus, mas o pessoal da ADC não quis nem saber: estão convencidos de que "o fato da música ser a primeira do lado A do disco e de ter sido a escolhida pela WEA americana para ser 'trabalhada' pelos seus divulgadores junto às rádios jovens representa uma cínica estratégia de marketing que visa aproveitar a histeria antiárabe que assola os EUA".

OSCAR COMPULSÓRIO

Foto Gemma Sola

Stevie: perdendo a posse da estatueta

Stevie Wonder está correndo sério risco de ter de devolver o Oscar de melhor canção que ele conquistou no ano retrasado com a melosa "I Just Called to Say I Love You", tema do filme *A Dama de Vermelho*. Recentemente ele esteve envolvido numa acusação de sonegação de direitos autorais dessa mesma canção, feita por dois ex-parceiros seus, Lee Garrett e Lloyd Chiate. O caso foi levado à Justiça, mas Wonder ganhou a causa porque seu advogado conseguiu provar que a música tinha sido composta e gravada em 76. Acontece que Stevie escapou de um problema e caiu de cabeça em outro, porque uma das cláusulas da competição no item "melhor canção" do Oscar determina que a música concorrente tem de ter sido composta para o filme *no mesmo ano* da produção da fita. Resumindo: como é que ele poderia faturar a estatueta que premia a melhor canção de 86 tendo composto a música há dez anos?!

Favor enviar as respostas para a Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood...

OUÇA A REVISTA

A mais recente novidade do mercado editorial norte-americano dedicado à música é a *Cymbiosis*, um misto de cassete pré-gravado e revista especializada em fusion e rock progressivo.

O nome da revista-cassete é um trocadilho com simbiose, o termo científico que descreve a "união de dois organismos diferentes que vivem uma junção benéfica para ambos". Assim, *Cymbiosis* combina uma fita de alta qualidade (mais tarde será substituída por compact disc), com faixas apresentando artistas independentes e inéditos, mais textos referentes à música apresentada nas fitas. A maior vantagem deste novo formato editorial é que o leitor não precisa ficar imaginando como soaria o artista de que fala a revista.

Em seu primeiro número, *Cymbiosis* traz artigos com estrelas do fusion, como Allan Holdsworth e Wishful Thinking. E quem quiser fazer assinaturas deve escrever para *Cymbiosis*, 1222 Butterfield Rd. West Covina, California, 91791, EUA. Para o segundo número da revista o editor Ric Levine promete histórias sobre Jeff Berlin, Scott Henderson (que toca com Jean-Luc Ponty) e T. Lavitz (do grupo Dregs).

A UNIÃO FAZ A FORÇA IV

Foto Ubirama Sofia

John Illsley, baixista dos Dire Straits

Os integrantes do **Dire Straits** resolveram dar um tempo para descanso e busca de novas inspirações. **Mark Knopfler** já declarou que o próximo LP só deverá sair no finalzinho deste ano. Só que não vamos ficar na mão: o baixista **John Illsley** está lançando seu primeiro LP solo, do qual participam todos os integrantes do Dire Straits (aguardem novidades).

E está saindo também o LP conjunto de três das cantoras mais populares da música country americana: **Linda Ronstadt, Dolly Parton** e **Emmylou Harris.** O disco certamente venderá horrores por lá, ainda mais depois que o primeiro clip promocional do disco começar a ser exibido na MTV. Afinal, o clip foi dirigido por um tal de **George Lucas...**

NIGHTCLUB EM BELÔ

Depois de uma eternidade entregue às traças, Belo Horizonte finalmente recebe uma casa noturna à altura dos novos tempos. Com capacidade para 500 pessoas, o **Crepúsculo dos Deuses** foi inaugurado no final do ano passado para uma platéia seleta, que se deleitou com o filme *Cidade Oculta*, na presença do diretor **Chico Botelho** e do ator (?) **Arrigo Barnabé.** Tremendo su.

Afora mostras de artes plásticas e a estréia da peça *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertold Brecht, o ponto alto ficou mesmo com a programação musical, que, ao longo do mês, abrigou **Patife Band, Cólera, Mercenárias, Kães Vadius** e ainda as pratas da casa — Sexo Explícito, Nero, Divergência e Transe em Transe.

ROCK AROUND THE CLOCK

Foto Itaiti Geiel Abiti

Os Inocentes a caminho da universidade

Eba! Rock à vista na Praça do Relógio da USP! Parece que vai haver outro show gigantesco ao ar livre na USP, num espaço aberto com capacidade para mais de 50 mil pessoas. O show está marcado para rolar a partir das 17 horas do dia 28 de março próximo. Eis as bandas que já confirmaram sua presença: **Kid Vinil & Os Heróis do Brasil, Os Inocentes, As Mercenárias, Os Replicantes, Finnis Africae, 365, Grinders, Maria Angélica, Kães Vadius** e **Varsóvia.** A promoção é da Associação dos Ex-Alunos da Escola Politécnica da USP. Entrada franca.

RACHANDO O CONCRETO I

Foto Ricardo Junqueira Pinto Neto

Pânico! grupo da nova safra brasiliense

Existem 280 bandas brasilienses registradas na Associação dos Músicos daquela cidade. Dado o sucesso de grupos como Legião, Plebe e Capital, a **WEA** e a **Artway** promoveram o Festival Eletrônico de Bandas de Rock, que peneirou 60 bandas para uma apresentação final de 20. Dessas, foram escolhidas 10 para serem incluídas no LP *Rock Brasília, Explode Brasil* (!?), a ser lançado pela WEA. As gravações desse disco são justamente aquelas colhidas ao vivo pelo produtor **Penna Schmidt** no decorrer da fase final do festival. Os dez grupos escolhidos foram: **Os Culpados, Pânico!, W-3, Elite Sofisticada, Artigo 153, 5 Generais, Habeas Corpus, Beta Pictoris, Marciano Sodomita** e **Manto.**

BLEARGH!

Somos francamente contra a censura, mas há um programa de TV que deveria arder para todo o sempre nas chamas do inferno. É o especial (?) que a Globo colocou no ar no dia 28 de dezembro, com a orquestra sinfônica de Londres. O que se ouvia, garantiam as chamadas, era Beatles. Era, na verdade, um dos mais bárbaros crimes musicais já visto. Pior que Frank Purcell. Pior que a orquestra do Mantovani tocando clássicos. Um acinte. Se você viu o programa, não conhece os Beatles e achou que aquilo tinha algo a ver com a banda, apague tudo. Falha vossa, rede Globo.

CELLULOID NO BRASIL

Foto Gamal Sigita

Toure Kunda, em breve no Brasil

A gravadora independente francesa **Celluloid,** que tem em seu cast desde música africana, passando pela música caribenha até biscoitos finos da vanguarda nova-iorquina, conseguiu representação no Brasil: alguns discos da Celluloid serão lançados este ano pela **RCA.** O primeiro será um LP do grupo caribenho de soca (fusão de soul com calipso), o **Kassav,** aproveitando a vinda deles ao Brasil (deverão tocar em algumas poucas cidades brasileiras). Também foram prometidos, na sequência, lançamentos do **Toure Kunda** (senegalês) e do **Malavois** (caribenho). E vejam só que outras preciosidades eles têm em seu catálogo: **Material, Bill Laswel, Fela Kuti, Ginger Baker, Golden Palominos** e muito mais.

ASTROS POLIVALENTES II

Foto Divulgação

Quincy Jones: agora, diretor de cinema

O produtor/tecladista/arranjador **Quincy Jones** está prestes a pendurar as chuteiras na área musical. Tão logo ele conclua a (tumultuada) produção do novo LP de **Michael Jackson,** ele irá se dedicar exclusivamente à direção de um filme, que deverá ser estrelado por **Robert De Niro** (aguardem maiores informações a respeito).

Enquanto isso, novos atores continuam aparecendo, vindos da música pop: **Mick Fleetwood** (ex-líder e baterista do **Fleetwood Mac**) e **Dweezil Zappa** (guitarrista e filho de Frank Zappa) fazem papel de pai e filho respectivamente, no longa-metragem *The Running Man*, que começa a ser estrelado e produzido pelo musculoso **Arnold Schwarzenegger.**

E a afinada **Dionne Warwick,** intérprete favorita da dupla Burt Bacharach & Hal David, faz seu début cinematográfico interpretando uma requintada madame no filme *Rent a Cop*, do qual ainda participam **Burt Reynolds** e **Liza Minelli.**

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Será que 86 dará bons frutos em 87? Confira você mesmo e veja quem está em estúdio este mês. Pela CBS gravam **Tokyo,** o **ex-Metrô** (ainda sem nome novo), **Dr. Silvana e Domínio.** Na RCA estão **Lobão,** os recém-contratados **Picassos Falsos** (Porão BIZZ 15) e o **Trem da Alegria.** A Continental está preparando uma safra roqueira e o primeiro grupo em estúdio é o 365 (Porão BIZZ 11).

Do lado independente, quem está desde janeiro em estúdio são os **Kães Vadius,** pelo selo Ataque Frontal. O resto das gravadoras estava de férias ou não tinha definido nada até o fechamento desta nota.

OUÇA ESSA III

"A escolha lógica e ideal para os substitutos de Poindexter e North *(os militares demitidos por estarem envolvidos no escândalo Irã/"contras" da Nicarágua)* na Casa Branca só poderiam ser Sean Penn e Madonna". Frank Zappa

RACHANDO CONCRETO II

Foto Renato dos Anjos Anno

Legião Urbana: frenesi na capital federal

O pomposo e faraônico Teatro Nacional de Brasília recebeu pela primeira vez em sua ampla e bonita sala Villa-Lobos a presença de rock. A **Legião Urbana** se apresentou lá nos dias 15 e 16 de dezembro, com ambas as lotações esgotadas. O som local e a acústica deram um ar mais suave às composições da banda e **Renato Russo** esteve mais contido, o que não impediu que o show durasse duas horas e levasse todos os presentes ao delírio. No dia 15, duas músicas do repertório do **Aborto Elétrico** (embrião da Legião) — "Dado Viciado" (até hoje proibida) e "Sexo Verbal" — fizeram a alegria da rapaziada. No dia 16 pintaram problemas com o amplificador da guitarra, mas tudo bem.

Delírio mesmo foi a apresentação do dia 19, no Ginásio de Esportes, onde o recorde de lotação (pertencente a um show de **Roberto Carlos**) foi quebrado com distância. Cerca de 20 mil pessoas se comprimiam, cantavam e dançavam ao mesmo tempo. Com a aproximação do final do show, houve invasão do fosso (a segurança era mínima) e, na última música, El Russo saiu carregando uma menina no pescoço e toda a turma embarcou direto em dois carros velozes que esperavam com o motor ligado, no melhor estilo Beatles. Brasília nunca viu nada igual.

BOAS DE LISBOA II

Portugal vive, neste momento, a euforia das "rádios livres", estações ilegais de FM que nascem todos os dias em todo o país. Já há mais de 600 emissoras "piratas" por lá. Curiosamente, entre todas, a mais ouvida fica nos arredores de Lisboa e se chama **Rádio Cidade.** Os "craques" da estação são ex-imigrantes portugueses no Brasil — com sotaque carioca — e o segredo do êxito da rádio está no modelo de FM brasileiro que eles adotaram por lá. A programação é toda feita com base nas paradas londrinas e americanas. Só abrem exceção para alguns nomes portugueses e muitos brasileiros: **Kid Abelha, RPM, Paralamas do Sucesso, Rita Lee, Blitz, Lulu Santos, Ney Matogrosso** e **Gal Costa.**

E atenção: parece mesmo que os LPs *Rádio Pirata ao Vivo* do RPM e *Selvagem* dos Paralamas já foram lançados em Portugal, e estão sendo bem recebidos.

A UNIÃO FAZ A FORÇA V

Foto Gamal Sigita

Mick & Tina: novos flertes neste ano

Estão confirmados os rumores de que **Tina Turner** e **Mick Jagger** farão — juntos — uma gigantesca excursão pelos EUA e, eventualmente, Europa, Japão e Austrália. Pelo menos, as datas americanas já estão acertadas. Tina deverá abrir a maioria dos espetáculos — afinal, "ladies first"...

Depois entrará o saltitante Jagger — *alone*, sem os Stones — para esquentar ainda mais o espetáculo e para preparar o grand-finale, em que ele e Tina deverão cantar juntos umas duas ou três músicas, bem ao estilo da apresentação deles no Live-Aid.

PARADA BIZZ

Parada do Leitor (Pol

1 (1) *Dois* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2 (3) *Capital Inicial* — **Capital Inicial** (Polygram)
3 (2) *Rádio Pirata ao Vivo* — **RPM** (CBS)
4 (6) *Selvagem?* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
(8) *Vivendo e Não Aprendendo* — **Ira!** (WEA)
6 (4) *True Blue* — **Madonna** (WEA)
7 (7) *Cabeça Dinossauro* — **Titãs** (WEA)
(4) *Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
9 (4) *The Queen is Dead* — **Smiths** (WEA)
10 (10) *O Concreto já Rachou* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
11 (12) *Viva* — **Camisa de Vênus** (RGE)
12 (R) *The Head on the Door* — **Cure** (Polygram)
(N) *Flaunt It* — **Sigue Sigue Sputnik** (EMI-Odeon)
14 (14) *Bring on the Night* — **Sting** (Polygram)
(N) *Todas ao Vivo* — **Marina** (Polygram)

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidade na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (10) *1975-1985* — **Bruce Springsteen & E-Street Band** (Columbia)
2 (2) *Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
3 (1) *Third Stage* — **Boston** (MCA)
4 (N) *The Way It Is* — **Bruce Hornsby & the Range** (Polygram)
5 (3) *Fore!* — **Huey Lewis & the News** (Chrysalis)
6 (9) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
7 (N) *Whiplash Smile* — **Billy Idol** (CBS)
8 (N) *Every Breath You Take — The Singles* — **Police** (RCA)
9 (7) *Dancing on the Ceiling* — **Lionel Richie** (Motown)
10 (N) *Word Up* — **Cameo** (Polygram)

Compactos (EUA)

1 (N) "The Way It Is" — **Bruce Hornsby and the Range** (RCA)
2 (N) "Walk Like an Egyptian" — **Bangles** (Columbia)
3 (N) "Everybody Have Fun Tonight" — **Wang Chung** (Geffen)
4 (4) "You Give Love a Bad Time" — **Bon Jovi** (Polygram)
5 (8) "The Next Time I Fall" — **Peter Cetera/Amy Grant** (Warner)
6 (N) "Notorious" — **Duran Duran** (Capitol)
7 (N) "Hip to Be Square" — **Huey Lewis and the News** (Chrysalis)
8 (N) "Shake You Down" — **Gregory Abbott** (Columbia)
9 (2) "Human" — **Human League** (A&M)
10 (N) "To be a lover" — **Billy Idol** (Chrysalis)

LPs (GB)

1 (7) *Every Breath You Take — The Singles* — **Police** (A&M)
2 (N) *The Whole Story* — **Kate Bush** (EMI)
3 (N) *Hits 5* — **Vários** (CBS)
4 (6) *Top Gun* — **Trilha sonora do filme** (CBS)
5 (1) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros)
6 (N) *1975-1985* — **Bruce Springsteen & E-Street Band** (CBS)
7 (N) *Now That's What I Call Music 8* — **Vários** (EMI/Virgin)
8 (N) *Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Vertigo)
9 (2) *True Blue* — **Madonna** (Sire)
10 (N) *Now Dance 86* — **Vários** (EMI/Virgin)

Compactos (GB)

1 (7) "Take My Breath Away" — **Berlin** (CBS)
2 (N) "Final Countdown" — **Europe** (CBS)
3 (N) "Sometimes" — **Erasure** (Mute)
4 (N) "Breakout" — **Swing Out Sister** (Mercury)
5 (10) "You Keep Me Hangin On" — **Kim Wilde** (MCA)
6 (N) "Showing Out" — **Mel & Kim** (Supreme)
7 (N) "Livin' On a Prayer" — **Bon Jovi** (Vertigo)
8 (N) "Caravan of Love" — **Housemartins** (Go! Discs)
9 (N) "French Kissin' in the USA" — **Debbie Harry** (Chrysalis)
10 (N) "The Rain" — **Oran "Juice" Jones** (Def Jam)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Your Funeral... My Trial* — **Nick Cave & Bad Seeds** (Mute)
2 (N) *The Moon and the Melodies* — **Cocteau Twins** (4AD)
3 (1) *Brotherhood* — **New Order** (Factory)
4 (N) *Bedtime for Democracy* — **Dead Kennedys** (Altern Tentacles)
5 (N) *Force* — **A Certain Ratio** (Factory)
6 (N) *Hit By Hit* — **Godfathers** (Corporate Image)
7 (N) *Quirk Work* — **Stump** (Stuff)
8 (3) *Filigree and Shadow* — **This Mortal Coil** (4AD)
9 (N) *Stomping at Klub Foot Vol. 3 & 4* — **Vários** (ABC)
10 (4) *The Queen is Dead* — **Smiths** (Rough Trade)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Sometimes" — **Erasure** (Mute)
2 (N) "Kiss" — **Age of Chance** (Fon)
3 (N) "Bizarre Love Triangle" — **New Order** (Factory)
4 (5) "Ask" — **Smiths** (Rough Trade)
5 (N) "Poppiecock" — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
6 (4) "Love's Easy Tears" — **Cocteau Twins** (4AD)
7 (N) "Steaming Train" — **Talulah Gosh** (53rd & 3rd)
8 (N) "Into the Groovy" — **Ciccone Youth** (Blast First)
9 (3) "Hang Ten" — **Soup Dragons** (Raw TV Productions)
10 (N) "Really Stupid" — **Primitives** (Lazy)

Fonte: revistas *Cash Box* e *Billboard* (EUA, de 06/12/86 a 27/12/86); *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB, de 22/11/86 a 20/12/86)

PHILADELPHIA

LIBERDADE EM PRIMEIRO PLANO.

Philadelphia reflete em forma de roupa a juventude de hoje. Philadelphia são camisetas que fogem do tradicional. Camisas com propostas fortes. Calças com cortes modernos. Enfim, uma coleção de roupas muito soltas, descontraídas. Cores vivas, estampas exclusivas, diferentes. Resumindo: Philadelphia não inventa moda. Ela cria.

Av. Sumaré 1103 · CEP: 05016 · São Paulo (SP) Fone: 872-3399

EM VEZ DE UMA FITA COMUM, FIQUE LOGO COM UMA HOT TAPE DA BASF.

A fita que esquenta qualquer som está de cara nova. Mas não foi só a cara que mudou.
A Hot Tape ficou ainda mais apimentada.

Agora, a Hot Tape que você compra aqui no Brasil é idêntica à Hot Tape que os europeus compram na Europa. Por dentro e por fora.

Compre logo a fita que esquenta qualquer som. Aqui ou na Europa.

Fique com a Hot Tape da BASF. Agora, ainda com mais pimenta.

BASF

NÃO SE CONTENTE COM MENOS.

Agora, Hot Tape tem nova embalagem, idêntica à vendida na Europa.

Serviço de Orientação ao Consumidor BASF (SOC) - Tel.: (DDG - Brasil) 800-8006 - S. Paulo (011) 258-3291.

LANÇAMENTOS

TUTU — Miles Davis (CBS)

OK, amigos, convenhamos, Miles Davis é f*. Aos sessenta anos de idade, ele lança um disco que consegue ser uma espécie de auge *cool* de todas as suas últimas tentativas em potencializar a música instrumental — *sorry*, não vou usar o termo jazz neste contexto — a ponto de transformar seu trompete num instrumento capaz de remeter a sensações e emoções que, até então eu acreditava, só poderiam ser estimuladas pelo canto da voz humana. Creio que *Decoy* e *You're Under Arrest*, seus LPs anteriores, apontaram caminhos, mas este chegou lá. Miles encontrou um singelo ponto de equilíbrio — perfeito — na sua eterna tentativa de levar a música instrumental aos ouvidos ávidos por energia e estímulos breves, os ouvidos dos "roqueiros" menos preconceituosos, sensíveis ao blues desde que identificaram neste gênero a faísca que acendeu o fogo do rock'n'roll: o sexo. Yeah, B.B. King deve ter ouvido este disco e dito: "That's it! Play it again, Miles!"

Tutu não é um disco de blues. O repertório tem várias composições de Marcus Miller, a eminência parda do disco, uma de George Duke ("Backyard Ritual") e — ops, babei na lauda — uma música do grupo pop inglês Scritti Politti (infelizmente inédito no Brasil). Miller toca quase todos os instrumentos e programa todas as baterias eletrônicas, exceção feita a uma percussão ou outra, alguns teclados, violino (tocado pelo polonês Michael Urbaniak) e, lógico, ao trompete de Miles. O lado A lembra muito os climas leves dos LPs anteriores, a não ser pela faixa "Splatch", que faria até o defunto de Elvis balançar as ancas. O lado B só tem pérolas. Balanço e texturas imprevisíveis. Só acho que o nome do disco deveria ser Mandela.

Thomas Pappon

ROCK THE NATIONS — Saxon (EMI-Odeon)

O sonho de todo roqueiro é ter sempre em volta de si amigos mais chegados reunidos num lugar para curtir o som que mais gostam. O Saxon sonha com esse trabalho atual unir o pessoal do mundo todo (talvez num monstruoso concerto metálico). Sei não. Já em seu LP anterior senti algo sem sabor, um certo fastio. Agora não sei se é isso que percebo, mas esse *Rock The Nations* deixa um pouco a desejar, apesar do simpatia em colocarem a bandeira brasileira na capa e no encarte em meio às dos países mais roqueiros.

Já as guitarras de Graham e Paul trabalham bem, porém a bateria parece em alguns momentos muito presa (talvez pela troca do baixista). Biff está de acordo. Mesmo assim, a faixa-título "You Ain't No Angel", e as duas com participação de Elton John "Party Till You Poke" e "Northern Lady" vão bem. Sentiram o drama?

L.R.

FLOR CIGANA — Luís Caldas (Polygram)

Divertido, alegre, leve e extremamente dançável, prato cheio para se suar no verão do Otapoque ao Chuí. Caldas, mesmo assim, apanhado de surpresa pelo sucesso, consegue às vezes pisar na bola, como na faixa "É Tão Bom", na qual recebe a colaboração de seu companheiro falado Caetano Gedardo. Na letra, platitudes do gênero "É tão bom não se desesperar com besteiras nem levar a sério as asneiras que algum ser humano tramou". "Lobo Bobo" e "Estrela" vão certamente concorrer com a Xuxa ou a Turma do Balão Mágico. O disco deveria seguir mais a linha da sacudida "Eu Vou Lá" ou do reggae "Beverly Hills", onde Caldas declara seu perdido amor ao Rio de Janeiro. Ou na do delicioso resgate de "Canção de Amor", de Chocolate ("Saudade, torrente de paixão, emoção diferente").

J.E.M.

CIDA MOREYRA (Continental)

O terceiro LP da cantora e pianista Cida Moreyra mostra uma artista com voz madura e interpretação só dela, emocional-jazzística. O repertório tem sofisticação e inclui músicas de Paulinho da Viola, Arrigo Barnabé e Eduardo Dusek. Mas o disco padece da doença mais frequente na MPB de hoje: os arranjos burocráticos, vincados por excessos instrumentais. Nas doze faixas aparecem intoleráveis karaokês urdidos por teclados eletrônicos. Os bons momentos se dão pela voz e pelo piano de Cida. E o caso da "Balada do Louco", dos Mutantes, enquanto o DX7 não vem. Outra faixa relevante é a versão brasileira de "Hurricane", de Bob Dylan, onde a cantora se mostra adequadamente ríspida.

L.A.G.

RUBI — Alceu Valença (RCA)

Certeiro, eficiente e bem-vindo. Valença encontrou uma fórmula de bem traduzir para ouvidos nacionais uma regionalidade forte e desconhecida, pelo menos para a classe média e alta, da Bahia para baixo. Sempre tingindo suas letras de uma sensualidade malemolente, como em "No Romper da Aurora" ("Vou farejando no fundo das ventas teu cheiro, como um ção de caça") ou em "Amor Covarde" ("A pele nua cheirando a jasmim/boca cereja, bandeja de prata, do-in"), o autor/cantor dá seu recado sem pretensões messiânicas tão comuns em determinadas latitudes nordestinas. Curto e contundente em "Senhora Dona", lamentoso em "Rubi", com os bons teclados de Márcio Miranda, Alceu acerta de novo.

J.E.M.

STAND BY YOUR MAN — Tina Turner (Lup Som)

Tina Turner gastou quase 20 anos de sua vida se desvencilhando do sofrimento gerado pelo casamento com Ike — uma união infeliz que por pouco não condenou Tina à eterna submissão.

Pois não é que agora surgiu um relançamento que desencavou versões que Tina fizera lá nos recônditos dos anos 60/70 de *standards* da música country — justamente um dos gêneros musicais que mais celebra a submissão feminina, quando entregue a vozes de mulheres!

Tina não nega suas origens rurais, no Tenessee, mas daí a querer criar uma carreira country à revelia da cantora é um pouco de insolência do produtor David Lopatin. Ademais, Tina não é, exatamente, uma Dolly Parton, concordam?

J.E.R.

TOMASI E JOLIVET — Wynton Marsalis e Orquestra Philharmonia sob regência de Esa Pekka Salonen (CBS)

A soma do sopro metistofélico do trompetista Marsalis e da regência do maestro finlandês Salonen resultou num disco antológico, união de dois dos talentos de 26 anos de idade.

Nos LP, concertos para trompete e orquestra dos compositores franceses Henri Tomasi (1901-1971) e André Jolivet (1905-1974) ganham contornos inauditos. Mesmo porque essas obras nunca foram gravadas antes. No jazz e na música erudita Marsalis é simplesmente imbatível. Os sons diamantinos que produz não têm similar. Toca música erudita moderna sem ser acadêmico e reelabora peças neoclássicas com a Philharmonia de Londres, uma orquestra que une vigor e equilíbrio. Texturas assimétricas e polifonais de Jolivet e o lirismo de Tomasi assumem proporções épicas com Marsalis. Há alguém que ainda queira compará-lo ao folclórico Miles Davis?

L.A.G.

ALMA — Egberto Gismonti (Odeon)

Gostei muito da concepção deste disco. Egberto regravou algumas de suas composições preferidas. Deu a todas um tratamento homogêneo: apenas o piano acústico de Egberto, com eventuais e discretas intromissões de percussão, celo, bombardino, orquestra e sintetizadores. Ah, os sintetizadores — dessa vez eles ocupam uma função bem adequada, criando atmosferas e planos para as delicadezas energéticas do piano.

Leia o repertório: "Baião Malandro", "Palhaço", "Loro", "Maracatu", "Karatê", "Frevo", "Água & Vinho", "Infância" e "Cigana". Todas belíssimas e tratadas com simplicidade, clima e fúria. Ainda nunca tinha ouvido nada parecido na MPB instrumental, e muito menos entre os discos vindos de fora. Egberto Gismonti é um grande músico e aproveitou bem os anos em que estudou e pesquisou ritmos nacionais, música étnica e MPB, para criar um trabalho de identidade incontestavelmente própria.

T.P.

GAROTOS DA RUA (RCA)

O rock atual apresenta tantas ramificações e armações que acabou se perdendo de sua rota original. De vez em quando, mesmo chamados de ultrapassados, surgem grupos que retomam a rota inicial, como o carioca Barão Vermelho e este gaúcho, Garotos da Rua, fiéis ao lema dos Stones: *It's only rock'n'roll*.

Então, não espere deste disco de estréia dos gaúchos mais que rocks bem executados, com letras despretensiosas, onde os destaques vão para "Que Piada" (com participação gutural de Ezequiel Neves), "Longe de Você" (um rockão *à la* "Brown Sugar"), "Bop a Lena" (versão de Raulzito Seixas para o clássico de Ronnie Self) e o hit "Tô de Saco Cheio". Pode não ser pós ou pré nada, mas atinge o público certo.

T.L.

ABRA SEUS OLHOS — Erasmo Carlos (Polygram)

Mais uma tacada de um velho mestre. Seguro, Erasmo passa pelo romântico à James Taylor ("Coração de Jovem"), pelo funk ("Analise Descontraída", onde menciona temas como Chernobyl ou o apartheid), pelo calipso, na divertida "Papagaio de Pirata", onde malha os puxa-sacos, e pelo rock "Blá Blá Blá" — no qual traça questões momentosas como reforma agrária, eleições, compulsórios e congelamentos. Sucesso certo, e mais que merecido.

J.E.M.

CLASS OF '55 (Polygram)

Será que estaríamos aqui falando de rock se não fossem esses caras? Eles chegaram a Memphis, terra de Elvis "We Remember The King" Presley, há cerca de 30 anos, e a música nunca mais foi a mesma. No lendário estúdio da Sun Records inventaram o rockabilly. E não deixam dúvidas neste reencontro histórico, gravado em apenas quatro dias, no meio dos 80.

O *Killer* Jerry Lee Lewis continua infernal ao piano, atacando de hully-gully e regravação do doo-wop "Sixteen Candles", clássico hit dos Crests. Mas o vinil ainda tem as baladas de Roy Orbison, o country blues de Johnny Cash, os billies de Carl "Blue Suede Shoes" Perkins e a farra de "Big Train (From Memphis)", um big rock n'roll de John Fogerty. Tantas personalidades, entretanto, acabam tornando o LP desigual. Mas, enfim, quem é que vai condená-los por trabalhar emocionalmente?

M.P.

EVANDRO — Evandro Mesquita (Polygram)
PRISIONEIROS DO AR — Ricardo Barreto (EMI-Odeon)

Encontrar uma possível "matriz estética" na finada Blitz é uma piada quase tão sem graça quanto as músicas que a banda perpetrou. Tais bobagens, porém, viraram material de inspiração para dois ex-integrantes do grupo: o baixista Ricardo Barreto e o vocalista Evandro Mesquita. Ambos os artistas, agora solos, beberam nas suas fontes para desafiar a paciência do ouvinte.

Comece por Ricardo. O LP ecoa como uma incrível descoberta. Com talento de paleontólogos, Ricardo e banda ensinam que é possível existir um estágio de barbárie musical inferior ao da Blitz. Dez faixas-fósseis ganham animação. A balada "Inimigos" ("um revival de protest song", para Ricardo) e "Andréia Andróide" ("um videogame") remetem o incauto aos ares duvidosos da era pré-Made In Brazil. Percorre o LP um frêmito ancestral de paz e amor.

Parta agora para Evandro. Ele é assim, quer causar espanto, fazer piadas, dizer palavrões pasteurizados e honrar o passado com uma versão reggae tupi do samba "Gago Apaixonado", de Noel. A menos abacaxi das canções do disco, "Greg e Sua Gang", tem letra modernínha sobre jovens que buscam a liberdade num bairro operário e uma melodia sabor fantasia. Tudo possui miasmas de Blitz. As dez faixas restantes não decepcionam. Evandro demonstra em suas interpretações — marcadas, claro, por uma retumbante genialidade — que a Blitz continua "viva"...

Luis Antonio Giron

LANÇAMENTOS

ONCE UPON A TIME — Siouxsie & the Banshees (Polygram)

Uma resenha deste ano apresentava Siouxsie como o Robert Smith de saias... A dinâmica indústria discográfica nacional é deveras divertida. E quem costuma rir por último são os importadores, que têm nos Banshees um dos itens mais vendidos de suas lojas. O lançamento da coletânea de compactos *Once Upon a Time*, simultaneamente à vinda de Siouxsie ao Brasil, corre atrás do prejuízo.

Trata-se do primeiro balanço da carreira dos Banshees, que, na época (81), comemoravam cinco anos de existência e gozavam do status de divisor de águas. O minimalismo animalesco do lado A até hoje impressiona nosso esforçado underground. O primeiro compacto ("Hong Kong Garden") é de 78 — apesar de pertencerem à leva de 76 —, o que ajudou a distingui-los de seus contemporâneos. Além disso, antes de Siouxsie & cia. ninguém falava em góticos.

No lado B estão alguns hits ("Happy House", "Israel", "Spellbound") da terceira e melhor formação (Sioux, Severin, Budgie e McGeoch), deixando de fora apenas os psicodelírios do LP *A Kiss in the Dreamhouse*, de 82. Os fãs mais antigos já devem ter enjoado, mas o neófito merece babar. Afinal, pelo que mostraram em *Tinderbox*, dificilmente os Banshees conseguirão superá-los. *Marcel Plasse*

KID VINIL E OS HERÓIS DO BRASIL (3M)

Da fusão entre o punk-bracciolado Verminose e o ueive-boy do Magazine nasceu o novo Kid Vinil, que, com os Heróis do Brasil, apresenta um dos mais divertidos e gostosos discos de rock brasileiro do ano passado. Acompanhado aqui de ótimos músicos — o guitarra André Christovam (autor de quase todas as letras), Kuky, Nilton e Ary (respectivamente, bateria, baixo e teclado) — ele promove uma cruza de Cramps com Blues Brothers, com toda safadeza e ambiguidade possíveis, em rocks bem produzidos (by Roberto de Carvalho, o maridinho de Miss Lee), onde se destacam "Sem Whisky e Sem My Baby", "Trilha da Perdição" (versão para "Lost Highway", dos Long Ryders), "Independência ou Morte", "Carne de Pescoço" e uma nova leitura de "Conta da Light",do extinto grupo paulista Coke Luxe. *T.L.*

A BARCA DOS AMANTES — Milton Nascimento/Wayne Shorter (Barclay)

Alguns encontros musicais de feras de formações e localidades diferentes são capazes de se transformar em memoráveis obras-primas. Foi o caso do LP *Native Dancer*, onde Milton e Wayne criaram uma aura mágica, um momento bafejado pelos deuses. Um estúdio, alguns músicos, um mito. É evidente que depois disso tanto os dois quanto o respeitável público esperassem um reencontro. Que, visto o resultado — respeito à parte por ambos —, poderia bem não ter acontecido. Senti, na platéia do Projeto SP, onde o LP *A Barca dos Amantes* foi gravado ao vivo, que o entrosamento e a aura estavam já embaçados, como coisas irresgatáveis. Há, claro, lindas melodias e climas intimistas em "Maria, Maria", "Tarde" ou "Nuvem Cigana". Mas falta, além da evaporada magia, maior cuidado na mixagem, que prejudica uma boa audição do conjunto ou por vezes nubla passagens que poderiam ser melhor explicitadas. *J.E.M.*

Mundo — Rodolfo Stroeter (Continental)

Esse baixista é um dos que indiretamente se beneficiou do movimento das diretas: foi como acompanhante de Wagner Tiso (e seu "Coração de Estudante") que Rodolfo ganhou exposição. Mas esse LP mostra que não foi casualidade: Rodolfo é um músico maduro que optou por um trabalho que expressasse mais sua musicalidade e menos sua técnica (que é imensa).

O título deveria apontar para as influências internacionais que recebeu tocando no exterior. Mas , no fundo, o disco reflete o mundo da música brasileira: as faixas instrumentais são bonitas e baseadas em harmonias MPB$_1$; há ainda temas contados pelas belas vozes de Marlui Miranda e Joyce, além dos muitos arranjos de naipes de cordas sobrepostos em temas de Rodolfo e dos vanguardismos de sua parceria com o tecladista Lelo Nazário.

O acompanhamento é feito pelos companheiros de Rodolfo do grupo Pau-Brasil, e as sonoridades de Nelson Ayres e Roberto Sion enriquecem muito o lirismo das composições. Um disco corajoso e brasileiro (e bom). *A.D.*

AT WAR WITH SATAN — Venom (Continental)

E Satanás conquista para si o paraíso, tornando tudo um inferno só. A recente turnê brasileira foi um horror, em todos os sentidos. No entanto, este LP pode vender horrores, principalmente em Sampa, onde o grupo teve uma das maiores platéias de sua carreira. Conheci o pessoal aqui e achei Cronos uma figuraça, mas isso não muda minha opinião... Em um espetáculo bem montado (eu disse *bem* montado), "At War With Satan" (o black metal conceitual que ocupa um lado inteiro do LP) é massacrante, marca bem o estilo e não deixa de ser interessante. No disco, o lado B pode ser analisado com o título da última faixa: "Aaaaaarrghh". *L.R.*

LIFES RICH PAGEANT — R.E.M. (CBS)

Fotos Divulgação

Ainda imune à pasteurização, em seu quarto álbum o R.E.M. — forjado no interior norte-americano com harmonias byrdianas misturadas à pujança e ao vale-tudo injetados pelo punk — continua sendo um dos melhores grupos a ter saído do circo pop que devolveu ao mundo o Boston quando todo mundo já se achava livre de estorvos do tipo. E é cocô antídoto à mesmice que funciona este álbum. Mesmo polido pela produção esmerada e reluzente de Don Gehman (especialista em tornar mais acessíveis os uzanões do páreo rock), o grupo ainda exercita à grande o gume cortante de suas letras (prestem atenção a "Fall On Me"), seu pendor por ritmos vertiginosos ("Begin The Begin") e a capacidade de dar assinatura própria a temas corriqueiros (como na bela "Flowers of Guatemala"). *J.E.R.*

UMA VESPA POR PERTO
É SINAL QUE TEM GENTE MUDANDO.

Por mais que você tente encobrir, comprar uma Vespa é sinal que alguma coisa mudou em você. Uns chamam de evolução, outros de aperfeiçoamento, não importa. Ter Vespa é um jeito de ser, que você veste e não deixa mais. Todo emocional: liberdade, bom gosto. Muito racional: tecnologia, economia. A Vespa é o único veículo duas rodas, de sua cilindrada, que tem partida elétrica instantânea. Explicar mais? Quem tem Vespa, não precisa.

vespa
É PROVAR E MUDAR.

BRUCE SPRINGSTEEN & THE E STREET BAND LIVE 1975-85 (CBS)

Sob todos os aspectos este álbum é um verdadeiro evento fonográfico: cinco LPs (ou três cassetes, ou três compact discs), 40 faixas gravadas através de uma década, o primeiro registro oficial das legendárias maratonas de rock em que se transformam invariavelmente os shows de Bruce Springsteen. A expectativa por um disco ao vivo de Bruce era tão grande — antecedida e alimentada por zilhões de piratas — que este álbum desapareceu das prateleiras norte-americanas logo na primeira semana de lançamento. E foi tão intensa a badalação em torno dele que sua estreia em primeiro lugar na lista de mais vendidos da *Billboard* era praticamente inevitável.

Mas esqueça a badalação e mergulhe neste clássico da categoria *live*. O som é cristalino, a seleção de músicas é corretíssima (ficaram faltando ... de pedras fundamentais do rock que Bruce tão bem faz) e todas as facetas do repertório de Springsteen são bem exploradas. Há o Bruce épico ("Born to Run", "Adam Raised a Cain", "Born in the USA", "Darkness on the Edge of Town"), o Bruce romântico ("Hungry Heart", "I'm on Fire"), o Bruce farrista ("Raise Your Hand", "Cadillac Ranch"), o Bruce folk (a trinca arrepiante que reúne "This Land is Your Land", de Woody Guthrie, "Nebraska" e "Johnny 99") e o Bruce recriando leituras de músicas gravadas anteriormente por outros artistas, como "Fire" e "Because the Night", mais estreias de canções novíssimas, como "Paradise by the C" e "Seeds". Pode não ser um testamento definitivo de alguns dos melhores shows que a história do rock já conheceu, mas chega perto. *J.E.R.*

CRASH — Human League (RCA)

A este grupo foi dado o crédito de ter representado um papel crítico na criação do rock feito por sintetizadores, pela respeitável enciclopédia da Trouser Press. Este disco ... é um pastiche mal feito dos próprios grupos que absorveram influências do Human League de outras épocas. Uma pena. O cantor Philip Oakey, antes um dos grandes ... da new wave, agora soa como uma mescla de Billy Idol com Lionel Richie. O instrumental, de eletrônico e instigante, passou para eletrônico e brega.

O Human League entrou na fase decadente típica dos grupos que fizeram com que bandas como o próprio Human League aparecessem para desbundar o som redundante e pentelho das bandas comerciais. *T.P.*

SOLITUDE SOLITAIRE — Peter Cetera (WEA)

A voz de Peter Cetera é familiar às paradas de sucesso não é de hoje. Cetera é um dos fundadores do grupo americano Chicago, que na década passada fazia fusões de rock, jazz e blues com certa competência até virar cópia de si próprio. Lá ele era vocalista principal e marcou com "If You Leave Me Now" um dos maiores sucessos do grupo.

Até que não era um mau cantor. Agora, aguentar um disco inteiro com a voz deste Peter Não Pertence ... para ... E seu primeiro álbum solo (esperamos que seja o último) foi feito visando exclusivamente o sucesso, sem um mínimo de personalidade. Só o estouro de "The Glory of Love" ... vender. *T.P.*

O BATUQUEIRO — Martinho da Vila (RCA)

Este é sem dúvida o melhor LP que já ouvi de Martinho da Vila. Não sou sambista, mas aprendi a ouvir samba quando entendi que a repetição é uma característica fundamental. Depois de duas audições já sabia de cor os versos das minhas preferidas: "Pagode da Saideira", "Cadê a Farinha?" e "O Preço da Traição".

Martinho (que às vezes desafina) canta com alma e criou com estilo. E todas as músicas, graças à produção excepcional de Rildo Hora, têm climas totalmente diferentes umas das outras. Os ritmos, os vocais e os instrumentos acústicos foram adequados a cada faixa, a cada clima. E — o grande trunfo do LP — nenhuma letra apela para as baixarias que infestam o pagode. Uma aula de samba em quarenta minutos. *T.P.*

CIDADE OCULTA — Arrigo Barnabé (Polygram)

Bonitas as letras de "Videogame", "Tango ... Chega ... bem humorada "Por Amar É Importante" (de Hermelino Neder), construída propositadamente como um rock de FM. Ou ainda, bonita a vinheta instrumental "Flashback". Ainda não vi o filme do qual o disco é trilha e não sei se as músicas funcionam melhor como sons incidentais. Mas por mais que se afirme que Arrigo avança alguns passos em uma nova pesquisa musical, não consigo concordar. Para mim é tudo uma colcha de retalhos modernos, num estridente *déjà vu* — que passa por nova numa terra onde, afinal, a cultura musical é inteiramente ao parca. *J.E.M.*

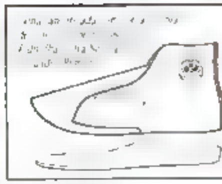
PONTE DAS ESTRELAS — Cesar Camargo Mariano & Prisma (CBS)

O arranjador-mor do Brasil lança mais uma edição de Prisma (a terceira). A novidade é que em vez da parceria com outro mestre do teclado, Cesar optou por um disco gravado ao vivo por uma competente banda de músicos paulistas.

O pique musical subiu muito com a entrada de um guitarrista e de um saxofonista (o excelente Pique Riverte), e as invenções eletrônicas continuam sendo a principal fonte para os arranjos. Assim, "Don Quixote" é um tecno-rock que vai agradar aos fãs do Genesis, enquanto os puristas poderão se deleitar com as versões de "Merda" (Caetano) e "Sabiá" (Chico e Tom).

Com um novo som grupal, Cesar soube mesclar influências, misturando o antigo e o novo, com pitadas de rock, jazz, baião e MPB, e resultados interessantes. *A.D.*

... tênis tem sempre ... pontos importantes.
... o que você vê: o design moderno, as cores da ...
... o que você sente: ... a resistência, a ...
O Centro de Pesquisa ... vem desenvolvendo uma tecnologia completa nestes dois pontos.
O resultado você vai ver e sentir.
Ver no estilo, nas cores, na personalidade que nenhum outro tênis tem.



E sentir quando você pôr um Olympikus no pé.
Sentir a segurança do solado em pura borracha antiderrapante e vulcanizada pelo sistema autoclave, o mais avançado.

Sentir no conforto e na anatomia da palmilha exclusiva de Olympikus.
E sentir na resistência da lona sanforizada, que nunca encolhe nem estica.
Por tudo isso é que só uma coisa pode incomodar você dentro de um tênis Olympikus.
E contra aquelas pedrinhas das ruas que às vezes teimam em pular no seu pé, ainda não podemos fazer nada.

OLYMPIKUS
Um show de tecnologia

RÁPIDO & RASTEIRO RAPIDO & RASTEIRO RAPIDO &

Um prato cheio para os saudosistas, o grupo vocal **Mamas and Papas** está de volta em **16 OF THEIR GREATEST HITS** (WEA), incluindo os inesquecíveis hits de 66, "California Dreamin" e "Monday Monday". Nostálgico até as lágrimas, este simpático resíduo da cultura hippie ⊗ O ex-supervirtuose da guitarra, **George Benson**, que aderiu ao mais xaroposo pop-tecno-jazz (eu não disse que ele já não fosse chato antes...), ataca com **WHILE THE CITY SLEEPS** (WEA), com a produção de outro ex-super, o bundão **Narada Michael Walden**, que abdicou de ser um dos maiores bateristas do mundo. Tal reunião dispensa comentários. ⊗ O vocalista/tecladista argentino **Fito Paez** estréia no Brasil com a coletânea que leva seu nome (EMI-Odeon) e o aval de Caetano Veloso (que participa em "Rumba del Piano"). Mas as aproximações de Paez com a MPB mais corriqueira e com o pop internacional não o recomendam muito ⊗ **Chico e Caetano** estão juntos no disco que traz os **MELHORES MOMENTOS** de seu programa de televisão (Som Livre). Mas o que o disco tem de curioso ("Billy Jean", de Michael Jackson, com Caetano; "London London", de Caetano, com ele e Paulo Ricardo, a polêmica canção "Merda", também de Caetano) tem de mal realizado e distante, com aquela afetação e o som achatado da TV. Talvez a performance de Caetuza em "Luz Negra", de Nélson Cavaquinho, seja o maior exemplo dessa distância entre intenção e resultado. **Jorge Ben, Elza Soares, Astor Piazolla** e **Tom Jobim** seguram as pontas ⊗ Lixo pop internacional: **The Outfield** (bons vendedores nos EUA) em **PLAY DEEP** (CBS), os ingleses medíocrésimos do **Wax**, com **MAGNETIC HEAVEN** (RCA), e o alemão **Trio Rio**. Estes, em **NEW YORK-RIO-TOKYO** (Polygram), tentam disfarçar com passagens instrumentais e percussivas, com uma boa dose de jazz, funk e bossa, mas não convencem ⊗ *Jazz fusion* nacional, de extração independente: **George Clark** é um baixista que não evita os clichês do gênero, mas demonstra alguma vitalidade em **MERGULHO** (Visom). Também no gênero, só que mais irregular, é a reunião dos grupos **440, Pixinga e Banda** e **Zona Sul** em **CONCENTRAÇÃO**, do selo (igualmente independente) Jazz and Blues. As performances foram gravadas ao vivo, com destaque para a técnica do baixista Pixinga. E lá se vai outro mês infeliz. *A.A.*

LANÇAMENTO

INDIANA JONES E O TEMPLO DA PERDIÇÃO (Indiana Jones and the Temple of Doom, 1984)

Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Kate Capshaw, Ke Huy Quan, CIC.

Continuação do consagrado *Caçadores da Arca Perdida*, este repete o entusiasmo provocado pelo primeiro e por sua vez não deixa de nos surpreender. Dr. Jones continua envolvido perigosamente para proteger povos primitivos, bem mais tão aluci-nante que o roteiro se torna menos importante. A vantagem de rever os clássicos com vagar é poder rever os efeitos. Mesmo com toda a superprodução, vai ser difícil encontrar outro Indiana Jones tão sob medida quanto Harrison Ford.

AVENTURA

LADYHAWKE, O FEITIÇO DE ÁQUILA (Ladyhawke, 1985)

Direção: Richard Donner. Com Matthew Broderick, Rutger Hauer, Michelle Pfeiffer.

Uma produção interessante para uma tarde medíocre. O bispo de Aquila que até seu poder de vingança de seus inimigos, ao lado de um casal apaixonado. De dia é um falcão e de noite um homem. A noite é de um falcão e de mulher. Nunca poderão se encontrar apesar de viverem juntos. Uma fotografia muito bonita de Vittorio Storaro, o colaborador de Bertolucci. Só a trilha sonora eletrônica se compõe, quando emociona!

MUSICAL

NEW ORDER — TARAS SHEVCHENKO (1985) / PUMPED FULL OF DRUGS (1988)

Estes são os dois clipes do New Order. Quase sem enredo, os dois clipes apresentam com fidelidade o clima despojado dos shows do New Order: o primeiro em Nova York, o segundo em Taquio. Mas apesar de as duas apresentações serem completamente diferentes. O de vídeo mais antigo é calcado no som da transição Joy Division/New Order com músicas do LP *Movement* de 81, mais descontraídas e dançantes. O mais recente, *Pumped Full of Drugs*, já no pleníssimo de seu som e proposta, com Bernard Sumner cantando mais e tocando guitarra, Gillian Gilbert no teclado e Peter Hook no baixo. Ambos são New Order.

KRUSH GROOVE (1985)

Direção: Michael Schultz. Com Sheila E., Run-DMC, Kurtis Blow, Kool Moe Dee, Fat Boys.

Um musical com todos os gêneros de rap/hip-hop/soul/funk, todos os bons boogie-men desta década dos negros para a sempre-branca América. Se você não gosta de hip-hop, esqueça. Mas se gosta, não perca. Brancos não conseguem dançar assim, nem cantar assim, nem ter assim tantos ritmos diferentes. Um musical de um gênero só, mas com muitas variações. Uma produção Russell Simmons, empresário de Run-DMC, Kurtis Blow, Kool Moe Dee, Fat Boys, Sheila E. e Krush Groove.

FICÇÃO

O HOMEM QUE CAIU NA TERRA (The Man Who Fell to Earth, 1976)

Direção: Nicolas Roeg. Com David Bowie, Buck Henry, Rip Torn.

Ninguém mais alien gena que David Bowie. E ninguém mais adequado para o papel de um extraterrestre que veio à Terra em busca de água para seu país desértico. Ele soube que a terra era o melhor lugar para conseguir a pedra filosofal de suas mantas. O filme explica tudo. Bowie é um extraterrestre em busca de água para seu país desértico. Ele soube que a terra era o melhor lugar para conseguir a pedra filosofal de suas mantas. O filme explica tudo. Bowie é um extraterrestre em busca de água para seu país desértico. Ele soube que a terra era o melhor lugar para conseguir a pedra filosofal de suas mantas. O filme explica tudo.

ARTE

M, O VAMPIRO DE DUSSELDORF (M, 1931)

Direção: Fritz Lang. Com Peter Lorre, Gustaf Gründgens, Ellen Widmann.

Um assassino de crianças ameaça Dusseldorf. A Alemanha do início dos anos 30 vive um momento de transição e insegurança que resultaria na ascensão de Hitler. O filme mostra isso indiretamente, com a perseguição dos bandidos, dos bêbados, dos homens famosos. Peter Lorre e dos mendigos de New Edition. Cenários e as legendas que entre falas mandadas pedaços de notícias repetem a todo momento que o assassino está solto.

DRAMA

GIGOLÔ AMERICANO (American Gigolo, 1979)

Direção: Paul Schrader. Com Richard Gere, Lauren Hutton.

Este poderia ser um John Travolta se tem neste duplo papel de dois seres que pensa. É claro que ele interpreta o papel mais fácil: o de um gigolô americano e procura suas clientes em exposições de arte. Procurando agradar ele com uma arrumação sofisticada e se vê em um dilema sempre quando parece pequeno e calculista que Schrader meu deu pra pensar. Alguns detalhes são especialmente irônicos do *american way of life*.

ATLANTIC CITY (1980)

Direção: Louis Malle. Com Burt Lancaster, Susan Sarandon.

Malle filma com humanismo e delicadeza este painel sobre a decadência de Atlantic City. Os personagens principais representam pretensões e sonhos de um mundo onde todos encontram-se fracassados. Lancaster faz um vigarista aposentado que se envolve para dar um grande golpe enquanto Susan é uma garçonete que sonha em ser uma vedete. Mesmo nos piores momentos, pois Susan tem a coragem de ser mais do que uma simples garçonete. Uma fotografia que se encaixa perfeitamente.

O EXÉRCITO INÚTIL (Streamers, 1983)

Direção: Robert Altman. Com Matthew Modine, Michael Wright e Mitchell Lichtenstein.

A especulação da guerra de Vietnã através de três recrutas todos extremamente limitados com a realidade mas se conseguem se adaptar entre si. Uma surpresa chocante da frente de combate mas suas reações possíveis à realidade concreta. O diálogo verbal de Altman cheio de ironia em um filme de atmosfera e inteligência. A história se passa em um quartel em Vietnã. Os personagens discutem e se envolvem em uma briga. Altman reconstrói a fotografia de uma peça de teatro. Altman em sua melhor forma.

COMÉDIA

A VIDA DE BRIAN (Life of Brian, 1979)

Direção: Terry Jones. Com Graham Chapman, Michael Palin, John Cleese, Eric Idle, Terry Gilliam.

Os Monty Python fazem o papel da mãe de todas as comédias. Depois de *Em Busca do Cálice Sagrado* e *Os Reis Malucos da Conquista*, o grupo inglês mais engraçado de todos os tempos faz o papel da mãe de todas as comédias. Depois de *Em Busca do Cálice Sagrado* e *Os Reis Malucos da Conquista*, o grupo inglês mais engraçado de todos os tempos faz o papel da mãe de todas as comédias. Depois de *Em Busca do Cálice Sagrado* e *Os Reis Malucos da Conquista*, o grupo inglês mais engraçado de todos os tempos faz o papel da mãe de todas as comédias.

O BEST OF JOHN BELUSHI

Direção: Dave Thomas. Com John Belushi, Cheech, Chase, Dan Aykroyd.

Um dos Blues Brothers reúne o melhor de seus personagens em uma fita de vídeo. Belushi morreu em 1982, aos 33 anos de idade, de overdose. Sua vida foi uma sucessão de excessos na música, quanto pessoal, que levou os gênios a um de seus papéis na televisão. Belushi foi o Tio Tom, dando uma entrevista enquanto se comunica com um pedaço de pizza viva!

PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE (Desperately Seeking Susan, 1985)

Direção: Susan Seidelman. Com Rosanna Arquette e Madonna.

Rosanna Arquette é a versão Cinderela dos anos 80. Ela perde a memória e vai parar em um mundo de magia, desengonçada, com os pombos — esta muito engraçada. Personagens de um bando de acrobatas e uma Madonna. Depois de sem pretensões.

Veja também: Rosanna Arquette, Madonna, Susan Seidelman, Desperately Seeking Susan, Cinderela, Anos 80, Pombos, Bando de Acrobatas, Madonna, Depois de sem pretensões.

ROSANNA ARQUETTE

Aos 26 anos, Rosanna Arquette já é conhecida em Hollywood como uma das atrizes de maior versatilidade na expressão rápida de sentimentos e sensações descontroladas. Descendente de uma família de artistas, Rosanna foi criada em meio às comunidades alternativas dos anos 60, passeatas, protestos e marchas pacifistas. Ela era uma das crianças que brincavam na areia em frente Woodstock — seu sítio ia até os 8 anos no teatro infantil de Chicago — sob a direção de Lewis, seu pai. Aos 13, seus pais decidem mudar para a comunidade artística de Skymont e Rosanna vai para New Jersey morar com uma família amiga. Dois anos depois, antes mesmo de terminar o ginasio, Rosanna abandona a escola e vai de carona para a Califórnia, tentar a vida como atriz. Casa-se aos 17 anos, separando-se [illegible] em seguida. Para ela, que nunca idealizou o ex-marido, foi indesejada questão de imaturidade. Nessa época consegue um pequeno papel numa montagem teatral em Los Angeles e é chamada para participar de *Dark Secret of Harvest Home*, pela rede de televisão NBC, contracenando com Bette Davis, o que deu um novo impulso a sua carreira. Depois desse vieram outros especiais e seriados de televisão, entre os quais *Survival Guide*, com direção de Jonathan Demme, que a fez *Stop Making Sense*, com os Talking Heads. No cinema, sua atuação é considerável. *Procura-se Susan Desesperadamente* é sem dúvida, seu filme mais conhecido. Seus últimos filmes em cartaz no Brasil foram *Morrer Mil Vezes*, de Hal Ashby, e o estranho *Depois de Hora*, filmado em Nova York por Martin Scorsese. *Maria Luiza Fernandes*

FILMOGRAFIA COMPLETA [illegible] 81; *The Executioner's Song* (originalmente produzido para a televisão 82); *Johnny Belinda* (para a televisão 82); *Baby, It's You* 83; *Lo Quedito* 83; *Desperately Seeking Susan* (*Procura-se Susan Desesperadamente* 85); *Silverado* (idem 85); *The Aviator* (85); *Far North* (idem 88); *Wicked Stepmother* (idem 89); *After Hours* (*Depois de Horas* 86); *Nowhere to Hide* (idem 86).

Foto Stills

AS NOVAS CORES DE CYNDI LAUPER

O público de música pop quer, hoje, heróis que sejam humanos e palpáveis. Quer energia, divertimento e, sobretudo, emoção. Cyndi Lauper — de volta à ativa após um ano de ausência — tem todas essas qualidades. Em abundância. *True Colors* (álbum e single) é hit no mundo inteiro, um desempenho à altura da estréia de Cyndi — os megamilionários *She's So Unusual* e "Girls Just Wanna Have Fun" — e a prova definitiva do sucesso de uma artista tão imprevisível quanto acessível. Após uma intensa turnê australiana e japonesa, Cyndi Lauper sacou de uma xícara transbordando chá de camomila e conversou com o jornalista inglês Mick Mercer sobre seu novo álbum as reações que ele vem gerando. Fala, Cyndi!!

CYNDI LAUPER

BIZZ — *Eu soube que, depois de* She's so Unusual, *você andou se dedicando a outro ramo de atividade. Como você se envolveu com campeonatos femininos de luta livre?*

Cyndi — A coisa começou com uma briga com um empregado meu. Lou fazia uns comentários pesados e grosseiros, então o desafiei. Lou era o cara do vídeo de "Girls Just Wanna Have Fun". Era meu instrutor técnico e meu conselheiro pessoal e ficava dizendo umas coisas absurdas. Ele foi num programa de TV com a capa do meu disco e só falou das coisas que *ele* tinha feito. Depois foi até a minha gravadora e pediu dinheiro. Quando eu cheguei em casa nós tivemos a maior conversa mas ele piorou logo em seguida, num outro programa de TV. Eu fiquei putíssima... e fui à luta. Disse que ele sabia tanto de música quanto eu de briga. . que ele podia arrumar uma lutadora que eu arrumava outra, depois a gente levava as duas pro ringue. Isso pra ele entender que não estava mesmo com nada. Nada vezes nada. Então ele descolou a campeã mundial e eu entrei com uma competidora bem jovem.

BIZZ — *E como se chamavam?*

Cyndi — Oh, a dele era "a fabulosa Moolah". Era uma horrorosa .. era chamada de "A horrorosa Schmoolah". Eu entrei com Wendy Richter e Wendy venceu! Há anos que não acontecia uma mudança no título mundial feminino de luta livre, doze anos! Mars! Vinte e cinco anos!!"

BIZZ — *A campeã, pelo visto, já era bem velhinha.*

Cyndi e Lou Albano no ringue de luta livre

Cyndi — Ah, era uma trambiqueira de velha data, do tipo que troca pneus com os próprios dentes. Realmente má. Wendy ganhou o cinturão e eu passei a empresariar uma campeã mundial. Isso durou dois anos! Foi meio difícil no começo, mas a gente se divertia e eu acabei decidindo voltar à música. Mas o disco *(She's so Unusual)* teve fôlego para durar dois anos nos Estados Unidos. Ele não decolou realmente em 83. Mas em 84 bateu asas e durou até janeiro de 85. Então fizemos "We Are the World" e, depois, "The Goonies r Good Enough".

BIZZ — *O que é que você faria num filme?*

Cyndi — Bem . Seria atriz! *(Cyndi ri alto e alguns pombos, assustados, batem asas.)* Como assim, o que é que eu faria num filme?

BIZZ — *Que tipo de filme?*

Cyndi — Ah, um que desse para as pessoas rirem e chorarem e morrerem de medo. Quero fazer uma coisa grandiosa; se for engraçada tem de ser muito engraçada, hilariante, mesmo. Quero ser genial naquilo que faço. Gosto de coisas simples e óbvias

"Quero fazer algo grandioso... Que tenha ser genial no que faço"

desde que sejam realmente assim, simples e óbvias. Aí eu adoro. Gosto dos velhos musicais, onde o que realmente te pega são os atores. Gosto de tudo o que é romântico.

BIZZ — *E qual o seu filme favorito?*

Cyndi — Ah, eu tenho muitos. Quando as pessoas me perguntam "Qual a tua canção preferida?", não dá nem para lembrar. Eu realmente não sei quais são, porque tenho muitas preferências. As pessoas sempre me perguntam: "O que é que te influenciou?" E eu digo sempre que tenho tantas influências, que eu nem sei. Eu lembro de algumas, mas nunca todas, porque são muitas, muitas mesmo. Em geral eu tento dizer nomes diferentes cada vez que eu respondo pra tentar incluir todo mundo na lista. Eu adoro música e ouço muita coisa e adoro filmes e vejo muitos filmes, como os filmes antigos, por exemplo. Gosto do estilo deles. Adoro os antigos musicais. Ohhhhh, sou completamente apaixonada pelos antigos musicais, mas não vejo como adaptá-los hoje em dia. Não faço a menor idéia de como seria fazer um musical hoje, como tornã-lo interessante, fazer com que signifique alguma coisa. Acho que o último grande filme propriamente musical, que trouxe de volta aquele tipo de música, aquele velho estilão foi *West Side Story (Amor Sublime Amor)*, depois disso tudo virou uma estilização vazia do que já tinha sido feito, mas .. oh, *The Lady Sings the Blues (O Ocaso de uma Estrela)*, foi ótimo, só que não era exatamente um musical. Adoro essas coisas mais antigas. Não sei que tipo de dançarina eu daria... acho que faria umas coisas mais soltas, tentaria isso e usaria uns rocks antigos, já que a música que eu faço é rock. Eu não vou começar a dançar jazz ou dar uns passos de balé clássico quando o que eu faço é rock. É isso. É uma meta, uma coisa que eu quero muito, mas que eu não vou fazer até que tudo aconteça direito. Já tive tantas ofertas pra fazer coisas com cara de antiga.

BIZZ — *Quer dizer que nunca veremos você aparecer em algo como* Rambo — 13 ª Episódio Sangrento?

Cyndi — Um negócio assim, caricatural? Não, não. Eles nunca me procuram para esse tipo de coisa. Pra que precisariam de mim num filme de Rambo? Logo eu! Ei, mas, por Deus, na verdade acho que alguém nos procurou para musicar um Rambo. Não, não era Rambo, Rocky? Rocky IV. Mas a gente estava ocupado. Eu não estou a fim de simplesmente fazer música para o primeiro que aparecer, a não ser que o disco já esteja pronto. Aí quem quiser pode usar.

BIZZ — *Depois dos Estados Unidos não fica meio tedioso vir para a Inglaterra?*

Cyndi — Não, eu adoro aqui. De qualquer forma, eu não passei muito tempo em Nova York, eu estava. Onde é que eu estava mesmo? Oh, no Japão e depois na Austrália.

BIZZ — *O que você viu na Austrália?*

Cyndi — Hotéis! Estúdios de TV! Os testes de som que a gente fazia! Eu não pude conhecer muitos estúdios de TV por causa desses testes, a gente fez um monte deles. E super valeu a pena porque, como eu estava excursionando, pude cantar. Eu tinha feito antes uma excursão promocional e ninguém sabia se eu cantava ou o que eu era, afinal. Ia naquelas entrevistas na TV e ficava falando bobagem. É que você não pode ir a uma dessas entrevistas e dizer: "É, foi assim que nós fizemos o disco, é assim que eu era", porque as pessoas não estão nem aí, tudo o que elas querem é um pouco de divertimento. Na verdade você tem dez minutos para dar tudo, dizer o essencial sobre o trabalho no qual você está imersa há um ano ou mais, já sou? É simplesmente impossível! Então o que eu fazia era ir até lá e me divertir um pouco.

BIZZ — *Apesar de toda a grandeza e* [illegible]*stade de* True Colors, *muita gente aqui na Inglaterra achou o produto bonitinho, mas ordinário". O que é que você achou de ouvir isso?*

Cyndi — "Bonitinho?" Eu não sei. Isto o que é que esse pessoal entende por "bonitinho", de jeito nenhum! O que ele desperta são emoções profundas e verdadeiras — ele é um disco muito profundo, e acho que talvez as pessoas tenham travado essa sensação de profundidade. Eu acho ele "bonitinho", nem ordinário. Acho ele terno. Mas entre o que as pessoas acham e o que o disco é há milhas de distância.

BIZZ — *A emoção é um tema muito presente no disco "Change of Heart", "Boy Blue".*

"Minha suavidade é confundida com frescura não é problema meu"

Cyndi — Mas é um tipo diferente de emoção. Emoção terna e emoção crua. Tem um tipo diferente de crueldade também, a crueza interna e externa, onde você usa seu poder e sua força, mas tem também a melodia suave que a conduz suavemente... e capaz de mover as pessoas com [illegible]dade exige muito mais pique e força do que cantar dando tudo [illegible]que eu também posso fazer. Eu [illegible]ser suave. Agora, se suavidade é confundida com frescura, o problema não é meu. Tudo depende de [illegible]cê veio, pelo que você passou e o que você quer com o que vou. Eu não me dirijo a essa gente precoce que senta, põe o disco e logo rotulando. "Bonitinho, mas... Quero chegar nas pessoas que batalham a vida todo santo dia, naquelas pra quem a maior conquista é [illegible] construir alguma coisa, [illegible]nseguir viver um dia atrás do outro. [illegible]pra esse tipo de gente que [illegible]e Colors" foi feita. Para as pessoas que não têm muita auto-estima, que não se amam ou não se vêem [illegible]m uma luz muito favorável. É uma [illegible]ção suave que se destina a esse tipo de gente. Quem quiser escutar uma coisa mais estilhaçada procura outra música. Tem no disco. Sou perfeitamente capaz de cantar de outro jeito. Agora, "bonitinho"? Não! Não é só "bonitinho", é que tem muita gente que procura esconder a criança que mora nelas, assim como outras procuram esconder a violência de dentro delas, então eles resolvem isso sentenciando que não passa de "bonitinho", e fica tudo OK. Mas não foi para eles que eu fiz a música, foi para o pessoal injustiçado, de baixo. *(Ela suspira.)* Eu não tinha a menor intenção de que fosse uma canção "bonitinha".

Feste cantar 'Girls Just Wanna Have Fun' como eu e você vai ver o que é bom para a tosse

BIZZ — *Para mim foi a maior surpresa que uma canção tão estranhamente serena sequer chegasse a tocar no rádio. É tão diferente do que a gente está acostumado a ouvir.*

Cyndi — Quando eu fiz a canção eu cantava para mim e para o mundo, porque eu sempre acho que eu faço música para o mundo inteiro. Acho que o meu problema, às vezes, é ser muito idealista, eu tinha uma idéia de. *(parece embaraçada)*.. não sei se isso é uma coisa legal de se fazer, mas taí o mundo *(aponta um copo na mesa)* e eu ponho minhas mãos em torno dele e canto essa música meiga. É isso que a canção era. Não foi feita realmente para ser "bonitinha", mas se alguém diz isso meio pra dar uma desculpa. . então é porque o cara realmente se ligou nela e ela foi um sucesso! Porque ela bem que deve ter mexido em algo lá dentro deles pra se sentirem assim, certo? Fez sucesso com eles, também! Porque se alguém está realmente mal e ouve a música ela realmente bate fundo .. ela foi feita para bater fundo. A idéia da bateria sempre foi uma coisa meio tribal para mim e antes da TV e do rádio todo mundo se comunicava por tambores. Usar isso no começo foi quase como chamar de volta essa coisa antiga que está em todo mundo e que, nesse sentido, é atemporal, uma coisa que vem lá de trás. Talvez dentro de dez anos essas pessoas possam ouvir a canção e perceber o quanto ela é profunda, real. Às vezes você olha uma coisa e diz: "Bem, isso é completamente estúpido". Acho que é o mesmo tipo de coisa . eu não estou me comparando, absolutamente. , é que a história me dá coragem quando eu fico abatida com a incompreensão de alguém. Quando eu estudava arte, meus ídolos eram pintores. Adorava os impressionistas e o pós-impressionismo. Cézanne e Van Gogh! As suas pinturas eram consideradas infantis, as pessoas simplesmente não compreendiam. Hoje, aquilo é considerado o início da arte moderna! Então, num certo sentido, eu deveria até ficar contente com isso que as pessoas dizem, porque disseram isso de algo que *eu* achava ótimo e muitas vezes eu percebo quando uma coisa é realmente boa e maior do que eu, pela reação das pessoas. Algumas choram quando ouvem a canção, outras dizem: "É uma coisa assim .. tão pessoal".

BIZZ — *Os americanos chegaram a formar uma imagem sua?*

Cyndi — Bem, eu acho que... porque eu tive a sorte de fazer "Girls Just Wanna Have Fun", que as pessoas acharam "bonitinha" e tal, mas sem grandes vôos no canto... mas olhe, tente cantar essa canção com tanta intensidade e paixão, no tom que eu canto, e você vai ver o que é bom pra tosse. Você vai sacar que tem que usar toda sua voz. Não é só um canto leve, é muito difícil. O tom em que eu canto é no meio do dó, o que fica bem acima dos outros instrumentos, que tocam, se não me engano, em fá sustenido.

CYNDI LAUPER

BIZZ — *Como? (Minha cara dá a bandeira toda. Eu não estou entendendo nada do que ela está falando.)*
Cyndi — Bem, deixa pra lá. Mas é um tom dificílimo de se cantar. Só que as pessoas acharam que era mais uma canção "bonitinha" e eu achei que estava fazendo uma coisa realmente importante, fazer o mundo inteiro entender que as garotas realmente só querem se divertir ("Girls Just Wanna Have Fun") Tudo bem dizer isso, tudo bem se sentir assim, porque é assim que a maioria das pessoas se sente Até mesmo os rapazes... os rapazes também querem se divertir. No começo eu fiquei com medo de fazer essa música, porque ela podia ser levada pro lado errado, então eu conversei com Dave e ele me disse para transá-la de um jeito mais engraçado e divertido E foi exatamente isso que nós fizemos Depois, quando pintou "Time After Time", foi exatamente o contrário "Time After Time" era mais profunda, mais delicada. O pouco de voz que eu usava era para tocar bem fundo. Também foi a maior surpresa para mim que essa canção fizesse sucesso Ela era muito diferente e a letra tinha uma estrutura completamente diversa das canções normais
BIZZ — *Como é o seu próximo compacto?*
Cyndi — É um som bem mais pesado, dilacerado. Primeiro, o suave depois, o pesado Você vê, eu gosto de extremos A atração dos opostos Na música, como em tudo, eu faço com que os opostos se atraiam, pego tudo o que posso e junto Acho que a minha ciência é a da mistura, é assim que eu crio
BIZZ — *Como você acha que os seus contemporaneos encaram você?*
Cyndi — Eu realmente não tenho idéia do que os outros acham de mim Fico sempre muito surpresa quando fico sabendo que alguém, que eu gosto, gosta ou não gosta de mim Quando a gente fez "We Are the World" eu soube que muita gente ficou espantada com o meu canto, mas acho que foi por falta de familiaridade com o todo do meu trabalho, acho que eles só conheciam alguns aspectos Não ser. Eu cantei com Patti Labelle e ela sempre me dizia: "Ninguém acha que você pode cantar", e eu dizia: "Mas eu estou sempre cantando" Fiz um especial com e a que foi demais, adorava tanto cantar com ela — ela é a encarnação do prazer de cantar, porque se entrega tanto que se perde no canto, é isso que eu procuro! Me perder nisso. Pra mim, cantar é como fazer mágica. Você tem de transformar o que você é e o que você sente em ilusão e se transportar para um lugar diferente E quando você faz isso a coisa realmente sensacional é que você leva todo mundo com você Algumas vezes você nem percebe, mas de repente abre os olhos e vê que todo mundo te acompanhou até esse lugar, todo mundo junto. Eu sei que isso soa metido a besta mas .. a música é bem visionária, de certa forma tem tudo a ver com ilusão Toda vez que você está tentando fazer um disco, você está tentando fazer magica Foi isso o que eu tentei com "True Colors". E quando eu fiz "Change of Heart" eu queria uma canção forte — agressiva, pau e pra Eu adoro bateria! Nesse disco eu usei várias baterias diferentes, há vários sons de caixa, varias maneiras de usar baterias, e nos usamos tanto acústica como eletrônica. Em "What's Going On", nos usamos bateria acústica gravada direto, ao vivo. Em "True Colors" nos gravamos todos juntos, direto, também, mas o cara tocou ao vivo, um instrumento eletrônico Gravamos tudo de uma só vez — vocal, teclado e bateria —, depois só acrescentamos umas poucas coisas A gente não ia acrescentar nada nessa canção, ela não aceitava Sabe como é, a gente ouviu de novo e pensou "Assim não dá, nem parece uma canção", aí acrescentamos uma porrada de coisas e achamos que tinha ficado pop. . mas é que, na verdade, não era . tivemos de deixá-la ser o que era, só aquilo, simples e direta. Acho que nos Estados Unidos as pessoas esperam o inesperado, o que pra mim é ótimo, me deixa mais solta Eu estou sempre atrás de liberdade, criativa e emocional, pra sentir um lance e fazer exatamente isso que eu sinto, não outra coisa qualquer
BIZZ — *Depois de sua experiência com a Blue Angel (sua primeira banda, anterior ao seu trabalho solo) você sente falta dessa intimidade especial que uma banda traz?*
Cyndi — Eu me sinto muito próxima da minha banda atual, eles me dão o maior amparo E a melhor banda que eu já tive São músicos excepcionais Não tem excesso algum: um guitarrista, um tecladista, um baterista, um baixista e um percucionista que faz *backing vocal Isso não é muita coisa Não tem backing vocal*, eles mesmos é que cantam, e o guitarrista é Rick Derringer É genial ter alguém como ele na banda Conheço Rick há bastante tempo E o baterista é bem jovem . Sterling Campbell, ele é genial. Ele tem um sorriso no rosto porque sinceramente ama tocar, e isso é que é sensacional Todo mundo é bem autêntico Não tem nenhuma vaca sagrada, eles adoram o que fazem porque adoram tocar e são muito bons nisso. Eu estou muito satisfeita com eles
BIZZ — *É verdade que você tirou a participação de Patti de "Iko Iko" por causa de uma discussão sobre royalties?*
Cyndi — Onde é que você escutou isso? Quem disse uma coisa dessas? O quêêêêêêêê??????!!!!!!
BIZZ — *Bem, pelo jeito não é verdade*
Cyndi — "Iko Iko" só tem dois minutos de duração e
BIZZ — *E é só por isso que, depois de escutar duzias de versões compridissimas e chatas, eu ainda agüento escuta-la*
Cyndi — Sério mesmo? Eu nem sabia disso Eu ouvi a musica e ela tinha a mesma levada de "What's Going On", então resolvi incluí-la no... é, eu tirei Patti da faixa porque eu queria utilizá-la nesse disco, mas se não fosse um compacto ou uma canção em que realmente desse pra mostrar a gente cantando juntas, se-

"Eu digo o que sinto como mulher para provocar certo tipo de gente"

Bravia, Ms Lauper enfrenta mais uma coletiva

JT COTTON
100% ALGODÃO
Cores exclusivas, industrializado com tecido de fio torcido 100% algodão, acabamento mercerizado e tingido em processo reativo.
Dubiado com sarja de algodão 100%
Tudo isto significa, grande durabilidade e cores para você estar sempre na moda.
Escritório e fábrica - SP
(011) 65-0549 - 872-8543
Representantes: BA Tito Tel (071) 248-2050
RS/SC Henrique: Tel (05 2) 95-4462 RJ Rubens Tel (021) 329-8987
Produtos fabricados com a qualidade
emgea

Foto: Sire

Para sua recentrada na atmosfera pop,Cyndi engendrou toda uma nova — e sofisticada — imagem

na pessimo! Tenta que ser uma canção mais longa e um compacto Como é que alguem pode cogitar de por Patti Labelle numa cançao de dois minutos? Foi por ter o maior respeito por ela como cantora que eu resolvi tirar a voz dela daquela faixa Nunca discutimos. Mas essa história estava causando muito escândalo, é?

BIZZ — *Beeeeeeeeeeeem ..*

Cyndi — Eu adoro escândalos

BIZZ — *Prince alguma vez disse a você o que ele achou da versão de "When You Were Mine" (em She s so Unusual)? (Cyndi fica chocada com a minha ignorancia)*

Cyndi — Não, Prince não fala com ninguem!

BIZZ — *Imagino que 'She Bop" tenha se dado perfeitamente bem com a cruzada moral do grupo 'The Washington Wives" (as esposas de Washington)? (O rosto de Cyndi se ilumina)*

Cyndi — Ah, sem dúvida! Tive o privilegio de entrar pra lista negra Você sabe, o S W A T (Senhoras Casadas Contra os Transgressores) realmente foi à luta! Nunca achei que isso fosse acontecer, mas aconteceu!

BIZZ — *Como é que isso repercutiu em você? Foi um choque?*

Cyndi — Sabe de uma coisa? Você tem de compreender a America. As raizes Os puritanos vao sempre existir, vao sempre por suas cabeças rojentas de fora Essa história me lembra os processos contra bruxaria da Idade Media Eu fiz a musica sobre um tema que todo mundo sempre desconversou, ninguém nunca fala nisso Especialmente quando se tratava de mulheres Imagine só!!! Mas para a meninada "She Bop" é superdançante e divertida e vai ser sempre assim Para um adulto, que vai mais fundo na canção, ela pode significar outras coisas, mas não vejo razao alguma pra contar às crianças sobre isso. E se for possível encontrar outros sentidos nas entrelinhas , grande coisa! Todos os blues têm disso, todas as coisas mais antigas. E isso sempre foi muito divertido e se baseia no fato de que todos nós fomos ensinados a não ter emoção alguma, a afastar nossos impulsos sexuais, enfim, nós simplesmente nao fomos feitos para ter sentimento, tá certo? Então eles tentam assexualizar todo mundo Se uma mulher tem a sua sexualidade .. bem, eu posso e devo utilizá-la como mulher, certo? Se uma mulher tem a sua sexualidade... horror, *horror!* Especialmente se você for uma estreia, uma cantora E olha que eu nao estou nem usando muito este lado meu, porque depois de tudo de que eles me rotularam, me comparando inclusive com outras pessoas, tenho a impressão de que todo mundo acha que sou a mulher mais horrorosa do planeta!

"Quando você tenta fazer um disco você está tentando fazer mágica"

BIZZ — *Com que pessoas você foi comparada?*

Cyndi — Madonna, Tina .. que eu acho que são mulheres lindas Mulheres de sucesso, talentosas, so que eles me comparam pra concluir assim: "'Nós gostamos dessa patinha feia por que ela não tem apelo sexual nenhum!'"

BIZZ — *Serio mesmo?*

Cyndi — Não, não, eu estou só brincando. Eles na verdade não dizem isso, porque todo mundo ficou chapado com "She Bop" e aí não deu... Mas eu nem ligo pra isso, só que não sou uma baby-sitter, eu sou uma mulher e digo o que eu sinto como mulher; aliás, é justamente pra provocar esse tipo de gente que eu componho. Genial! Eu gosto de espicaçar certas pessoas

BIZZ — *Você recebe cartas de ameaça, ou eles acham simplesmente que você se desviou do bom caminho?*

Cyndi — É, eles acham que eu me perdi e tal É como se Deus estivesse lá em cima olhando pra nós e, diante de todos os infinitos problemas que nós já temos, sua principal preocupação fosse como nós usamos nossos genitais. Um amigo meu me disse isso e ri durante horas. Tente entender , eu fui educada como catolica então isso soa bem rebelde!

BIZZ — *A maioria das cantoras catolicas foi muito marcada por isso e elas falam sempre desse fantasma que ainda as assombra da juventude que nunca tiveram E para voce, como é?*

Cyndi — Eu não sou catolica. Eu fui educada como catolica Eu tenho que entender isso sem ser ao pé da letra, com um certo tempero Acho legal que você se preocupe (e certamente deve se preocupar) com o bem-estar de seus filhos. É só você dividir sua vida com eles de maneira aberta que eles vao retribuir dividindo a vida deles com você de modo igual

BIZZ — *E quanto à rebeldia?*

Cyndi — A revolta e a rebeldia vão sempre existir É muito saudavel, a questao é como os pais lidam com isso Quanto mais você reprime, mais a rebeldia cresce Agora, eu nao fiz "She Bop" para ser uma canção suja, porca, nunca faria isso então não da pra entender alguem ficar tão fora de si por causa dela Quer dizer, a minha mãe viu o vídeo, pelo amor de Deus! Ela trata das pessoas que vão sendo neutralizadas, sexualmente inclusive, pela sociedade, enfiadas naqueles ternos cinzas e tudo o mais Isso é tudo

THE CURE MAIS DE 125 MIL CÓPIAS NO BRASIL!

STANDING ON A BEACH

Mais de 125 mil pessoas no Brasil já têm STANDING ON A BEACH, do THE CURE. Se você não colaborou com a conquista desse Disco de Ouro, procure logo a loja mais próxima e garanta o seu lugar na lista dos privilegiados que, em breve, darão mais um Disco de Platina pro rapaziada do Bob Smith.

PolyGram

EM DISCOS E FITAS

EVANDRO

COM TUCANOS E JACARÉS

Ele sempre esteve nos palcos. Como ator, na época do Asdrúbal, depois como vocalista da Blitz e agora enfrenta a carreira solo. *José Emilio Rondeau* foi ouvi-lo nos bastidores

"Era uma coisa totalmente de recreio, de prazer", explica a voz num dolente sotaque carioca, enquanto teclados eletrônicos, uma câmera cinematográfica de brinquedo e uma iguana de plástico observam em silêncio. "Nas festas em Saquarema, em Petrópolis, a coisa convergia prá isso", prossegue a voz, "todo mundo acabava cantando as músicas e achando super engraçado."

Pois bem, este recreio tornou-se um gigante pop brasileiro. Numa carreira curta e grossa, a dupla de violão e gaita formada por Ricardo Barreto com o ator/cantor/compositor Evandro Mesquita estreou como banda num compacto recordista para o gênero na época (870 mil cópias de "Você Não Soube me Amar") e inaugurou, no verão de 1982, uma geração rock que transformou este tipo de música num produto nobre para as gravadoras. O sucesso da Blitz — a banda de Ricardo e Evandro — foi imenso e contundente, apoiado em letras de geografia cinematográfica e shows que casavam rock e teatro. A Blitz durou menos de cinco anos até se dilacerar em carreiras solo, não sem antes ter recebido saraivadas de críticas que apontavam no grupo a encarnação da babaquice do rock. Extinto o grupo, Evandro — o dono da voz do início deste texto — tomou a dianteira e lançou o seu álbum individual — um bric-à-brac de estilos que vai do samba (uma recriação de "Gago Apaixonado", de Noel Rosa) ao reggae ("Sinto Saudade"), ao funk ("Assim Falou Sapaim"), ao rock ("Greg e sua Gangue").

Lembra o legado da Blitz mas insinua que na cabeça e no coração de Evandro moram aspirações muito diversas.

"Eu estava com medo do disco ter *uma* cara", conta Evandro em seu apartamento na Gávea, sob o ronco amigável do ar-condicionado. "Eu não queria que fosse só um disco de reggae, ou um disco dark, ou um disco só de metal. Isso porque várias coisas me emocionavam, do velho e bom blues ao rock, o samba, o reggae. Era uma tentativa de casamento de coisas não iguais. Não é uma coisa definitiva .. A capa do disco também tem essa variedade, essa poluição de informações."

Evandro está falando do verdadeiro carnaval de elementos de cena organizados (???!) para a capa pelo fotógrafo Milton Montenegro: um tucano, uma estatueta do Batman, nadadeiras, geladeira, TV, bananas, abóboras, uma fogueira e um jacaré empalhado são a guns dos adereços usados. Na contracapa reina a Tribo dos Tuamães, o atual noneto que acompanhou Evandro nas gravações e continuará nos shows que já planeja para o verão. "Não tem nenhum garoto com franja comprida", adverte, "não tem tachas, são homens, meio gordos, mas que são uns puta músicos — é uma saraivada que muda o teu penteado, entendeu?" O grupo foi surgindo aleatoriamente e aos poucos. "Primeiro ficava eu, o Ari (Mendes, guitarrista) e Dadi (baixista) levando som aqui em casa. E aí pintou o Jorjão (teclados), que me ligou pedindo uma receita de suco que eu tinha dado no programa da Marília Gabriela .. e os caras foram pintando. Foi um mês de ensaios aqui em casa, com bateria eletrônica o pau comia."

O próprio repertório do disco foi surgindo dessas *jams* informais,

"A minha etapa marginal eu cumpri muito tempo da minha vida. Depois eu comecei a ficar enjoado disso"

mesmo porque "eu não tinha planos, não tinha idéias pré-concebidas. Eu prefiro que a feitura da coisa me conte como ela deve ser feita."

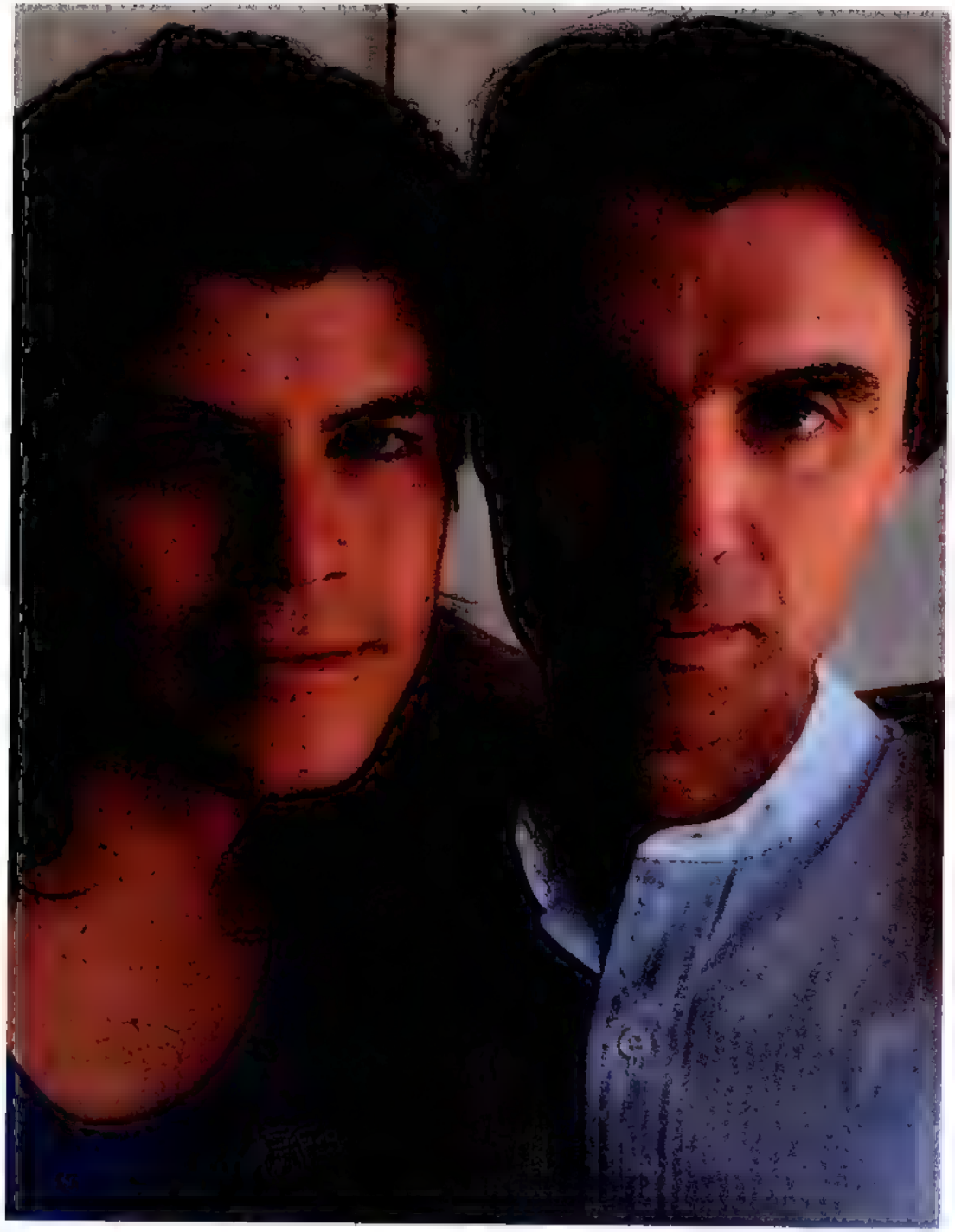
Foi dessa maneira, por exemplo, que o ator Evandro Mesquita, integrante da trupe teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, abraçou de vez a música. "O tipo de teatro que a gente fazia tinha uma energia de show", recorda Evandro dos tempos em que repartia o palco com Patrícia Travassos, Regina Casé, Perfeito Fortuna, Luiz Fernando Guimarães, Nina de Pádua e Hamilton Vaz Pereira. "E a gente tinha a preocupação de que não houvesse o ranço teatral que não bate nas pessoas, aquela coisa distante. A gente musicava textos, piadas, e *(Evandro engata uma quinta)* era uma grande frustração minha não ser músico."

"Eu estava cansado de ser um famoso ator underground, sabe? Da crítica, o público universitário e o público de teatro apoiarem, a gente ganhar prêmios e ao mesmo tempo ser totalmente duro, totalmente zero de grana. Em cada final de peça você ter que recomeçar do zero, tendo que pedir uma sala onde você pudesse gritar depois das 10 horas da noite."

"Era uma coisa muito sofrida", continua o desabafo, "nove meses de ensaio praquele dia acontecer para 300 pessoas .. ou 200, 90. E morreu ali! Você acabava tendo que almoçar na casa da mãe ou dividindo com 15 caras um quarto e sala. Então é uma coisa da qual eu não tenho saudade. A minha etapa marginal eu cumpri, assim, com a maior dedicação, muito tempo da minha vida. E isso era uma coisa que a gente discutia muito no final do Asdrúbal, porque a gente se recusava muito a fazer anúncios. Então eu comecei a ficar um pouco enjoado disto. Eu queria entrar na Globo, achava que a gente devia fazer um *sketch* no *Chacrinha*. Achava que ser oposição a vida toda era perder o jogo. Eu queria que a minha oposição virasse situação. Olha, acho que agora não há mais desculpa. Agora todo mundo pode gravar um disco."

Ao tranformar sua oposição em situação, no entanto, Evandro ganhou alguns novos — e dedicados — inimigos: uma parte da crítica e do público que considera a Blitz o exemplo supremo do pop inconsequente, descartável e bobo. Esse cerco machucava a Blitz?

"Sabe que não", contra-ataca Evandro. "Porque eu achava que tinha uma carga de inveja, que tinha uma coisa universitária, politicosa, que eu já tinha feito a minha vida inteira, sabe? Muita coisa política no rock aqui tem um mau humor que não bate nada, nem poeticamente, nem na forma de se apresentar. Porque de repente você liga a TV e está lá o grupo cheio de postura fazendo playback, aí entra o palhacinho varrendo. Se ele não fizer isso não vai gravar o próximo programa. Então há uma contradição nessas cabeças. E esse negócio do humor, do teatral, incomodou muito os músicos, porque os músicos não sabem pisar num palco — pouquíssimos sabem. E tem umas pessoas que gostam de te dar uma bandeira para carregar, sabe? 'Não esse não tá na Globo' e o cara, fodidaço. O cara fissurado por um pedal de eco, por uma guitarra nova, mas tem que levar esse karma. Se ele ganha uma guitarra ou se ele vai pra TV Globo .. 'ah, se vendeu. Tá por fora. Vou descobrir outro'."



DAVID BYRNE & PAULO RICARDO

O SOM DE CABEÇAS FALANDO

Numa ensolarada manhã de novembro *David Byrne*, *Ana Maria Bahiana* e *José Emilio Rondeau* conversaram sobre cinema, fama e carreira. *Paulo Ricardo* chegou depois e *Maurício Valladares* clicou

JER — *Como você acabou sendo convidado para este FestRio?*
DB — Eu conhecia o festival porque *Stop Making Sense* havia sido exibido nele, três anos atrás. Jonathan (Demme), o diretor, veio aqui na época e se divertiu muito. E o que acontece é que... eu já vinha ouvindo muita música brasileira há uns anos. Então pensei: "Se eu quiser ouvir um pouco mais e conhecer de onde vem esta música eu poderia ir lá. E a maneira mais fácil de ir lá seria para o festival de cinema. Seria um bom pretexto". E em setembro, outubro, me encontrei com o Fabiano Canosa (organizador do FestRio), em Nova York, e ele me convidou para o festival.
JE — *De suas conversas com Demme você já conseguia ter uma ideia do que iria encontrar aqui, de como seria o país?*
DB — Tudo o que eu conhecia do Brasil era o que eu tinha visto em filmes de época, como *Bye Bye, Brasil*.
JE — *No Rio, você foi a escolas de samba, visitou a Bahia. Como foi esse contato com a música brasileira in loco?*
DB — Fiz algumas coisas .. musicais, culturais — fui a ensaios de escolas de samba, me levaram para ver pessoas tocando nas ruas, em bares. E ouvi muito rádio na Bahia. E o rádio de lá é muito mais interessante do que aqui, no Rio. É uma variedade de muito maior. Gravei muita coisa de rádio por lá.
JE — *A cultura da Bahia é muito diferente da carioca. Eles preservam muitos regionalismos que você não encontra por aqui.*
DB — A Bahia me lembrou Nova Orleans — no sentido de ter a cultura africana misturada com a cultura européia. O mesmo tipo de coisa ocorre em Nova Orleans e produziu um tipo original de música. É de Nova Orleans que saem vários tipos de música — como jazz e rhythm and blues.
JE — *Foi difícil para um artista como você, acostumado mais a sons e palavras, fazer a transição para as imagens, dirigindo* True Stories?
DB — Não. Muito do meu passado teve a ver com imagens, com visual. Nos últimos seis ou sete anos, eu tenho feito clips para a banda, então me senti bem confortável.
JE — *Quando você fazia os clips trabalhava sozinho ou tinha alguém na co-direção?*
DB — No começo eu trabalhava com outros diretores e, depois, sozinho. Quando adquiri mais conhecimento técnico para ter controle sobre o trabalho, passei a fazê-lo sozinho.
AMB — *Existe, atualmente, uma discussão sobre o papel dos clips — diz-se que os clips se tornaram brandos e repetitivos demais. Existem alguns artistas, até, que declararam*

DAVID BYRNE
PAULO RICARDO

que não querem mais fazer video clips. Qual sua opinião a respeito disso? Você acha que a linguagem se esgotou?

DB — Eu acho que sempre é possível ser criativo num clip. O que mudou é que não estão mostrando, na MTV e nos outros canais que existem clips, as coisas mais interessantes. Só mostram os clips mornos. E isso acaba se tornando uma fórmula. Portanto, as possibilidades para este tipo de trabalho me parecem boas. Por outro lado, o que está sendo feito com o bom trabalho?

JE — *E de onde estão vindo os bons clips?*

DB — Alguns, dos Estados Unidos. Outros, da França. Tem uns ótimos feitos na Inglaterra, no Japão. Eles nunca são exibidos, nunca. Às vezes a MTV até mostra. Depois dizem "nunca mais". Fazem coisa do tipo "aqui está um vídeo bastante incomum, feito por fulano de tal". Mas acabam mostrando só uma vez.

JE — *Provavelmente Jonathan Demme teve algo a ver com sua transição para o cinema.*

DB — Ele é muito, muito encorajador.

JE — *Como vocês se conheceram?*

DB — Ele foi a um concerto da minha turnê que originou *Stop Making Sense*. Ele gostou muito e comentou com uma amiga comum que o show poderia resultar num bom filme. A amiga nos apresentou e ele me fez a sugestão. Eu disse a ele que já vinha procurando alguém que pudesse me ajudar a fazer justamente aquilo ... e já estava quase desistindo.

JE — *E o que você aprendeu de Demme que acabou tornando mais fácil seu trabalho em* True Stories?

DB — Aprendi algumas coisas técnicas. Mas o mais importante foi ter aprendido que para se fazer um filme — não importa que tipo de filme — você realmente precisa gostar dos personagens e das pessoas que você está filmando. Você precisa acreditar neles e gostar deles. Mesmo que seja um personagem incomum, você precisa gostar de ele. Caso contrário, não é interessante para a platéia.

JE — *Você parece ser um artista que gosta muito de colaborações — com Demme, ou com Brian Eno, com Robert Wilson, com Twyla Tharp. Por que você busca esses colaboradores? São eles que vem a você?*

DB — Às vezes eles vêm a mim. E para mim é bastante atraente, porque me dá um *input* mais fresco. Outras pessoas me dão ideias novas. Elas me forçam a adaptar minha música — ou seja lá o que for — a um tipo diferente de situação. É fortificante não fazer o mesmo tipo de coisa o tempo todo.

JE — *Como foi seu trabalho com Brian Eno? O que um ensinou ao outro?*

DB *(longa pausa)* — Pelo menos na época foi bem fácil (trabalhar com ele). No estúdio um de nós tocava um instrumento, o outro ficava escutando. Depois trocávamos as posições *(nova pausa, mais longa)*.

JE — *Ontem, na coletiva, você falou algo a respeito de ter ensinado a ele coisas sobre ritmo, enquanto ele teria ensinado a você coisas sobre ambiente.*

DB — E, alguma coisa assim.

AM — *Como você iniciou o trabalho que acabou resultando em* My Life in the Bush of Ghosts? *O que veio primeiro, o material achado?*

DB — Não. A mulher com quem eu havia trabalhado no clip de "Once in a Lifetime", Tony Basil, é geralmente a coreógrafa. Mas neste clip específico ela foi a diretora e eu fui o coreógrafo. Então eu dancei e ela olhou. E haviam pedido a ela — acho que foi a TV inglesa — para fazer um programa de uma hora, usando dançarinos de rua, pessoas que dançassem break, lock, electric boogaloo. E como ela conhecia muita gente, acabou chamando alguns dos melhores dançarinos do país inteiro. Eram dançarinos excelentes. Então dissemos que gostaríamos de fazer músicas para aquele trabalho. E começamos a criar músicas que eram uma mistura de primitivo com hi-tech. Mas o dinheiro para aquele projeto terminou sem que ele tivesse sido concluído. Aí acabamos fazendo somente o disco com aquelas músicas. Enquanto estávamos gravando o disco começamos a tentar colocar diferentes vozes nele. E acabou dando tão certo que resolvemos seguir em frente daquela maneira e baseando naquilo todo o conceito do disco. Quando vimos que estava dando certo saímos à procura de diferentes vozes — no rádio, na televisão, em discos.

David e Brian Eno mergulham num arbusto cheio de fantasmas

AM — *E acredito que nessa procura você acaba descobrindo como algumas pessoas na verdade fazem cantando, em situações de raiva ou de transe. Acabam cruzando a fronteira que existe entre a fala e o canto.*

DB — Sim, você vê que em discursos inflamados, ou quando um padre fala na igreja, aquilo acaba se tornando musical, tem ritmo, repetição. Você quase até consegue escutar uma melodia.

JE — *Voltando ao cinema, é saudável essa transição da música para os filmes?*

DB *(pausa)* — Não sei dizer. Cabe a você dizer se é ou não saudável. Acho que para mim é saudável porque tenho trabalhado com coisas visuais há um ano, direto. Então tenho tempo para pensar sobre a música — quando voltar para ela terei idéias mais exatas.

JE — *Ontem você disse que não excursionaria por agora, usando o repertório de* True Stories. *Por que?*

DB — Porque gosto que os concertos sejam shows ... e não sei que tipo de show fazer, por agora. Gostaria de fazer algo além de ficar em pé e cantar.

JE — *Então você faria um outro álbum e a partir dele criaria uma turnê?*

DB — E, talvez.

AM — *Em discos antigos — como* Remain in Light — *você parecia interessado em criar música transcultural. E agora, em* True Stories, *você busca uma música realmente americana. Como ocorreu essa mudança de ponto de vista?*

DB — Para este disco (criar este tipo de música, americana) fez sentido porque o filme falava da vida em uma pequena cidade americana. Então eu quis colocar todos os diferentes tipo de músicas que se poderiam ouvir naquela região. E também acho que *(ri um pouco)* depois de ter sido tão "viajado", musicalmente, resolvi parar um pouco e ouvir a música que estava bem ao meu redor. Mas acho que já fiz o bastante. É hora de "sair" novamente.

AM — *Uma coisa interessante. Houve aqui, no Brasil, uma época em que os jovens músicos estavam desdenhando a música brasileira. Estavam fazendo uma coisa parecida com o que você fez, prestando atenção à música do mundo. Mas daqui eles estavam olhando o Primeiro Mundo — estavam tentando novas formas de tecnologia —, novas formas de rock'n roll. E então foi naquela hora que chegaram ao Brasil discos como* Remain in Light *e eles meio que disseram 'ah, então é cool curtir esse tipo de ritmo'. Foi um curto-circuito. E por isso existem no Brasil muitos grupos que se interessam por ritmos terceiro-mundistas por causa dos Talking Heads. Você já imaginou?*

DB — Acho ótimo. É sempre chocante viajar para um lugar e descobrir que as pessoas de lá não estão interessadas em sua própria música — ótima, geralmente. Quando eu chego a algum lugar só ficam me perguntando sobre a música de Nova York — o que suponho que seja natural. *(se perde em seus pensamentos e começa a gargalhar)* Estive conversando sobre isso com Arto (Lindsay). Ele parece muito interessado em canções brasileiras bem antigas e as pessoas daqui parecem surpresas por esse fato. E ele falou sobre as letras dessas músicas, de como elas são boas.

JE — *Sobre o Talking Heads: ontem você disse na coletiva que, no começo, a música da geração do Talking Heads era uma rebelião contra o rock que existia naquela época. Isso foi há mais de 10 anos. Agora você é a situação, por assim dizer. Você vê alguém se rebelando contra a geração do Talking Heads? Seria a hora de uma nova rebelião?*

DB — Acho que sim.

JE — *Você já consegue ver o começo dessa rebelião?*

DB — Não. E você?

JE — *Não consigo, de imediato, lembrar nomes, mas tenho certeza de que existem artistas que estão pegando a música da geração do Talking Heads e virando tudo ao avesso.*

DB — E, eu também sinto uma atitude nas pessoas mais jovens de que, agora, que eu sou parte da "velha geração", já está na hora de surgir uma coisa nova. O que eu acho ótimo. Mas em Nova York, hoje em dia, a nova geração — embora goste de ouvir música — se expressa pintando. No meu tempo, quando você era jovem e queria se expressar artisticamente reunia três ou quatro pessoas, fazia música e mostrava a música às pessoas. Talvez nem pintasse muito dinheiro, mas você estava se expressando. Agora, lá em Nova York, o negócio é pintura — centenas de galerias novas. E eles estão ganhando muito mais dinheiro do que se fossem músicos. Existem até pessoas que

Os Talking Heads precisam de alguém que se rebele contra eles

tocavam em bandas e se tornaram pintores. É muito estranho. Mas também acho que é uma questão de aproveitar a oportunidade. E, atualmente, o tipo mais popular de expressão em Nova York — pessoas comprando quadros, muito espaço na imprensa. É uma forma de ser notado pelo público, enquanto na música existem pessoas como eu que estão ocupando todo o espaço existente.

JE — *O que um fã antigo dos Talking Heads deve achar de você, agora que você foi capa da* Time?

DB — Acho que algumas pessoas devem achar que nossa música era melhor antigamente — quando ela era mais primitiva, mais crua, tinha mais tensão nervosa. Algumas pessoas gostavam exatamente destes elementos. E estes elementos não existem mais. Gostei muito dos dois últimos álbuns *(Little Creature* e *True Stories)*, mas, musicalmente, eles foram bem conservadores. Toda a minha energia experimentalista havia sido canalizada para coisas visuais — clips, o filme e algumas coisas de teatro, que eu também faço.

JE — *No que você chamou de "seu tempo" era difícil conseguir um contrato com uma gravadora?*

DB — Sim. Nós fomos talvez a última banda (do C.B.G.B., night club nova-iorquino onde também se apresentavam Blondie e os Ramones) a ser contratada por uma gravadora. A gente só ficava lá, sentado e olhando, enquanto todo mundo ia sendo contratado. Acho que fomos os últimos porque (as gravadoras) não conseguiam nos entender.

AM — *Como você conheceu a música brasileira?*

DB — Acho que a primeira vez foi anos e anos atrás, quando comprei alguns discos do Milton Nascimento. Gostei muito mas não comprei mais discos brasileiros durante muito tempo. Mas depois acho que ouvi alguma coisa na casa de alguém ... é, foi isso, ouvi na casa de alguém. Daí pensei "mas isso é muito bom, vou procurar esse disco e ver se o encontro". Jamais achei o disco, mas encontrei uma série de outras coisas. Até hoje não sei que disco era aquele.

AM — *E o que o atraiu naquela música que você ouviu, o ritmo, a melodia?*

DB — É, o ritmo e a atmosfera *(longa pausa)*. Aquilo que eu tinha ouvido naquela casa, acho, era algum tipo de folk music. Era só um violão, um acordeão e a voz de uma mulher. Eram canções muito lindas. *(toca a campainha do quarto e entra Paulo Ricardo, carregando uma sacola recheada de presentes para Byrne — dois buttons do RPM, uma cópia dos dois álbuns da banda e uma camiseta estampada com o rosto de Paulo Ricardo. Quando David vê* Radio Pirata ao Vivo *comenta que tinha dado de cara com aquele disco everywhere. "É muito popular, não é?" David, então, retribuiu os presentes com uma cópia do roteiro de* True Stories, *que Paulo Ricardo pediu que ele autografasse. Trocadas as "oferendas", o papo foi retomado, com Paulo Ricardo na dianteira. David quer saber sobre o início da carreira do RPM e Paulo passa a contar sobre o tempo em que a banda fazia o circuito das danceterias)*

PR — *As bandas eram apenas um pequeno pedaço da história. Tinha gente cuspindo fogo.*

DB — Wow!

PR — *... dançarinos. Era muito bom, mas (as danceterias) não duraram muito tempo.*

DB — E quando foi isso?

PR — *Há uns dois anos. Naquele*

Byrne deu a Paulo Ricardo o livro True Stories

e Paulo Ricardo retribuiu com o disco do RPM

DAVID BYRNE
PAULO RICARDO

tempo era mais fácil começar
DB — Você quer dizer para uma banda começar a trabalhar?
PR — *É. Principalmente no Rio, hoje em dia, é difícil para uma banda principiante achar um lugar para tocar. Bom, então nós tivemos a chance de fazer uma demo, junto com 15 outros grupos — e isso resultou num álbum de uma faixa para cada grupo*
DB — Nós também chegamos a gravar faixas para um álbum assim, ao vivo. Mas acho que acabamos ficando de fora. O disco, na verdade, ajudou o começo da carreira daqueles grupos
PR — *Que grupos eram?*
DB — Acho que Blondie.
PR — *Blondie teve uma escalada rápida*
DB — Um sucesso enorme!
JE — *Interessante, isso: as duas bandas — Talking Heads e RPM — tiveram um começo semelhante, tocando em lugares mínimos, fazendo parte de paus-de-sebo.*
PR — *Nós tocávamos em lugares menores!*
JE — E agora vocês estão nas capas de todas as revistas. Me digam uma coisa: como é a sensação de passar do anonimato absoluto para a fama total? Não para o artista, mas para a pessoa
DB — Para mim foi razoavelmente gradual. Levou 10 anos para isso acontecer. Levou um certo tempo. Às vezes isso dá a você a sensação de ser um cara realmente genial, é ótimo para o ego. Mas outras vezes você quer mais é ficar quieto, na sua, fazendo seu trabalho... mas, às vezes, a imagem do que você é no palco se mistura com o que você é como pessoa. E algumas vezes o artista não é nada parecido com a pessoa que ele é. As pessoas acham que você é assim o tempo todo, que é assim que você vive. E pelo fato de o verem no palco e ouvirem seus discos, as pessoas acham que conhecem você de verdade. Acho que é uma coisa natural, mas ao mesmo tempo é estranho ver desconhecidos chegarem perto de você e agirem como se conhecessem você
PR — *E você é tão diferente assim do artista David Byrne?*
DB — Existe algum elemento meu lá em cima do palco. Mas é um tipo de pessoa completamente diferente. É um show
PR — *Para mim a primeira sensação foi de alívio, tipo "ah, eu posso me sustentar com isso. Não preciso mais ser repórter free-lancer!"*
AM — *Ele era jornalista.*
DB — Ha, ha, ha
PR — *Eu costumava batalhar muito procurando lugares onde pudesse escrever. E eu não queria ficar preso com um trabalho diário, sem tempo para ensaiar. Essa foi a primeira sensação. Depois a coisa começou a crescer.*
DB — Logo que fomos contratados por uma gravadora nós recebemos um adiantamento, pouca coisa. E a primeira coisa que eu fiz com o dinheiro foi comprar um aparelho de televisão, ha, ha, ha, ha, ha!
PR — *Eu comprei um baixo!*
DB — É, acho que depois eu comprei uma guitarra
AM — *A carreira do RPM é bastante interessante, porque o grupo teve o sucesso que qualquer banda poderia ter e, de repente, não sei exatamente quando, como ou por quê, a platéia mudou, ficou cheia de garotas gritando, e ficou muito maior. O que aconteceu, Paulo?*
PR — *Não pergunte a mim! Eu não sei. Nós nunca fizemos coisa alguma pensando num público como o que*

David fala com qualquer um que dê ouvidos a ele

temos agora. Até hoje eu não entendi como isso aconteceu. Principalmente por causa das letras — todas aquelas garotas cantando letras que elas talvez nem consigam entender. Nós tínhamos uma fome imensa quando começamos, querendo abraçar tudo que fosse possível, tipo "it's now or never" ... mas eu não sei o que aconteceu. Se eu soubesse eu faria um outro grupo para ser um sucesso entre os adolescentes
JE — *O Talking Heads parece também estar atraindo um público mais jovem*
DB — É, um pouco, mais por causa do rádio. Eles não costumavam tocar nossas músicas — muito pouco. Agora não. E o público mais jovem ouve o rádio o tempo todo
JE — *A MTV teve alguma coisa a ver com isso?*
DB — É, um pouquinho, por causa dos vídeos
PR — *Quando começaram a carreira vocês escolhiam muito o tipo de trabalho que iriam fazer — que programas de TV, que tipos de entrevista?*
DB — No começo a gente topava tudo, falava com quem quer que nos desse ouvido. E agora a gente não costuma dar entrevistas nas épocas em que não existem discos sobre os quais falar. Assim você aproveita melhor as entrevistas para também fazer publicidade
PR — *Você acredita que o público possa devorar o artista?*
DB — É, acho que sim. O público vai e consome, consome você, depois se cansa e diz "*next!*". Mas aí, tudo bem, porque você, a essa altura, já está precisando de um descanso. Depois, é só voltar
PR — *Você costuma ouvir pessoas lhe dizendo que sua música já era, que ela perdeu a força inicial?*
DB — É. Acho que as pessoas dizem isso porque os primeiros discos eram seus favoritos e quando elas vêem outras pessoas descobrindo essa mesma banda começam a achar que ela não é mais tão especial. Elas levam isso a sério. Às vezes acho que estão certas, às vezes não. Talvez nós tenhamos perdido alguma coisa, talvez a música tenha mudado e não seja a mesma de antigamente.
PR — *E isso o preocupa?*
DB — Não posso me preocupar com isso, fico tentando me esquivar
PR — *Esse tipo de coisa está acontecendo conosco. Os fãs de antigamente estão meio que dizendo "ah, agora não gostamos mais de vocês". Preferem sempre procurar grupos menores*
DB — A imprensa também tem esse negócio .. É, às vezes machuca quando seu público antigo vira e diz: "Agora que todo mundo gosta de vocês, nós não gostamos mais"
PR — *Você se sente culpado, com isso?*
DB — O que se pode fazer? A culpa não é sua. É como você falou: você não tentou compor para este tipo de público
AM — *A relação do público com o artista é uma mistura de amor e ódio. Quando o público acha que o artista o traiu, vai e trai o artista, e sai à procura de um novo amor*
DB — É exatamente assim. E a coisa mais estranha é quando uma pessoa tem uma atitude de total adoração e quer pegar em você, falar com você... e você está ocupado, indo para um concerto, ou coisa assim, e diz que não pode conversar e elas dão um olhar de ódio, viram ao avesso, como se estivessem dizendo "você é cruel, eu odeio você! Eu odeio você!"
PR — *O público é muito ciumento*

LAURIE ANDERSON

MUSA DAS VANGUARDAS?
NÃO, UM AMOR DE PESSOA

Era um escaldante fim de tarde e eu acabara de sair voando da bilaciante trapalhada que foi a coletiva dos Banshees. Estava muito, mas muito divertido, o assédio *à la banana-republic* aos góticos de primeira hora, que mantiveram seu humor até diante de fotógrafos mal-educados. Mas eu já tinha um encontro marcado — aka! uma *exclusiva* — com Ms. Anderson e não ia me atrasar nem pela Nastassja Kinski.

Valeu a correria. Laurie é — como diria minha avó — "um amor de pessoa", e o papo rascandeu uma admiração mais desbotada pelo tempo. Quando surgiu — com o compacto *"O Superman"* (81) e o LP *Big Science* (82) — ela foi uma grande lufada de ar fresco, inteligência e criatividade. E *Big Science* cresce a cada audição, a fineza aguda e sutil de cada faixa é melhor explicada quando se sabe que são apenas os "melhores momentos" da ópera performática *United States* — lançada, em 84, numa caixa com cinco discos e também em formato de livro.

Pouca coisa aconteceu depois. Basicamente, ela se tornou mascote de uma turma "cujos deuses são Brian Eno, Joseph Beuys e talvez — num dia chuvoso — William Burroughs", como brilhantemente definiu uma jornalista inglesa que acompanhou o Cabaret Voltaire à Feira de Arte Eletrônica em Viena, este ano. Ao mesmo tempo, nem *Mr. Heartbreak*, o segundo LP, nem o complexo filme-disco *Home of The Brave* conseguiram me entusiasmar. Não sugeriam mais que uma passada pela peneira da música pop, perdendo o fio da meada e o fio de corte. Uma das minhas grandes surpresas de 86: Laurie Anderson produzida por Nile Rodgers sem cara... os Eurythmics. Mas quem sou eu para insistir nesse ponto? Vamos ao papo.

LAURIE ANDERSON

BIZZ — *... E o que você achou do Brasil?*

Laurie — Adorei, mas vou precisar voltar, assim que puder, mas voltar incógnita .. Não me deixaram conhecer o país! Aquele festival no Rio *(Laurie veio acompanhar a exibição de* Home of the Brave *no FestRio)* era mais uma festa do que qualquer outra coisa, uma festa cercada de festas, e você sabe que as festas não são os melhores lugares para se conhecer e conversar com as pessoas

BIZZ — *Pena... mas, voltando um pouco no tempo, você ficou surpresa quando "O Superman" estourou?*

Laurie — Sem dúvida, yeah! Não é uma canção no formato *hit*, pra começo de conversa, é muito longa, mais de oito minutos... e até quiseram cortá-la para três minutos, o que a mataria. Mas é importante notar que o estouro mesmo aconteceu na Europa, foi uma coisa localizada.

BIZZ — *É, isso já explica muita coisa. Mas não torna menos peculiar o seu pulo das chamadas Belas Artes* (além de estudar violino clássico, ela foi escultora e professora de História da Arte) *para a música eletrônica...*

Laurie — Bem, havia um cara que morava na minha rua que ficava fuçando nas latas de lixo e construindo aparelhinhos estranhos e bugigangas mil... A ponte é por aí. Mas eu não sou inventora. O que me atraiu à eletrônica foi a velocidade, a rapidez de testes e combinações, você estar experimentando quase na mesma velocidade com que concebe na cabeça. Também começou quando eletrifiquei meu violino, isso abriu um campo muito maior do que eu podia esperar, até o violino eletrônico, para os computadores...

BIZZ — *Depois de* Big Science, *porém, seu trabalho começou a ficar mais pop...*

Laurie — Talvez, não sei... As pessoas vivem me perguntando isso.

BIZZ — *Não estou dizendo que o pop seja inferior*

Laurie — Nem eu, nem eu... Mas não me sinto dentro do universo pop. Ao mesmo tempo, tem coisas em *Big Science* — estou pensando em "Example 22" — que têm uma pitada até rock'n'roll. Sabe, quando comecei a trabalhar com Peter Gabriel e, depois, Nile Rodgers, fui com um objetivo específico: aprender a trabalhar melhor com os sons graves, as frequências baixas, uma coisa que eu nunca tinha resolvido, é difícil, e os dois são peritos nisso. Então, para mim foi um trabalho experimental, eu estava experimentando mesmo, no sentido da palavra. Depois, Nile estava trabalhando com o mesmo computador que eu...

BIZZ — *Que é ?*

Laurie — O Synclavier. E Nile é uma pessoa ótima e informal, paciente como ele só. Sabe como os produtores tratam os técnicos de estúdio? "Ei, vá buscar café" e por aí afora. Ele não, sabe que os caras estão lá porque querem aprender para chegarem um dia a produtores. Ele tem o maior prazer em ensinar, quando a maioria procura fazer o maior segredo em cima desses truques e manhas, como se fossem a verdadeira fórmula mágica do sucesso.

BIZZ — *E não são? Quer dizer, se a gente pensa no produtor como um elo entre o músico e o estúdio...*

Laurie — Depende. Uma palavra como "produtor" pode significar qualquer coisa, o cara pode até fazer arranjos. Chega o músico: "Eu tenho umas coisinhas que eu compus" *(ela forja uma voz trôpega e tímida)*. E o produtor *(agora num tom grave e gutural)*: "Yeah, baby, eu posso te dar uma mão"

BIZZ — *Foi por isso que eu perguntei... Você tem já um conhecimento da tecnologia e um enfoque eletrônico no seu trabalho. Num caso desses, o produtor não fica descartável?*

Laurie — É preciso alguém para ajustar o estúdio naquelas determinadas horas e coisas assim .. Mas existe uma diferença abissal entre o estúdio e o palco. Digamos que uma máquina qualquer pife em pleno show, aí sou eu — aqui, agora — que vou ter de me virar e fazer acontecer.

BIZZ — *Tem de se mostrar à máquina quem é o mestre e quem é o escravo, certo?*

Laurie — Yeah, quem é *the boss*... Elas são bem estúpidas, na verdade, você joga algo em uma memória digital e diz a ela para fazer alguma coisa. Ela fará isso eternamente. Eu não faço uma apologia das máquinas! Ops, acho que acabei de dizer um clichê *(risos)*.

BIZZ — *É reconfortante ver/ouvir trabalhos de artistas americanos — como você e David Byrne — que buscam uma visão dos Estados Unidos que é atravessada pela alta tecnologia mas tem carinho, ternura e simpatia pelo ser humano. Isso também pode soar como clichê mas tem aquela mítica americana de estradeiro, meio beat requentado, tipo Bruce Springsteen, para não falar em mr. Rambo Cobra Stallone.*

Laurie — É uma longa história essa... Quando eu compus *United States*, tentei explicar coisas que não entendia... Eu queria compreender, reconhecer .. Como se a Europa me parecesse mais nítida e explicável, não sei...

BIZZ — *A sensação que me dá, e vou falar outro clichê, com o trabalho seu e de Byrne, é aquela coisa do lugar-comum que é tão comum que parece estranho. Talvez a gente só possa ter mesmo essa sensação no lugar onde passou a vida inteira...*

Laurie — Yeah! É isso realmente que tento descobrir... Há muitas diferenças e elas começam a saltar aos olhos de uma hora para a outra. Queria ter tempo para descobrir o Brasil assim, eu li alguns livros, mas livros só trazem fatos. Eu vou precisar voltar aqui

BIZZ — *Venha mesmo, mas esqueça Rio e São Paulo e conheça a Bahia. Eu trouxe até um presente para você, um disco de um percussionista baiano, Djalma Correia. Ele participa do último disco de Peter Gabriel*

Laurie *(com o disco na mão, olhando capa e contracapa)* — Obrigado, hein! Sim, eu me lembro de Peter falando dele. Sabe que quando Peter veio ao Brasil, eu o levei ao aeroporto em Los Angeles, e o avião teve algum problema com o motor. Três horas depois, estou no hotel e ele me liga... É um cara supercool... "Ah! Não me diga que já está no Rio?" Aí fiquei sabendo o que tinha acontecido e senti um alívio por não ter acontecido nada e ele conseguir vir para cá. Você esteve com ele?

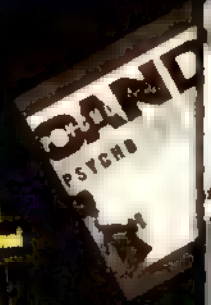
BIZZ — *Ele não veio a São Paulo, ficou só no Rio, acho .. Eu fui um grande fã do Genesis, quando chegou a notícia de que ele tinha abandonado o grupo, eu fui para a escola com uma tarja preta no braço!*

Laurie *(rindo à beça)* — Mas foi muito bom para ele...

BIZZ — *Se foi!* J.A.L.

A CRÍTICA CONSAGRA OS MELHORES DE 86. A wea AGRADECE.

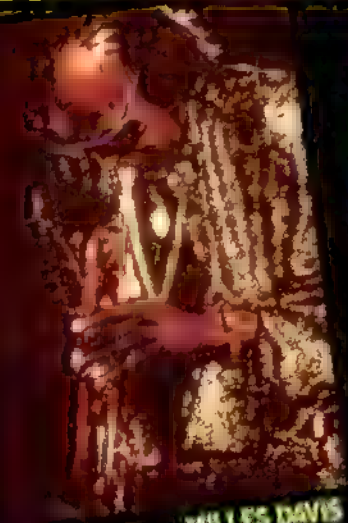
TITÃS
1º lugar — Melhor Lp Nacional
2º lugar — Melhor Grupo Nacional



IRA
1º lugar — Melhor Lp Nacional
2º lugar — Melhor Grupo Nacional
1º lugar — Melhor Instrumentista Nacional (Edgar Escandurra)
1º lugar — Melhor Clip Nacional ("Envelheço na Cidade")

GUETO
1º lugar — Revelação Nacional

JESUS AND MARY CHAIN
1º lugar — Melhor Lp Internacional
1º lugar — Melhor Grupo Internacional



MILES DAVIS
1º lugar —
Melhor Instrumentista
Internacional

PRINCE
3º lugar — Melhor Lp Internacional

SIMPLY RED
2º lugar — Revelação Internacional

SMITH
2º lugar — Melhor Grupo Internacional

TOM WAITS
1º lugar — Melhor Vocalista Internacional

BIZZ

MELHORES DE 86

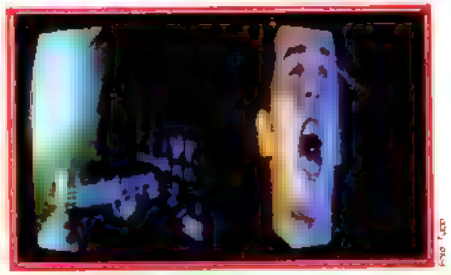
A VOTAÇÃO DA CRÍTICA

Os Titãs fizeram o melhor disco

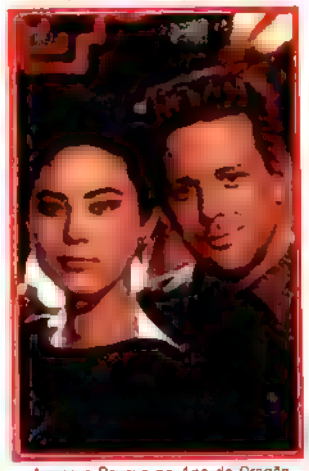
De novo, a Legião é o grupo do ano

A cabeça dos internacionais

Peter Gabriel marteou todos com "Sledgehammer"


O prêmio de melhor cup nacional foi para o Ira

Miles, um *must* nos palcos de 86


Ariane e Rourke no *Ano do Dragão*

DE OLHO NO PASSADO

A bem da verdade, o ano passou sob o signo da retrospectiva, tanto aqui como lá fora. Prova disso são coletâneas de grupos fundamentais, como o **Roxy Music**, o **Cure** e o **Echo & the Bunnymen**. Seria covardia que os lançamentos de 86 competissem com chumbo tão grosso, por isso não foram aceitos votos em coletânea. Ainda que fossem exclusivas do Brasil, como a genial *Funk'n' Reggae*, da RCA.

Também foi um ano de tirar o atraso do mercado brasileiro de discos. Nesse sentido, o principal acontecimento foi — sem sombra de dúvida — o relançamento dos discos dos **Mutantes** e da **Rita Lee** pré-Tutti Frutti, por iniciativa dos Baratos Afins. Grupos já históricos que nunca haviam sido editados aqui, e foram caso do **PIL**, dos **Cocteau Twins** e alguns lançamentos das séries *Anos 90* (WEA) e *New Rock Collection* (CBS). E, ao que tudo indica, 87 deverá trazer muito mais coisa fina, como Cabaret Voltaire, Joy Division e New Order, Nick Cave, Cramps, Felt, Durutti Column, Bauhaus.

Em termos de relançamentos, a série *Rock Pesquisa* (WEA) emplacou com os **Doors**. Porque só com eles? Porque o tempo é um carrasco implacável. Para 87 fica aqui a sugestão de que a Polygram lance pelo menos um disco do **Velvet Underground** — que compõe com os Doors a dupla fundamental dos anos 60.

No mais, nossa votação seguiu basicamente os mesmos critérios da do ano passado. Para *melhor LP*, as faixas foram votadas separadamente, contando 10 pontos para 1º lugar, 9 para o 2º, 8 para o 3º etc. Para evitar uma votação tendenciosa, desta vez só contou pontos a melhor colocada, naqueles casos em que uma pessoa votou em mais de uma faixa do mesmo LP. Já nas outras categorias, cada eleitor pôde votar até em três bandas/vocalistas/filmes etc (3 pontos para o 1º lugar, 2 para o 2º, 1 para o 3º).

E, last but not least, resolvemos seguir o espírito retrospectivo do ano e eleger nossas "favoritas de todos os tempos da MPB", pra refrescar a cabeça dos que só pensam, ouvem e vivem rock, rock, rock.

O elegante Mr. Ferry, solo ou à frente do Roxy Music; o trágico Jim Morrison e seus Doors; os libertários Mutantes: entre os melhores de sempre

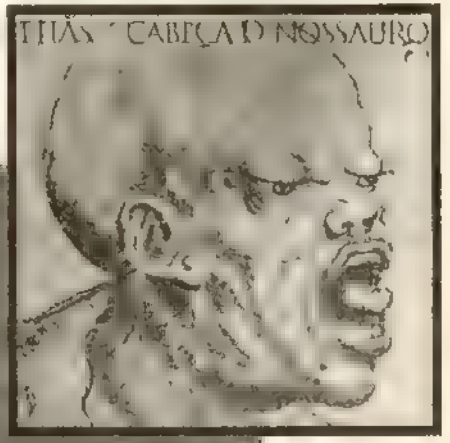
...E EIS OS LPs ESCOLHIDOS

MELHOR LP INTERNACIONAL

1	*PSYCHOCANDY* (JESUS & MARY CHAIN)	71
2	*ALBUM* (PIL)	65
3	*PARADE* (PRINCE)	61
4	*Candy Apple Grey* (Husker Du)	43
	Tutu (Miles Davis)	43
6	*Rain Dogs* (Tom Waits)	42
7	*True Stories* (Talking Heads)	32
8	*The Queen is Dead* (Smiths)	30
	Dirty Work (Rolling Stones)	30
10	*So* (Peter Gabriel)	21

MELHOR LP NACIONAL

1	*CABEÇA DINOSSAURO* (TITÃS)	109
2	*DOIS* (LEGIÃO URBANA)	105
3	*VIVENDO E NÃO APRENDENDO* (IRA!)	77
4	*Selvagem?* (Paralamas do Sucesso)	65
5	*O Rock Errou* (Lobão)	49
6	*Cadê as Armas?* (Mercenárias)	44
7	*Felini Só Vive Duas Vezes* (Felini)	41
8	*Cabeça de Nego* (João Bosco)	39
9	*Noite e Dia* (Smack)	33
10	*Violeta de Outono* (Violeta de Outono)	30



Obs.: a faixa "Walk this Way" dana o oitavo lugar, com 35 pontos, para o LP *Raising Hell*, do Run DMC... se ele tivesse saído aqui! "Walk..." apareceu só em compacto, e o LP ficou mesmo para 87. O décimo lugar ficaria então com *Graceland*, de Paul Simon, bem votado (27 pontos) pelos otimistas que acharam que ele seria lançado antes dos últimos dias de dezembro. Não foi. Azar nosso. E sorte do Peter Gabriel, que assim abiscoitou a décima posição.

OS VOTOS DE CADA UM

(votaram a redação e colaboradores de BIZZ e convidados de outras publicações, entre São Paulo, Rio, Porto Alegre e Belo Horizonte)

José Augusto Lemes

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) JOAO BOSCO João Bo	1) P
2) MERCENARIAS Me Perco	2) PRINCE Kiss
3) FELLINI Lata	3) SMITHS
4) FELLINI Bu	4) TALKING HEADS
5) VIOLETA DE OUTONO	5) JESUS & MARY CHAIN
6) JORGE BEN Pa	6) JESUS & MARY CHAIN "You Trip Me Up"
7) LEGIAO URBANA Eduardo e Monica	7) SMITHS "Ceme
8) GERONIMO Jub	8) PIL
9) OBNASHOK Vida	9) TALKING HEADS
10)	10) SIGUE SIGUE SPUTNIK She's My Wife

José Emilio Rondeau

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) PARALAMAS DO SUCESSO	1) PETER GABRIEL
2) LEGIAO URBANA	2) PRINCE
3) PARALAMAS DO SUCESSO	3) PAUL SIMON "The Boy in the
4) LEGIAO URBANA	4) ROLLING STONES
5) LOBAO	5) STEVE WINWOOD
6) TITAS	6) RUN DMC "Walking Away"
7) PLEBE RUDE	7) TALKING HEADS
8) PLEBE RUDE	8) PIL
9) TITAS	9) BANGLES
10) BEZERRA DA SILVA	10) JANET JACKSON

Alex Antunes

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) SMACK	1) TALK TALK
2) JOAO BOSCO	2) MILES DAVIS
3) FELLINI	3) PRINCE
4) ITAMAR ASSUMPÇAO	4) TALK TALK "What You Make
5) SMACK	5) ASSOCIATES
6) JOAO BOSCO	6) ASSOCIATES
7) FELLINI	7) TALK TALK
8) TITAS	8) L SHANKAR
9) ITAMAR ASSUMPÇAO	9) PRINCE
10) TITAS	10) B A D

Thomas Pappon

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) LEGIAO URBANA	1) JESUS & MARY CHAIN
2) TITAS	2) PROPAGANDA
3) LEGIAO URBANA	3) R.E.M.
4) ITAMAR ASSUMPÇAO	4) JESUS & MARY CHAIN
5) VIOLETA DE OUTONO	5) HUSKER DU
6) MERCENARIAS	6) STRAWBERRY SWITCHBLADE
7) IRA!	7) PRINCE
8) BEZERRA DA SILVA	8) DOUBLE
9) PARALAMAS DO SUCESSO	9) SMITHS
10) TAMAR ASSUMPÇAO	10) FINE YOUNG CANNIBALS

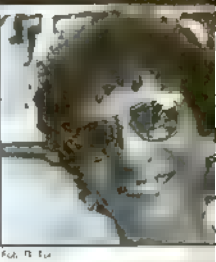
Ilio Ahronis

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) SMACK	1) MILES DAVIS
2) FELLINI	2) ECHO & THE BUNNYMEN
3) TITAS	3) SMITHS
4) RAI	4) PIL
5) MERCENARIAS	5) MILES DAVIS
6) SMACK	6) FINE YOUNG CANNIBALS
7) PARALAMAS DO SUCESSO	7) JESUS & MARY CHAIN
8) VIOLETA DE OUTONO	8) PIL
9) LEGIAO URBANA	9) PRINCE
10) SMACK	10) DOUBLE

Correndo por fora os Titãs comeleram um

...P inesperado, grande vencedor da crítica

Carlos Arruda



INTERNACIONAL	NACIONAL
1 PRINCE "New Position"	1) LOBAO "Revanche"
2) ROLLING STONES "Too Rude"	2) HERMETO PASCHOAL Araguá
3) PRINCE "Under the Cherry Moon"	3) RPM Nola
4) PAUL McCARTNEY "Pretty Little Head"	4) LEGIAO URBANA "Eduardo e Mônica"
5) TALKING HEADS	5) PARALAMAS DO SUCESSO
6) TOM WAITS "Rain Dogs"	6) LOBAO "Canos Silenciosos"
7) STEWART COPELAND "The Rhythmatist"	7) IRA! "Flores em Você"
8) GENESIS "The Brazilian"	8) TIM MAIA "Do Leme ao Pontal"
9) ROLLING STONES "Harlem Shuffle"	9) KIKO ZAMBIANCHI Fly
10) PHILIP GLASS "Freezing"	10) ALMIR SATER "Curumba"

Sônia Maia

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) VARUKERS "Millions Massacred"	1 JULIO RENY "Super Homem Está Esquecendo as Suas Mãozinhas"
2) ENGLISH DOGS "Ambassador of Fear"	2) MERCENARIAS Santa Igreja
3) RUN DMC "Walk this Way"	3) LOBAO O Rock Errou
4 HUSKER DU "Don't Want to Know If You Are Lonely"	4) SMACK Cavalo
5) PIL FFF	5) FELLINI Bumbos e Oceanos
6) PIL Home	6) IRA! Dias de Luta
7) TOM WAITS "Gun Street Girl"	7 LEGIÃO URBANA "Eduardo e Mônica"
8) SIGUE SIGUE SPUTNIK "One Million Kisses"	8) SMACK "Rádio Smack"
9) PRINCE Kiss	9) RAI Quinze Anos
10) HUSKER DU Crystal	10) RITCHIE "Transas"

Tom Leão

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) P R	1 LEGIAO URBANA "Quase Sem Querer"
2) JESUS AND MARY CHAIN "Never Understand"	2) LEGIÃO URBANA "Tempo Perdido"
3, HUSKER DU "Don't Ask Me If I Love You Anymore"	3) PLEBE RUDE Até Quando
4) RED HOT CHILI PEPPERS "Jungle Man"	4 ENGENHEIROS DO HAWAI "Toda Forma de Poder"
5) PRINCE	5) PARALAMAS DO SUCESSO Selvagem
6) SMITHS "The Queen Is Dead"	6) RAI Dias de Luta
7) RUN DMC "Walk This Way"	7) VIOLETA DE OUTONO
8) BANGLES "Manic Monday"	8) MERCENARIAS Pânico
9) SIOUXSIE & THE BANSHEES "Dear Prudence"	9) CAPITAL INICIAL "Ao Cinema"
10) MADNESS "Uncle Sam"	10) BEZERRA DA SILVA "Malandragem Dá um Tempo"

Leopoldo Rey

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) STING "Bring On the Night"	1) IRA! "Flores em Você"
2) STING "Moon over Bourbon Street"	2) TITAS "Estrela Vidente"
3) PHILIP GLASS "Change Opinions"	3) TITAS "Flores Astrais"
4) IRON MAIDEN "Alexander the Great"	4 TITAS "Parada"
5) QUEENSRYCHE "Londor"	5 IRA "Quinze Anos"
6) IRON MAIDEN "Caught Somewhere in Time"	6) ARRIGO BARNABÉ "Poema em Linha Reta"
7 VAN HALEN "Good Enough"	7 GOLPE DE ESTADO "Pra Contar"
8 DAVID LEE ROTH "Yankee Rose"	8) GOLPE DE ESTADO "Olhar de Gueto"
9 RUN DMC "Walk this Way"	9) INOX "Inocuo"
10 CULT "She Sells Sanctuary"	10) KID VINIL & OS HEROIS DO BRASIL Cai Bate Pescoço

Jean-Yves de Neufville

INTERNACIONAL	NACIONAL
1 MILES DAVIS "Don't Lose You Mind"	1) IRA Flores em Você
2 TOM WAITS "Rain Dogs"	2) LEGIAO URBANA Acrylic on Canvas
3 MADNESS "Tmp"	3) TITAS "Polícia"
4 PROPAGANDA "Dream Within a Dream"	4) LEGIÃO URBANA Tempo Perdido
5) COCTEAU TWINS "Love Is Like Anything"	5) MERCENARIAS Santa Igreja
6 B A D Medicine Show	6) PARALAMAS DO SUCESSO A Dama e o Vagabundo
7) UB 40 Baile de Máscaras	7) IRA Nas Ruas
8) SMITHS "Bigmouth Strikes Again"	8. VIOLETA DE OUTONO Raio Negro
9 ROLLING STONES "One Hit to the Body"	9) FELLINI "Atrás do Sono"
10) RUN DMC "Walk This Way"	10) INOCENTES "Pânico em SP"

Marcel Plasse

Foto Erwin Sams

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) JOÃO PENY & KM O "Não chores mais"	1) JESUS & MARY CHAIN "Never Understand"
2) IRA! "Vivme Viva"	2) SMITHS "How Soon Is Now"
3) TITÃS "O Que"	3) PRINCE "Kiss"
4) FELLINI "O Padre Hippie"	4) WOODENTOPS "Move Me"
5) LEGIÃO URBANA "Musica Urbana 1"	5) ELVIS COSTELLO "Our Little Angel"
6) RAI "Dias de Luta"	6) RUN DMC "Walk This Way"
7) MERCENARIAS "Inimigo"	7) ECHO & THE BUNNYMEN "Bring on The Dancing Horses"
8) DE FALLA "Você Me Disse"	8) TALK TALK "Living in Another World"
9) LOBÃO "O Rock e o Blues"	9) R.E.M. "Driver 8"
10) VIOLETA DE OUTONO "Outono"	10) HUSKER DU "Dead Set on Destruction"

Ana Maria Bahiana

Os Músicos e a Bizz

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) PARALAMAS DO SUCESSO "Alagados"	1) PAUL SIMON "The Boy In the Bubble"
2) LEGIÃO URBANA "Indios"	2) PHILLIP GLASS "Changing Opinion"
3) BEZERRA DA SILVA "Malandragem Dá Um Tempo"	3) PETER GABRIEL "Sledgehammer"
4) CAETANO VELOSO "Billie Jean/Nega Maluca"	4) TALKING HEADS "Papa Legba"
5) TITÃS "O Que"	5) STEVE WINWOOD "Higher Love"
6) JOAO BOSCO "Cabeça de Nego"	6) PIL "Rise"
7) JOAO BOSCO "Mozambo"	7) RUN DMC "Walk this Way"
8) PLEBE RUDE "Minha Renda"	8) PRINCE "Mountains"
9) OBA NA SHOCK "Vida"	9) SMITHS "There's a Light that Never Goes Out"
10) DJAVAN "Asa"	10) JACKSON BROWNE "Lives in the Balance"

Luis Antônio Giron

Foto M. Tuca

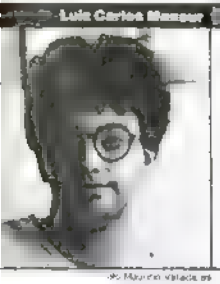
NACIONAL	INTERNACIONAL
1) PARALAMAS DO SUCESSO "Alagados"	1) JESUS & MARY CHAIN "Take the Veil"
2) TITÃS "Igreja"	2) TOM WAITS "Cemetery Polka"
3) JOAO BOSCO "Cabeça de Nego"	3) TALKING HEADS "Puzzlin Evidence"
4) LOBÃO "A Voz da Razão"	4) ECHO & THE BUNNYMEN "Bring on the Dancing Horses"
5) PARALAMAS DO SUCESSO "Selvagem?"	5) HUSKER DU "Dead Set on Destruction"
6) SMACK "Pequena Dissonância"	6) LOU REED "Video Violence"
7) RATOS DE PORÃO "Descanse em Paz"	7) JESUS&MARY CHAIN "The Living End"
8) LEGIÃO URBANA "Daniela na Cova dos Leões"	8) LLOYD COLE AND THE COMMOTIONS "Rich"
9) COLERA "Somos Vivos"	9) SUZANNE VEGA "Left of Center"
10) FELLINI "Bolinhas & Cocaína"	10) RED HOT CHILI PEPPERS "Battle Ship"

Arthur G. Couto Duarte

Foto Mariana Aguiar

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) LEGIÃO URBANA "Acrylic on Canvas"	1) SIMPLY RED "Holding Back the Years"
2) PLEBE RUDE "Até Quando Esperar"	2) SIOUXSIE & THE BANSHEES "Cities in Dust"
3) IRA! "Vivme Viva"	3) JESUS & MARY CHAIN "Never Understand"
4) VIOLETA DE OUTONO "Reflexos da Noite"	4) PREFAB SPROUT "When Love Breaks Down"
5) TITÃS "Bichos Escrotos"	5) JOE COCKER "Inner City Blues"
6) CAPITAL INICIAL "Psicopata"	6) DAMNED "Shadow of Love"
7) JOAO GILBERTO "Me Chama"	7) PIL "Rise"
8) TITÃS "O Que"	8) CULT "The Phoenix"
9) MARINA "Pra Começar"	9) DREAM ACADEMY "Life (In a Northern Town"
10) SMACK "Noite e Dia"	10) HUSKER DU "Crystal"

Luiz Carlos Maraga



Os Músicos e a Bizz

NACIONAL	INTERNACIONAL
1) TITÃS "Bichos Escrotos"	1) SISTERS OF MERCY "Marian"
2) TITÃS "AA UU"	2) PIL "FFF"
3) TITÃS "O Que"	3) PIL "Fishing"
4) BEZERRA DA SILVA "Malandragem Dá um Tempo"	4) JESUS & MARY CHAIN "Never Understand"
5) RPM "Alvorada Voraz"	5) TOM WAITS "Cemetery Polka"
6) LOBÃO "Revanche"	6) PIL "Rise"
7) CAPITAL INICIAL "Musica Urbana"	7) LAURIE ANDERSON "Smoke Rings"
8) LEGIÃO URBANA "Daniela na Cova dos Leões"	8) MILES DAVIS "Tutu"
9) PARALAMAS DO SUCESSO "Selvagem?"	9) JESUS & MARY CHAIN "You Trip Me Up"
10) IRA! "Vivme Viva"	10) SIGUE SIGUE SPUTNIK "Love Missile F1-11"

Foto Mario Luiz

Foto Ellen Hollanda Jr.

Mauricio Valladares

Foto Mauricio Valladares

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) MADNESS "Yesterday's Men"	1) PARALAMAS DO SUCESSO "Alagados"
2) PAUL SIMON "Graceland"	2) TITÃS "O Que"
3) HUSKER DU "Sorry Somehow"	3) LUIZ CALDAS "Ajayó"
4) UB 40 "Rat in the Kitchen"	4) BEZERRA DA SILVA "Malandragem Dá um Tempo"
5) RUN DMC "Walk this Way"	5) TIM MAIA "Do Leme ao Ponta"
6) SHERNEHEAD "Billy Jean"	6) OBINA SHOCK "Lambarena"
7) TOM WAITS "Clap Hands"	7) HANOI HANOI "Totalmente Demais"
8) PETER GABRIEL "In Your Eyes"	8) CAPITAL INICIAL "Psicopata"
9) WOODENTOPS "Move Me"	9) IRA! "Vivme Viva"
10) PIL "Rise"	10) INOCENTES "Rotina"

Fernando Naporano

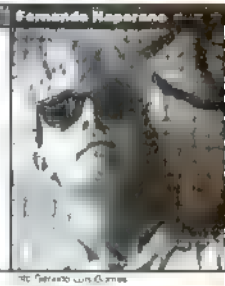


Foto Gerardo Lins Campos

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) ELVIS COSTELLO "Please Don't Let Me Be Misunderstood"	1) CAMISA DE VÊNUS "My Way"
2) ELVIS COSTELLO "Brilliant Mistake"	2) CAMISA DE VÊNUS "Simca Chambord"
3) SMITHS "I Know It's Over"	3) MUZAK "Longe Demais"
4) ELVIS COSTELLO "Our Little Angel"	4) INOCENTES "E e Disse Não"
5) HUSKER DU "I Don't Want to Know If You Are Lonely"	5) IRA! "Dias de Luta"
6) JESUS & MARY CHAIN "Just Like Honey"	6) LOBÃO "Revanche"
7) BANGLES "Manic Monday"	7) PLEBE RUDE "Até Quando Esperar"
8) PIL "Rise"	8) REPLICANTES "Por que Não"
9) WALK THE WEST "Living at Night"	9) MERCENARIAS "Policia"
10) CHARLIE SEXTON "Hold Me"	10) COLERA "Vivo na Cidade"

Emanuel Nevest

Foto Mauricio Valladares

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) MILES DAVIS "Tutu"	1) TITÃS "O Que"
2) ROLLING STONES "Winning Ugly"	2) LEGIÃO URBANA "Indios"
3) MILES DAVIS "Backyard Ritual"	3) BARÃO VERMELHO "Um dia na Vida"
4) ROLLING STONES "Had It With You"	4) BEBEL GILBERTO "Mais Feliz"
5) MILES DAVIS "Perfect Way"	5) GAROTOS DA RUA "Mera Coincidencia"
6) ROLLING STONES "One Hit (To the Body)"	6) LOBÃO "Revanche"
7) MILES DAVIS "Don't Lose Your Mind"	7) LULU SANTOS "Demiurgo"
8) ROLLING STONES "Dirty Work"	8) HANOI HANOI "Totalmente Demais"
9) MILES DAVIS "Full Nelson"	9) ENGENHEIROS DO HAWAII "Toda Forma de Poder"
10) ROLLING STONES "Harlem Shuffle"	10) RPM "Alvorada Voraz"

Antônio Carlos Miguel

Foto Mauricio Valladares

INTERNACIONAL	NACIONAL
1) JAMES BROWN "Goliath"	1) LEGIÃO URBANA "Acrylic on Canvas"
2) PREFAB SPROUT "Appetite"	2) TITÃS "O Que"
3) SIMPLY RED "Ericho"	3) EDUARDO DUSEK "A Loucura do Cotidiano"
4) PIL "Home"	4) JOÃO BOSCO "Da Africa a Sapuca"
5) UB 40 "Watchdog"	5) IRA! "Dias de Luta"
6) TOM WAITS "Blind Love"	6) OBINA SHOCK "Alcoholic Brother Bound"
7) SMITHS "I Know It's Over"	7) BEBEL GILBERTO "Amigos de Bar"
8) ROLLING STONES "Had It With You"	8) CÃO SEM DONO "No Cinema"
9) JESUS & MARY CHAIN "Cut Dead"	9) JOÃO PENCA E SEUS MIQUINHOS AMESTRADOS "Romance em Alto Mar"
10) MILES DAVIS "Tomitas"	10) LOBÃO "A Voz da Razão"

E OS MÚSICOS TAMBÉM ESCOLHERAM SUAS PREDILETAS

Paulo Ricardo (RPM)

PETER GABRIEL
"Sledgehammer"
JAMES BROWN
"Gravity"
PRINCE
"Kiss"
LEGIÃO URBANA
"Índios"
RUN DMC
"Walk this Way"

Renato Russo (Legião)

SMITHS
"Panic"
PAUL SIMON
"The Boy In the Bubble"
PHILLIP GLASS
"Changing Opinion"
MARINA
"Pra Começar"
FELLINI
"Tudo sobre você"

Arnaldo Antunes (Titãs)

PIL
"Rise"
FINE YOUNG CANNIBALS
"Johnny Come Home"
LAURIE ANDERSON
"Language is a Virus"
JOÃO GILBERTO
"Bim Bom"
PARALAMAS DO SUCESSO
"O Homem"

Marcelo Nova (Camisa)

XITÃOZINHO E XORORÓ
"Se Deus me Ouvisse"
TRIO PARADA DURA
"As Andorinhas"
LEO CANHOTO
"Tanguinha Vermelha"
MILIONÁRIO E JOSÉ RICO
"Minha Prece"
XUXA
"Turma da Xuxa"

Rita Lee

KID VINIL & OS HERÓIS DO BRASIL "Conta da Light"
PRETENDERS
"Don't Get Me Wrong"
TITÃS
"Polícia"
ROBERTO DE CARVALHO ANTÔNIO BIVAR "Pomba Menina"
PATRICIO BISSO
"Hippie"

Kid Vinil	Clemente (Inocentes)	Edgard Scandurra (Ira!)	Felipe Lemos (Capital)	André Müller (Plebe Rude)
SMITHS	TOM WAITS	PIL	PIL	PIL
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	Home
ELVIS COSTELLO	PLEBE RUDE	IRA	PETER GABRIEL	IRA!
[illegible]	Proteção	[illegible]	[illegible]	[illegible]
LEGIÃO URBANA	PATIFE BAND	IRA	TITÃS	ESCOLA DE ESCÂNDALO
[illegible]	Pregador Maldito	[illegible]	[illegible]	[illegible]
CAMISA DE VÊNUS	PIL	SMACK	PRINCE	BLACK FUTURE
Simca Chambord	Rise	[illegible]	[illegible]	[illegible]
RUN DMC	VIOLETA DE OUTONO	MERCENÁRIAS	FINIS AFRICAE	JESUS & MARY CHAIN
Walk this Way	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]

OS VENCEDORES

A Legião (melhor grupo e vocalista, segundo lugar em LP e clip) e o Ira! (melhor instrumentista e clip, terceiro grupo e LP) são, ao lado dos Titãs (que além do melhor LP pintaram em segundo na categoria grupo), os destaques nacionais. Do outro lado do oceano, Jesus (melhor LP e grupo) e o PIL (segundo LP, terceiro grupo e vocal) são os grandes vencedores. Miles Davis cravou, com sua presença no Brasil, melhor instrumentista e show. Smiths, Gueto, Tom Waits, Run DMC, Peter Gabriel, *Armação Ilimitada, A Hora da Estrela* e *O Ano do Dragão* — abaixo, um desfile dos Melhores de 86, na opinião da crítica...

GRUPO

1 LEGIÃO URBANA	24		1 JESUS & MARY CHAIN	11
2 Titãs	19		2 Smiths	9
3 Ira!	11		3 PIL	8

INSTRUMENTISTA

1 EDGARD SCANDURRA (Ira!)	24
2 [illegible]	3
3 [illegible]	[illegible]
1 MILES DAVIS	16
2 Stanley Jordan	[illegible]
3 Budgie (Banshees)	[illegible]

REVELAÇÃO

SHOW

1 MILES DAVIS	24
2 Siouxsie & the Banshees	[illegible]
3 [illegible]	[illegible]

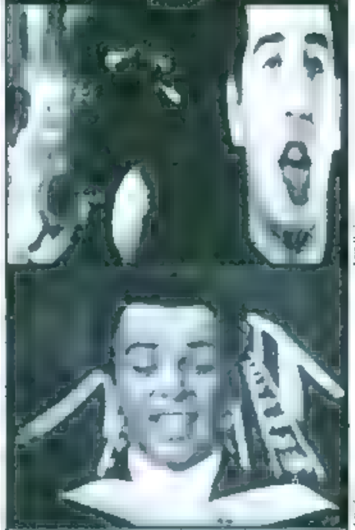
VOCALISTA

1 [illegible]	[illegible]
2 Tim Maia	9
3 Cazuza	
[illegible]	[illegible]
1 TOM WAITS	12
2 [illegible]	[illegible]
3 John Lydon	8

PROGRAMA DE TV

1 ARMAÇÃO ILIMITADA [illegible]	[illegible]
2 [illegible]	[illegible]
3 [illegible]	[illegible]

CLIP



[illegible]	16
[illegible]	10
[illegible] Peter Gabriel	25
[illegible]	[illegible]
3 [illegible]	[illegible]

FILME

1 A HORA DA ESTRELA [illegible]	[illegible]
2 [illegible]	[illegible]
3 [illegible] Sérgio Rezende	[illegible]
[illegible]	[illegible]
2 True Stories, David Byrne	[illegible]
[illegible]	9

A ETERNA MPB

As dez mais de todos os tempos, escolhidas pela redação e por convidados *muito* especiais...

Ana Maria Bahiana

"Carinhoso" de Pixinguinha e João de Barro, com Pixinguinha
"Expresso 2222" de Gilberto Gil, com ele
"Sinal Fechado" de Paulinho da Viola, com ele
"Tropicália" de Caetano Veloso, com ele
"Juízo Final" de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, com Nelson Cavaquinho
"Estrada do Sol" de Dolores Duran e Tom Jobim
"Ronda" de Paulo Vanzolini
"Ouro de Tolo" de Raul Seixas com ele
"O Mundo é Um Moinho" de Cartola com ele
"Charles Anjo 45" de Jorge Ben, com ele

José Augusto Lemos

"Charles Anjo 45" de Jorge Ben, com ele
"Desafinado" de Tom Jobim e Newton Mendonça, com João Gilberto
"O Mundo É um Moinho" de Cartola, com ele
"Boto" de Tom Jobim e Jararaca, com Tom Jobim
"A Epopéia de Zumbi" de Net Lopes, com ele
"Triste Bahia" de Caetano Veloso, com ele
"Maracatu Atômico" de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, com Jorge Mautner
"Último Desejo" de Noel Rosa, com Nelson Gonçalves
"Partido Alto" de Chico Buarque, com Caetano Veloso
"Construção" de Chico Buarque, com ele

Roger (Ultraje a Rigor)

"Que Maravilha" de Jorge Ben e Toquinho, com Jorge Ben
"Aquarela do Brasil" de Ary Barroso
"As Rosas Não Falam" de Cartola, com ele
"Mamãe Eu Quero" de Vicente Paiva e Jararaca
"Sinal Fechado" de Paulinho da Viola, com ele
"Quero que Vá Tudo Pro Inferno" de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, com Roberto Carlos
"Ando Meio Desligado" de Arnaldo Baptista, Sérgio Baptista e Rita Lee, com os Mutantes
"Aquele Abraço" de Gilberto Gil, com ele
"Apesar de Você" de Chico Buarque, com ele
"Inútil" de Roger Moreira, com Ultraje a Rigor

Bia Abramo

"As Rosas Não Falam" de Cartola, com ele
"Nervos de Aço" de Lupicínio Rodrigues, com Paulinho da Viola
"Desafinado" de Tom Jobim e Newton Mendonça com João Gilberto
"Construção" de Chico Buarque, com ele
"Triste Bahia" de Caetano Veloso, com ele
"Geléia Geral" de Gilberto Gil e Torquato Neto, com Gilberto Gil
"Movimento dos Barcos" de Jards Macalé, com ele
"Pérola Negra" de Luiz Melodia, com ele
"Dom Quixote" de Arnaldo Baptista, Sérgio Baptista e Rita Lee, com Mutantes
"Charles Anjo 45" de Jorge Ben, com ele

Luiz Carlos Calanca (Barulho Alfa)

"Maracatu Atômico" de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, com Jorge Mautner
"Domingo no Parque" de Gilberto Gil, com Gilberto Gil e Mutantes
"Pérola Negra" de Luiz Melodia, com ele
"Pois É, Pra Quê" de Sidney Miller, com ele
"Farinha do Desprezo" de Jards Macalé e Capinam, com Jards Macalé
"Te Amo, Podes Crer" de Arnaldo Baptista, com ele
"Viajei de Trem" de Sérgio Sampaio, com ele
"Conversação de Paz" de Sérgio Ricardo, com ele
"A Balada do Louco" de Arnaldo Baptista, com Mutantes
"Tropicália" de Caetano Veloso, com ele

Sônia Maia

"Pérola Negra" de Luiz Melodia, com ele
"Nego Dito" de Itamar Assumpção, com ele
"Charles Anjo 45" de Jorge Ben, com ele
"Triste Bahia" de Caetano Veloso, com ele
"Arte e Manha" de Walter Franco, com ele
"Clara Crocodilo" de Arrigo Barnabé e Mário Lúcio Cortes, com Arrigo Barnabé
"Cuíca" de Mayssa, com ela
"Conversa de Botequim" de Noel Rosa, com Jards Macalé
"Tintin por Tintin" de Haroldo Barbosa e Jorge Jaques, com João Gilberto
"Maracatu Atômico" de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, com Jorge Mautner

Paulo Ricardo (RPM)

"Chega de Saudade" de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, com João Gilberto
"Águas de Março" de Tom Jobim, com ele
"Eu Sei que Vou te Amar" de Tom Jobim e Vinicius de Moraes
"Construção" de Chico Buarque, com ele
"Um Índio" de Caetano Veloso, com ele
"Tropicália" de Caetano Veloso, com ele
"Saudades dos Aviões da Panair/Conversando no Bar" de Milton Nascimento e Fernando Brant com Milton
"Fé cega, faca amolada" de Milton Nascimento e Fernando Brant, com Milton Nascimento
"Taj Mahal" de Jorge Ben, com ele
"Refazenda" de Gilberto Gil, com ele

Thomas Pappon

"San Vicente" de Milton Nascimento e Fernando Brant, com Milton Nascimento
"O Rouxinol" de Gilberto Gil e Jorge Mautner, com Gilberto Gil
"Sol e Chuva" de Aiceu Valença, com ele
"Barrimbau" de Baden Powell e Vinicius de Morais, com Baden Powell
"Sete Cenas de Imyra" de Taiguara, com ele
"Abundantemente Morte" de Luiz Melodia, com ele
"Partido Alto" de Chico Buarque, com Caetano Veloso
"Vou Me Afundar na Lingerie" de Arnaldo Baptista, com ele
"Oriente" de Gilberto Gil, com ele
"Dom Quixote" de Arnaldo Baptista,Sérgio Baptista e Rita Lee, com Mutantes

Alex Antunes

"Desculpe" de Arnaldo Baptista, com ele
"Feito Gente" de Walter Franco, com ele
"Sete Cenas de Imyra" de Taiguara, com ele
"Pérola Negra" de Luiz Melodia, com ele
"Que Maravilha" de Jorge Ben e Toquinho, com Jorge Ben
"Partido Alto" de Chico Buarque, com Caetano Veloso
"Quero Que Vá tudo Pro Inferno" de Roberto e Erasmo Carlos, com Roberto Carlos
"Maracatu Atômico" de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, com Jorge Mautner
"Hino da Repressão" de Chico Buarque, com ele
"Cebola Cortada" de Petrúcio Maia e Clodô, com Fagner

Renato Russo (Legião Urbana)

"Disparada" de Geraldo Vandré, com Jair Rodrigues
"Fascinação" de F.D. Marchetti/M. de Sarsudy Versão: Armando Louzada, com Elis Regina
"A Felicidade" de Vinicius de Morais e Tom Jobim com Vinicius de Morais
"Atrás da Porta" de Francis Hime e Chico Buarque com Elis Regina
"Trem das Onze" de Adoniran Barbosa, com Demônios da Garoa
"Carinhoso" de Pixinguinha e João de Barro, com Pixinguinha
"Foi um Rio que Passou em Minha Vida" de Paulinho da Viola, com Paulinho da Viola
"O Bêbado e a Equilibrista" de João Bosco e Aldir Blanc, com João Bosco
"Pérola Negra" de Luiz Melodia, com ele
"O Quereres" de Caetano Veloso, com ele

Carlos Arruda

"Desafinado" de Tom Jobim e Newton Mendonça com João Gilberto
"Alegria, Alegria" de Caetano Veloso, com ele
"Samba de uma Nota Só" de Tom Jobim e Newton Mendonça, com Tom Jobim
"Águas de Março" de Tom Jobim, com Elis Regina
"Garota de Ipanema" de Tom Jobim e Vinicius de Morais, com Vinicius de Morais
"Trem das Onze" de Adoniran Barbosa com os Demônios da Garoa
"Ronda" de Paulo Vanzolini, com Carmen Costa
"A Rita" de Chico Buarque, com ela
"Conversa de Botequim" de Noel Rosa e Vadico com Moreira da Silva
"O Pato" de Neusa Teixeira e Jayme Silva, com João Gilberto

Caetano Veloso

"Chega de Saudade" de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, com João Gilberto
"Camisa Amarela" de Ari Barroso, com Aracy de Almeida
"Adeus Batucada" de Sinval Machado, com Carmen Miranda
"Por Quanto Tempo Ainda" de Joubert de Carvalho, com Orlando Silva
"A Primeira Manhã" de Aiceu Valença, com Maria Bethânia
"O Que Será" de Milton Nascimento e Chico Buarque, com eles
"Expresso 2222" de Gilberto Gil, com ele
"O Bem do Mar" de Dorival Caymmi, com ele
"Bancarrota Blues" de Chico Buarque, com Nana Caymmi
"Ouro de Tolo" de Raul Seixas, com ele

AS FRASES

"Eu ouvi um cara na Jovem Pan falando olha o Legião, nosso U2, o Paralamas, nosso Police..."
Sérgio Britto (Titãs)

"E tem orgulho disso — é uma vergonha!"
Branco (Titãs)

"Trabalhamos em sintonia com grupos como o Simple Minds, mas temos muito mais valor porque aqui as dificuldades são maiores"
Guilherme Isnard (Zero)

Very brazilian... no sentido da cópia"
Steve Severin (Banshees) sobre o *Plebe Rude*

"Não mudou muita coisa, viu. Tem muita Blitz e Rádio Taxi por aí"
Gustavo (Camisa de Vênus)

"O máximo para mim ainda é Jim Morrison... então não posso gostar mesmo de roqueiros bem-comportados"
Eugênia Melo e Castro

"Não vi e não gostei... existe mais realidade na ficção do que na tentativa de colocar ficção na realidade"
Siouxsie sobre o filme *Sid & Nancy*

"Aquela salsicha empanada?"
Siouxsie, na coletiva de SP, quando todos queriam saber sobre *Robert Smith*

"Se ele excursionar sem os Stones, eu corto seu pescoço"
Keith Richard sobre *Mick Jagger*

"Ouvi seu disco. Pra rock carioca, está muito bom"
Sônia Maia chegando para entrevistar *Lobão*

"As drogas são elementos da v da moderna, como os videogames e o forno de microondas"
Paulo Ricardo

"Vou apertar mas não vou acender agora! se segura malandro, prá fazer a cabeça tem hora"
Bezerra da Silva

"Cristo era um punk. Dê uma olhada no que fez aos judeus e aos romanos. Tinham mesmo que matá-lo, não tinham?"
Billy Idol

"O punk aconteceu há dez anos, é uma coisa do passado. Eu mesmo, quando apareci, falava nisso. Ir para a frente, progresso, nunca regredir"
John Lydon

"Eu já passei dos trinta. Não faço parte da jovem-guarda"
Marcelo Nova

"Tudo começou quando eu gravei Pérola Negra, aí veio: 'como é que pode um negro do morro *não* fazer samba?'... se eu fosse baiano, talvez não tivesse acontecido"
Luiz Melodia

"Os ingleses são os inventores da originalidade dentro de um mundo encarcerado. Mas a realidade brasileira é outra"
Ritchie

"Acho que faria genial se tivesse tudo (*sintetizadores, bateria eletrônica*) em casa. Ia ser original como o Prince"
Caetano Veloso

"Usamos sucata cultural para comentar e refletir em cima da origem desta cultura. Mas não achamos que essa sucata deva ser chamada de lixo; na verdade, é um espelho da cultura a que pertence"
Reynaldo (Sonic Youth)

"Madonna está mais perto da prostituição organizada do que qualquer outra coisa. Quer dizer, a indústria musical é logicamente idêntica à prostituição, mas existem prostitutas e prostitutas"
Morrissey

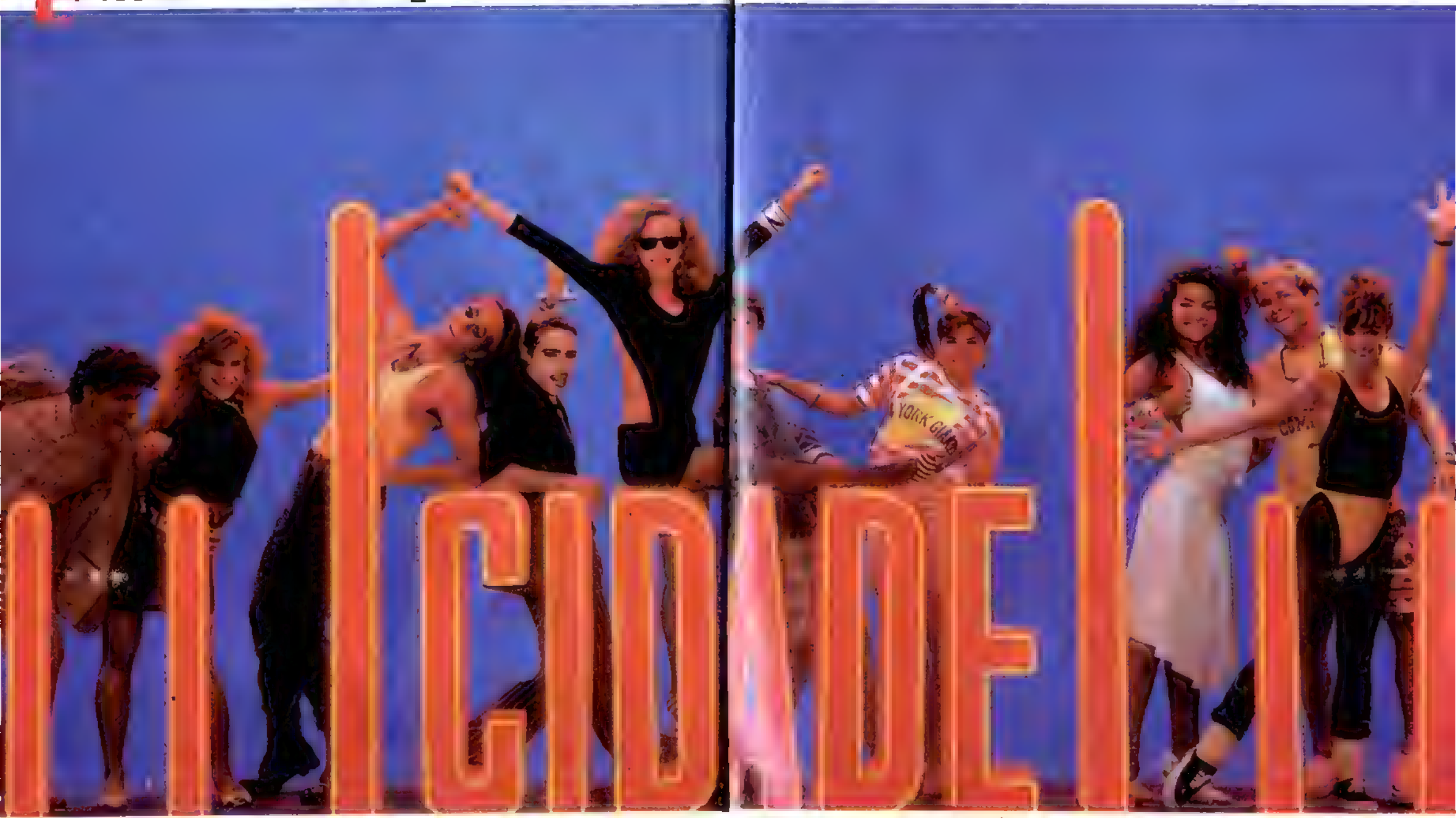
"Aqui eu não quero dar baixaria. Mas se te encontro na rua, te cubro de porrada... E você também!"
Guilherme Isnard para *José Augusto Lemos* e *Alex Antunes*

"Tem dias que dá vontade de ir pra cama e só acordar na década de 80"
Claudette Poodle

TROFÉU BAIXARIA 86

Vai para todo o Departamento de Censura em Brasília, claro, que desde que assumiu censurou apenas algumas centenas de músicas

ENTRE NA GIRAÇÃO E ENCONTRE O SUCESSO NA CIDADE.



[illegible] é o movimento que vai agitar todo mundo. É troca, busca e encontro. Troca da mesmice [illegible] novo. Encontro com quem faz o sucesso. Pra entrar na giração é só grar. Não deixar [illegible] contecer sozinho, ficar atento e dar sempre um toque. Escolher o caminho, fazer estilo [illegible] giração quem está a fim de mudar. Agitar vinte e quatro horas por dia. Todos os dias [illegible] momento tem seu clima. Nós estamos aqui. Você está aí. A gente se encontra na cidade.

CIDADE

A NOVA GIRAÇÃO DO SUCESSO.

TUDO MUDOU

LÉO JAIME

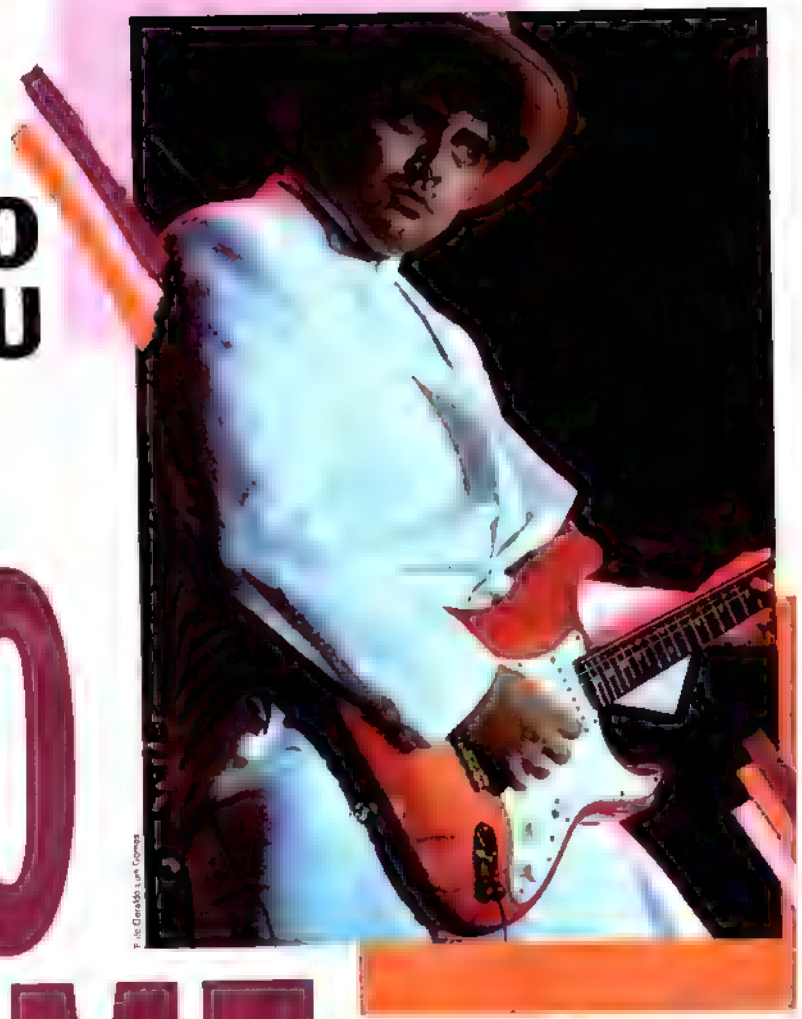


Foto Geraldo Luiz Gomes

Com menos brincadeiras e mais sofisticação, o ex-ás da gozação gravou um disco como os de antigamente: sem firulas, sem "brinquedinhos japoneses". *Tom Leão*

A primeira coisa notável no novo álbum de Léo Jaime é a mudança do estilo brincalhão para uma abordagem mais sofisticada. Léo explica que isso rolou espontaneamente, sem que ele se preparasse para isso. "Coincidentemente, as músicas que eu estava fazendo tinham uma tonalidade mais 'séria', tanto em termos musicais quanto nas letras. Eu acho que, de uma certa forma, o que aconteceu é que fiquei livre do meu próprio personagem. O personagem estava contido em mim mas não continha *a mim*, então resolvi acabar com esse atravessador. Estou falando mais diretamente o que eu penso, sem a preocupação de me cercear de nenhuma forma. Passei a fazer a *minha* música, entendeu?"

Numa época em que se faz uso de mil traquitanas eletrônicas, onde os discos parecem cópias uns dos outros, Léo optou por uma sonoridade simples, que por vezes lembra produtos da década de 60, inclusive passagens de Santana — um de seus ídolos. "Não tem brinquedinhos eletrônicos importados do Japão. Eu não estou muito ligado nesses brinquedinhos. Na verdade, o que eu pensei foi que nos anos [illegible] — Beatles, Santana, Jimi Hendrix, Pink Floyd — todo mundo já fazia um som com várias totalidades, vários timbres, várias [illegible] completamente diferentes. Esse tipo de som era feito de forma a explorar mais o som dos instrumentos, buscando o uso de outros instrumentos. Hoje em dia fica aquele negócio de neguinho dentro dos estúdios com seus DX-7, bateria eletrônica, seus efeitos, seus devaneios, que no fundo soam todos iguais. Aí, tem aquele outro tipo de banda que é aquela banda inglesa que faz o baixo, a bateria e a guitarra todos iguaizinhos, marrentos. Todos são iguais, tudo muito linear. De repente, você descobre que usar um piano, por exemplo, é uma coisa que passa a ser feita de muito pouca gente, [illegible] mais usar um sax soprano, um naipe de metais. São coisas [illegible] elementares, como órgãos hoje em dia — sei lá, tem vários instrumentos pra você pensar musicalmente e utilizar, vários ritmos [illegible] infinitas possibilidades [illegible]. Mundo fica se definindo assim. Eu sou uma banda disso' e pum. A limitação passou a ser sinônimo de personalidade. Os Beatles, por exemplo, eram completamente diferentes a cada disco e era a maior viagem, cada música era diferente uma da outra e nem por isso deixavam de soar como Beatles. Eu tô com o saco cheio de ficar ouvindo teclado fazendo 'tcham, tcham, tcham', bateria, guitarra e baixo com som agressivo e a única coisa que eu ouço nego dizer é 'Você ouviu o disco de não sei quem? Puta som de caixa, né!' Eu não aguento mais ouvir som de caixa!'

O disco é praticamente composto por músicas só de Léo, sem parcerias. Há apenas a regravação de "Mensagem de Amor", dos Paralamas: um reggae de um amigo de

"Eu acho que poucas pessoas trabalharam mais do que eu no ano passado. O único que me bateu foi o RPM."

Brasília chamado "Um Telefone É Muito Pouco" e a parceria com o antigo companheiro de João Penca, Leandro Verdeal, em "Cobra Venenosa". Na versão cassete foi incluída uma faixa extra — "A Lua e Eu", regravação do sucesso de Cassiano que estourou em todo Brasil em meados da década passada. Léo conta como foi a escolha do repertório: "O Cassiano entrou porque todo mundo conhece e gosta muito dessa música. Deu um charme todo especial à fita. Tenho até uma a mais, que era 'A Banca do Distinto', de Billy Blanco. Nos shows, eu canto 'Charles Anjo 45', de Jorge Ben. Era uma vontade que eu tinha fazer releitura de músicas, como, por exemplo, 'Mensagem de Amor', que é linda. Um ano depois de lançada eu faço uma outra gravação completamente diferente — na minha opinião, ela merecia mais umas vinte gravações diferentes, como 'Yesterday', dos Beatles, que tem duas mil regravações. O reggae do Renato (Mattos) é velhaço. Maior sucesso em Brasília. Acho que é uma das poucas músicas de antes do surgimento das bandas de Brasília que já era sucesso. Todo mundo dessas bandas conhece a música. Renato é uma figura lendária. Ele é baiano fissurado em reggae e pode vir a ser uma grande novidade. Espero que ele grave".

Léo não esqueceu seu passado ao gravar a marchinha "Cobra Venenosa", que sintetiza tudo aquilo que ele vinha fazendo em termos de humor: "Um rock básico com letra de carnaval". A música esteve engavetada quatro anos pela censura. Continuou proibida até o fim das gravações e só foi liberada quando o disco já estava prensado. "A idéia inicial era lançar essa música e mais 'A Lua e Eu', como compacto-brinde, dentro do disco, mas a crise de vinil não deixou."

Na área das participações especiais o time é respeitável. Tem Limonha, Herbert Vianna, João Barone, Léo Gandelman, Marçal, Nico Resende, Roger (Ultraje) e mil outros. Ele explica essa escolha: "Quando você é um artista solo precisa muito da participação de outros. Eu ia fazer o disco todo com o Herbert, mas o disco dos Paralamas estourou e não deu. O Sting, quando foi fazer o disco solo, chamou só músicos melhores que ele, pois precisava da infra pra dar sustentação à idéia que ele tinha. Eu normalmente trabalho com músicos iniciantes, mas de repente sinto vontade de trabalhar com gente fera e foi o que fiz".

Perguntado sobre sua barriga — cada vez mais visível —, se seria sinal de prosperidade, Léo não titubeou: "Eu acho que poucas pessoas trabalharam mais do que eu no ano passado. De novembro a novembro, em matéria de execução em rádio, o único que me bateu foi o RPM. Fiz dois longas-metragens, produzi as bandas Front e 69, fiz uns cinco milhões de shows por tudo quanto era vilarejo do país... Obviamente eu tinha muito pouco tempo pra ir à praia, jogar squash, bola, cuidar da aparência física. Depois, estou c* e andando pro lance, porque eu não sou do Menudo. O forte do Milton Nascimento nunca foi o porte atlético. Não faço questão de ser um cantor bonitinho. C* pro bonitinho. Tem mulher que acha sexy homem barrigudo. Mas não é de propósito. Vivi esse ano em hotel e comendo em restaurante. Eu agora estou com vontade de pescar, jogar bola, cuidar mais da minha saúde, mas sinceramente eu não estou nem aí pras meninas que malham na ginástica pra ficar com a banda dura, pros caras que estão marombando pra ficarem fortões e pro pessoal da *fashion music* que tá mais preocupado com o visual do que com o som". *T L*

MUTANTES

O ELO PERDIDO

Parte I

I — PREFÁCIO: O "A"

A história dos Mutantes se confunde com a história do rock nacional. Depois de Celly Campelo, dos Jet Blacks e da Jovem Guarda, só nos resta especificar que os Mutantes foram, de fato, o primeiro grupo nacional a criar um rock no seu contexto mais rebelde — o de chocar, de causar transformações através dos estímulos causados pelo rompimento com formas e padrões estabelecidos por uma sociedade careta, acostumada a seguir caminhos impostos (seja pela direita ou pela esquerda). E também no contexto de fincar estacas na busca por uma música livre e sem limites, capaz de absorver influências vindas de qualquer lugar em qualquer momento.

A saga dos Mutantes é uma história difícil de ser contada. Pouco foi escrito sobre eles; e, notadamente, com muita besteira no meio. A falta de um arquivo público que registrasse a produção musical da juventude — produção esta que também pode ser conhecida como rock nacional — é um fato. Passados dezoito anos desde o lançamento do primeiro LP dos Mutantes, pode-se afirmar que é quase impossível escrever a história *definitiva* do grupo.

Fotos Paulo Salomão

MUTANTES

A BIZZ crê que fatos ainda não mencionados sobre o grupo poderiam ser fundamentais na compreensão dos mecanismos que regem o showbiz nacional, assim como o mercado fonográfico.

Os Mutantes são vistos hoje — erradamente — como meros coadjuvantes da história do último grande movimento musical brasileiro: a Tropicália. São vistos por muitos como "um bando de hippies malucos" e mesmo assim, conseguiram gravar cinco LPs por uma gravadora multinacional, sem contar os dois primeiros LPs solos de Rita Lee, nos quais os Mutantes estiveram diretamente envolvidos. Fizeram coisas em estúdio que, hoje, se alguém pensasse em fazer seria considerado "genial", "novo" ou "incrível". O mesmo seria dito sobre certas atitudes tomadas pelos integrantes dos Mutantes nas épocas mais duras da repressão e do patrulhamento ideológico.

A história deles é fascinante e representa um reflexo de uma época e de uma geração. O rock nacional não teria história na década de 70 e nem parâmetros tão subversivos. Eles são o começo.

II — A PRÉ-HISTÓRIA AVE, CÉSAR

Castello Branco, Costa e Silva e Médici foram os integrantes do "trio parada dura" que comandou a nação durante a época em que os Mutantes existiram musicalmente. Imaginem o clima e o ambiente em 64, quando Cláudio César, primogênito do casal César Dias e Clarisse Baptista, resolveu montar um conjunto de rock chamado The Thunders. Era um grupo que só tocava músicas de grupos estrangeiros, como The Ventures e Duanne Eddy. Cláudio era o guitarrista: "Tirei oitenta músicas de ouvido", ele afirma. No bairro, estava o seu irmão Arnaldo, três anos mais moço (tinha dezessete anos). Na segunda guitarra, Rafael V. da Silva. Importante influência sobre os irmãos Baptista, "Como todos os jovens da época", Cláudio explica, "nós nos interessávamos por muitas coisas, além da música. Eu me liguei em aeromodelismo e astronomia. Fazia telescópios." Cláudio começou cedo a desenvolver suas habilidades manuais, que mais tarde o tornariam um dos maiores peritos nacionais na construção de amplificadores, guitarras e circuitos eletrônicos em geral.

Em 1965 o grupo mudou seu nome para Wooden Faces, na época em que Cláudio pôs uma guitarra na mão do seu irmão caçula Serginho, então com quinze anos. Graças a algumas aulas de Cláudio e a sua habilidade nata no instrumento, Sérgio vira rapidamente a tirar músicas (e até peças sinfônicas) de ouvido. Aos poucos, Serginho foi entrando nos planos musicais dos irmãos. Em 1966, com a adesão de um grupo formado por amigas e colegas de Arnaldo, The Teenage Singers, pintou o Six Sided Rockers, de seis integrantes. Foi quando Rita Lee entrou na jogada, e quando Cláudio começou a se dedicar mais a suas habilidades técnicas. Poucos meses depois, o grupo mudou de nome virou O Seis, que, como nome também não durou muito. O Conjunto viria a seguir, algumas semanas depois, na época em que eles já se apresentavam em programas como *Astros do Disco* e *Jovem Guarda*, ambos da TV Record. Cantavam músicas dos Beatles, Beach Boys e Gerry & The Pacemakers.

Ensaiavam na casa dos Baptista na Pompeia, tradicional bairro paulistano. "Tudo isso não teria acontecido se não fosse o irrestrito apoio do nosso pai, César Dias Baptista", conta Cláudio. "Ele se privou do sossego e da tranquilidade do lar e foi obrigado a enfrentar a ira dos vizinhos, só para que os grupos fossem em frente."

César Dias Baptista era jornalista e poeta, tinha uma coluna diária no jornal *O Dia*, onde publicava crônicas e poemas. Também era cantor lírico e gostava de dar palpites em algumas letras dos Mutantes (a letra de "Dom Quixote", citada por Augusto de Campos no livro *Balanço da Bossa*, é praticamente de autoria de César Baptista).

Clarisse Baptista foi pianista concertista erudita, a primeira mulher a escrever um concerto para piano e orquestra no Brasil. Tanto ela como César estiveram ligados à educação musical dos filhos.

O Conjunto gravou um compacto com uma música própria, "O Sucesso da" — um artigo raríssimo, datado de 66. No mesmo ano um amigo dos Baptista, Asdrubal Galvão, sugeriu alguns nomes, pinçados de suas habituais leituras de livros místicos. Os Bruxos e Os Mutantes estavam entre as sugestões. Ronnie Von acabou batizando sua própria banda com o primeiro nome, e Os Mutantes foi adotado pelo pessoal do Conjunto (Cláudio: "Acho que ele tirou o nome do livro *O Despertar dos Magicos*, de Jacques Berger"). O nome foi adotado logo em seguida à saída de três integrantes do Conjunto. Sobraram três, Rita, Arnaldo e Serginho. Pronto: tinham nascido Os Mutantes, nome que, aos poucos, com participações constantes em programas de TV como o *Quadrado e Redondo*, da TV Bandeirantes, e o *Pequeno Mundo de Ronnie Von*, da TV Record, viriam a ser conhecidos por músicos, produtores e telespectadores ligados na produção musical da época. Também, pudera. Serginho tocava a "Marcha Turca", de Mozart, na guitarra, em pleno programa do Ronnie Von, e os Mutantes tocaram "A Day in a Life", dos Beatles, com arranjo de Chiquinho de Moraes, no *Quadrado e Redondo*, e coisas do tipo. Gil, Caetano, Tim Maia e Jorge Ben já começavam a se ligar no som dos Mutantes. Estava nascendo o maior grupo de rock do Brasil e uma das maiores influências que a Tropicália teve.

III — MUTANTES A.D.: OS TRÊS PRIMEIROS LPs

Arnaldo, Rita e Serginho eram completamente alheios às drogas, como provavelmente qualquer jovem

Três enfants terribles em início de carreira: Beatles na cabeça

Foto: Arquivo

A [illegible] feita por Cláudio Baptista. Nas costas está inscrita uma maldição: quem a roubasse seria perseguido pelas forças do mal.

Foto: J. Ferreira da Silva - Abril

Dinho: "Quando eles tocavam nos festivais da Globo, o Arnaldo se reunia com o Bom para discutir a produção das apresentações do grupo"

MUTANTES

brasileiro, até 1970, ano em que iriam viajar à França pela segunda vez. Como veremos mais pra frente, as drogas desempenharam papel fundamental na história dos Mutantes, mas só *depois de 70*. Antes disso, os Mutantes estavam e se divertiam apenas às custas do próprio trabalho, da jovial vontade e do prazer de ser rebelde. Para muitos esta corresponde à fase mais criativa do grupo.

Manoel Barenbein — então produtor da Philips com vasta experiência adquirida na Bossa Nova, depois de ter trabalhado com Aloysio de Oliveira e João Gilberto — contou a versão mais plausível sobre a entrada dos Mutantes no mundo fonográfico: "Numa reunião da direção artística da Philips decidimos gravar três LPs que juntassem todas as gravações classificadas no *III Festival da Música Popular Brasileira*, da TV Record. As gravações seriam produzidas em estúdio, antes do festival rolar. Eram 36 as músicas classificadas, e entre elas estavam 'Bom Dia', de Nana Caymmi e Gilberto Gil, e 'Domingo no Parque', também dele. Depois de Gil ter gravado a parte orquestral de 'Domingo no Parque', com arranjo de Rogério Duprat, ele achou que faltava alguma coisa, um elemento novo que quebrasse a concepção meio tradicional da gravação. Ele disse a Duprat que queria um guitarrista. Pensamos no Heraldo do Monte. Aí o Chiquinho de Moraes, diretor musical da TV Bandeirantes, chegou e disse: 'E por que é que vocês não chamam Os Mutantes?' O Gil já tinha ouvido falar neles, e falou: 'OK, chamem Os Mutantes'. O Chiquinho entrou em contato com o Arnaldo, e no próximo dia eles estavam no estúdio."

E lá foram os Mutantes para o estúdio, isto em meados de 1967. Gravaram uma memorável participação em "Domingo no Parque" e, de lambuja, fizeram backing vocals para "Bom Dia". Durante as gravações, receberam o convite empolgado de Barenbein para gravarem um LP pela Philips, que, na época, tinha o *grande* cast da MPB, e intencionava contratar de tudo — desde os artistas mais comerciais até a vanguarda. Uma concepção arrojada, há muito tempo esquecida entre as gravadoras nacionais e que, segundo Barenbein, "se deve à coragem e ao impulso do então presidente da Philips, o francês Alain Troussat (que, vejam só, viria a deixar o cargo no início de 1968 — sendo substituído por André Midani — porque era bibliófilo e não encontrava livros para ler no Brasil, por causa da forte censura imposta pela ditadura militar).

Dito e feito: logo depois da participação dos Mutantes com Gil no festival, que renderia a "Domingo no Parque" a segunda colocação (com "Ponteio", de Edu Lobo, em primeiro), Caetano Veloso apresentou uma música especialmente composta para ser gravada pelos Mutantes, "Panis et Circensis". Barenbein explica: "Os Mutantes entraram no estúdio para gravar o LP deles. Começaram com "Le Premier Bonheur du Jour" e foram em frente. "Panis et Circensis", depois de pronta, foi incluída às pressas no LP *Tropicália* antes que saísse o primeiro LP dos Mutantes, no início de 1968".

O primeiro LP, assim como os posteriores, não deve ter vendido mais do que dez mil cópias. Barenbein acreditava que os Mutantes poderiam vender a longo prazo, porque apresentavam elementos na sua música que ele considerava "comerciais": bom humor e descontração.

Mas a situação na época não era boa. Eram tempos difíceis, e os Mutantes se viam constantemente perseguidos pelos ridículos patrulhadores ideológicos. O rock, na época, era oposição. Constantemente ameaçados, os Mutantes levavam ovadas, pedradas e tinham que sair correndo pelos fundos dos lugares onde tocavam. Em compensação, os Mutantes não paravam de provocar seus agressores. "Travamos um samba da MPB", conta Serginho, "tínhamos raiva deles porque eles nos atacavam, e então gravávamos versões engraçadas de clássicos da MPB. Éramos uns vândalos. Saíamos no jipe da Rita, à noite, para jogar comida nas pessoas. Soltávamos rojão nos caras da TFP, lá em Higienópolis. O Arnaldo soltava busca-pé dentro de ônibus e eu andava na rua com minha guitarra *sem* estojo, para que as pessoas vissem que era uma *guitarra*. Era uma loucura, mas era ótimo. Naquela época se faziam coisas realmente fortes".

Serginho tinha decidido parar de estudar aos treze anos de idade. Arnaldo chegou a concluir seus estudos no Colégio Mackenzie, e Rita, os seus, no Liceu Pasteur. Agora, viviam só de música. Para regularizar a situação dos shows, chamaram um baterista *convidado*, o ex-integrante dos Bruxos de Ronnie Von e baterista esporádico dos vários artistas empresariados por Guilherme Araújo (entre os quais, Os Mutantes). Ronaldo Leme, o Dinho, vindo de Ranchharia, interior paulista.

Os Mutantes continuavam a ensaiar na casa dos Baptista, na Pompeia. Arnaldo, Serginho e Rita compunham músicas e letras, sempre com o incentivo de César Dias Baptista.

Sessenta e oito foi um ano quente. Caetano Veloso convidou os Mutantes para que o acompanhassem na interpretação de "É Proibido Proibir", no *II Festival Internacional da Canção*, da TV Globo. E os Mutantes defenderam, pela primeira vez, uma composição própria, no mesmo festival — "Caminhante Noturno" —, que acabou causando o envio de um manifesto, assinado por compositores como Sidney Miller e César Costa Filho, à direção da emissora: protestavam, indignados, contra a participação dos Mutantes num festival de música brasileira.

No *IV Festival da Música Popular Brasileira* da TV Record, defenderam "Dom Quixote" (com participação de Rogério Duprat, do pseudo guru Bororó e do grupo Anteontem 56 e Meio — embrião do Joelho de Porco) e "2001" (deles e de Tom Zé). E, no início de 1969, saía o segundo LP, *Os Mutantes*, novamente produzido por Barenbein.

Neste disco incluíram "Algo Mais", variação de um *jingle* comercial composto para a Shell ("A única vez em que os Mutantes ganharam muita grana de uma só vez", segundo Serginho).

No mesmo ano, foram levados pela gravadora ao Midem, feira das indústrias fonográficas realizada anualmente em Cannes, França. Lá, eles foram apresentados como "Les Mutants du Brésil: nouvelle tendance, nouvelles idees, nouvelle vie" (Os Mutantes do Brasil: nova tendência, novas idéias, nova vida) pela revista *Nouvel Observateur*, e apareceram na TV francesa. "Uma vez", conta Dinho, "fomos apresentados pelo diretor do Midem, que veio nos cumprimentar todo cheio de frescura. Aí o Arnaldo chegou pra ele e disse: 'Ô cara, você sabia que o Dinho é de Ranchharia?'"

Voltando da França, eles começaram a preparar a gravação do terceiro LP, que viria a ter uma alteração fundamental. Arnaldo agora estava tocando teclados.

Paralelamente às gravações deste LP, eles levaram adiante um grande projeto: três meses de temporada no teatro Casa Grande, do Rio de Janeiro, apresentando um dos primeiros espetáculos de multimídia do Brasil — O Planeta dos Mutantes. O espetáculo foi dirigido por Maria Ester Stockler e escrito por João Agripino. "Tinha cinema", explica Serginho, "teatro, dança e um cenário com figurinos incríveis, entre os quais alguns monstros e bichos. Tinha um Hulk, que era um cara coberto com esponjas verdes. Jogávamos bolas e redes na platéia. Tinha criança que saía chorando, com os pais indignados. Foi o maior barato."

Um barato também foi a sessão de fotos — feitas por Cenyra Arruda — para a capa do terceiro LP, *A Divina Comédia, ou Ando Meio Desligado*. Na foto, inspirada no inferno de Dante, aparece Arnaldo saindo de uma tumba, com Rita e Serginho em cima, olhando para a tumba. "A tumba foi toda montada por mim", conta Claudio Baptista, "foi todinha feita de isopor, com ventiladores espalhando a fumaça do gelo seco. Mas legal mesmo foi a foto que fizemos para a contracapa do segundo LP — também de Cenyra —, onde os três aparecem maquiados de alienígenas, e Rita, com seis dedos. No meio da sessão de fotos, eles saíram para dar um passeio pela rua Augusta, exatamente do jeito em que aparecem nas fotos."

Com o LP lançado, no início de 1970, o grupo se separou momentaneamente. Arnaldo foi viajar de moto pela América Latina, uma viagem que durou cerca de quatro meses, e na qual ele desceu para a Argentina, subiu pela costa do Pacífico, atravessou o Canal do Panamá e chegou até Miami, onde resolveu voltar de avião, com a moto tendo sido despachada de navio.

De volta às atividades, aproveitaram para dar uma força a Rita Lee na preparação do show *Build Up*, promovido pela Rhodia na UD de 1970, com o intuito de transformar Rita numa estrela. O projeto culminou no primeiro LP solo de Rita, o homônimo *Build Up*.

Ainda na primeira metade daquele ano eles chamaram mais um músico "convidado": o baixista Arnolpho Lima Filho, o Liminha, amigo de longa data de Serginho.

Agora como quinteto, eles voltaram à França, para uma temporada de um mês no Olympia de Paris, abrindo para o cantor Gilbert Becaud. "Fomos cobrir um buraco", comenta Serginho, "porque a Elis Regina não podia ir. O show tinha várias atrações mas os Mutantes eram a segunda, depois do Becaud. O engraçado é que odiávamos os franceses e Arnaldo ficava insultando a platéia."

Nessa época o empresário da banda era o poderoso Marcos Lázaro, que providenciou para que o equipamento dos Mutantes começasse a ficar grande e sofisticado, com a colaboração indispensável de Claudio Baptista.

Ainda na França, gravaram um LP pela Philips francesa (não lançado), no estúdio Des Dames. Destas gravações, viriam a aproveitar algumas músicas para incluir no quarto LP, apesar de não terem gostado muito da experiência. "Não gostei dessas gravações", comenta Dinho, "o produtor lá queria que gravássemos música brasileira e ficou pressionando a gente."

De volta ao Brasil, foram contratados como atração fixa do programa *Som Livre Exportação*, da TV Globo, e acabaram tocando em vários ginásios pelo país.

Nesta época, já tinham tido o primeiro contato com aquilo que transformaria radicalmente a história do grupo: o LSD. *Thomas Pappon*

Na próxima edição de **BIZZ**, a segunda parte de *Mutantes: o Elo Perdido*.

Foto Paulo Salomão

26 de outubro de 68: estréia do Divino Maravilhoso *da TV Tupi*

CLAP
CLAP
PARA OS NOSSOS
CLIPS

A crítica especializada escolheu
os melhores vídeos de 86.
Em primeiro lugar, pintou o clip do IRA
com a música "Envelheço na cidade".
Em segundo, o clip do LEGIÃO URBANA
com "Tempo Perdido".
Agora se toque com a coincidência.
A produtora dos dois trabalhos
e de muitos outros premiados
foi a mesma, a FACHA RTV.

GRAVE SÓ QUEM JÁ FEZ
CLIP COM A FACHA RTV

GRUPOS:
RPM - Capital Inicial - Biquini Cavadão - Plebe Rude -
Legião Urbana - Kongo - Lulu Santos - Vinícius Cantuária
- Hanói-Hanói - Ira - Heróis da Resistência -
Celso Blues Boy - Engenheiros do Hawai - Garotos da Rua
- Prisioneiros do Ar - Dr. Silvana - Finis Africae
GRAVADORAS
WEA - CBS - ODEON - POLYGRAM - RCA

FACHA RTV

GRAVE ESTE NOME
RUA MUNIZ BARRETO, 721 - TEL.: 286-5039 - BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO

Arto Lindsay

DE VOLTA AOS EUA, RUMO À MÚSICA BRASILEIRA

Arto Lindsay nasceu nos EUA e com três anos de idade veio ao Brasil com a família - seu pai era pastor protestante. Morou em Campinas, Garanhuns, Recife, e aos dezoito anos, foi à Flórida estudar literatura. Depois de formado, mudou-se para Nova York, onde se envolveu com o DNA, os Lounge Lizards e, mais recentemente, com o Ambitious Lovers, todos grupos inéditos no Brasil.

De vez em quando vem pra cá de férias, mata as saudades e procura alguns discos. Dessa vez aproveitou para tocar com um grupo que tinha visto numa gravação do extinto *Mixto Quente*, da Globo: Akira S e as Garotas que Erraram.

Numa entrevista rápida concedida pouco antes do embarque para o Rio, Arto falou sobre sua paixão pela MPB. "A MPB é tão rica quanto a música popular americana. São países imensos, onde a música africana se misturou com música européia. Mas a MPB é a mais sofisticada do mundo, por causa das letras. A língua portuguesa é mais viva do que o inglês. Ela muda mais. E a música brasileira *escuta* mais as músicas de fora, e muda mais por isso".

Arto desenvolveu o hábito de tocar guitarra nos EUA e criou um estilo absolutamente próprio. "Tive umas idéias de fazer uma guitarra bem percussiva, sem efeitos, e imaginava que deveria tocar livremente. Não liguei para a harmonia, na hora. Com o tempo, resolvi criar minha própria afinação — afino para que a guitarra desafine o máximo possível, crie o máximo de sobretons."

Estilo e idéias novas: coisas que nunca faltaram nos trabalhos em que ele se meteu. A começar pelo DNA, grupo surgido no fértil período da *no wave* nova-iorquina (77/78). "O DNA era um trio cooperativo. Lançamos um compacto, e quando estávamos tocando num evento com várias bandas, num lugar chamado Artists Place, Brian Eno nos viu. Ele nos escolheu, juntamente com mais três bandas, para a gravação de uma compilação, o LP *No New York*. Eno não teve muito trabalho, e ainda acho que ele fez uma produção chocha de um dos grupos, o Mars, que era incrível ao vivo."

Depois disso, gravaram o EP *A Taste of DNA* e se separaram, por decisão de Arto. Foi quando ele se envolveu em jam sessions com o amigo John Lurie e, juntos, eles formaram o Lounge Lizards. "Essa banda era incrível no começo, antes da gente gravar o primeiro LP (*The Lounge Lizards*). Era uma mistura de jazz com o meu som. Depois, o Lurie veio com um papo de mudar o nome para John Lurie & the Lounge Lizards, e aí eu caí fora."

O Ambitious Lovers partiu da idéia de misturar funk com samba, e da vontade que Arto tinha de "cantar de maneira normal". A banda era composta, basicamente, por Arto, o baterista Anton Fier (Lounge Lizards, Pere Ubu, Golden Palominos) e vários percussionistas convidados. Em 84 pintou o convite da gravadora EG, e o grupo lançou então o LP *Envy*. Arto acha que o disco foi mal divulgado pela gravadora, mas o grupo ainda está firme. "Agora tenho um parceiro fixo, é o tecladista e produtor Peter Scherer. Pretendemos gravar um LP só com música brasileira."

A passagem de Arto por aqui foi curta, e ele já decidiu que vai passar o carnaval na Bahia. Diz que gostou muito da experiência de tocar com o Akira S. "Akira é muito bom no que faz. Acho admirável que ele se meta aqui num projeto difícil e tão pouco convencional. Se voltar a São Paulo quero voltar a tocar com ele." *T.P.*

STEVEN SPIELBERG

O MAGO DO CINEMA AMERICANO

Foto: Dumont Maga Sipa

Nesta segunda parte de sua entrevista, iniciada na BIZZ 18, o diretor conta a *Jean-Paul Caillet* e *Jean-Pierre Lavoignat*, da revista *Première*, como foi o fim de sua fase de desventuras e o ingresso no megaestrelato, com o lançamento de *ET*

BIZZ — *O que lhe pareceu mais difícil de ser feito em* Contatos Imediatos do Terceiro Grau?

Spielberg — Tudo! Escrever o roteiro foi o mais desgastante, porque escrevi sozinho, coisa que eu não costumo fazer. Prefiro trabalhar com alguém que troque ideias comigo, que é mais estimulante. Escrevi *Contatos Imediatos* sozinho, cinco noites por semana, da meia-noite às seis da manhã, durante quase um ano. Escrevi, reescrevi, reescrevi de novo... Isso foi com certeza a coisa mais difícil. Quanto ao resto, quando eu fiquei satisfeito com o roteiro, tudo correu como em qualquer outro filme.

BIZZ — *Era mesmo aquele final que você tinha escrito?*

Spielberg — Não... As ideias sempre mudam no decorrer da rodagem. Entre a escrita e a realização, um filme sempre evolui. É preciso que evolua. Fazer um filme é diferente de fazer um cimento rápido, que pega na hora. Seria mais parecido com o trabalho da argila, que pode ir sendo modelada.

BIZZ — *Você o remodelou até depois da estreia, já que você fez dois anos mais tarde, uma nova montagem.*

Spielberg — Sim. A Columbia não ia bem financeiramente e esperava ansiosamente pelo lançamento do filme. Me apressaram para terminar numa data precisa. Por isso tive que fazer muitas concessões na sala de montagem. Aí fiquei com a impressão de que não tinha sido exatamente o filme que eu queria fazer. Depois do sucesso, pedi à Columbia para remontá-lo e refazer aquelas cenas do roteiro original que eu não tinha tempo de rodar na época .. e nem dinheiro, porque haviam cortado os fundos. Me deixaram fazer o meu filme e foi divertido.

BIZZ — *Quanto tempo duraram as filmagens de* Contatos Imediatos?

Spielberg — Mais ou menos cinco meses, e o mesmo para a montagem. Mas, entre o momento em que tive a idéia do filme e o dia de sua estréia, passaram praticamente quatro anos. Foi um processo demorado.

BIZZ — *A energia, o desejo não diminuíram no decorrer dos trabalhos?*

Spielberg — Não .. Eu era mais novo, então. Envelhecendo, imagino que seja melhor responder rapidamente aos meus impulsos, porque, se não o fizer, aquela coisa mágica que me leva a prosseguir nas filmagens — apesar de todas as limitações, de todas as dificuldades, de todas as decisões que é preciso tomar diariamente — diminui. A gente acaba ficando preguiçoso. É o que acontece com os cineastas que filmam durante a vida inteira, fora algumas exceções como Kurosawa, David Lean, George Cukor, John Huston... e outros, cujos nomes só vou me lembrar depois que esta conversa terminar .. *(risos)* Esses são homens perseverantes que souberam fazer, depois de velhos, filmes tão bons quanto aqueles que faziam quando tinham vinte ou trinta anos.

BIZZ — *Para a personagem do cientista Claude Lacombe, encarnada por Truffaut, você tinha pensado em vários atores franceses?*

Spielberg — Na verdade, eu tinha escrito o papel para Truffaut, mas eu tinha certeza de que ele recusaria, antes mesmo de lhe dar a chance de dizer isso pessoalmente. Eu tinha tanta certeza que ofereci o papel a Lino Ventura, Yves Montand... por intermédio dos seus agentes, sem os encontrar. Depois, encontrei com Depardieu, Philippe Noiret, Michel Piccoli. Eram encontros informais, só para sondar. Todos me agradavam, mas o que me impedia de escolher um deles era aquela vontade teimosa de ter Truffaut no papel que eu tinha escrito para ele. Eu pensava: 'É besteira. Ele só pode responder uma coisa: não". Mesmo assim pedi o número do telefone dele para um amigo e, depois de muita hesitação, liguei para a casa dele. Ele sabia quem eu era porque tinha gostado de *Encurralado*. Começamos a falar, com a ajuda de um intérprete, e eu nunca teria ousado esperar o que aconteceu. Ele me pediu para mandar o roteiro o mais depressa possível, e me disse que queria tê-lo o quanto antes. Uma semana depois de tê-lo recebido, ele mandou um telegrama à produtora do filme, Julia Philipps, dizendo: "Estou interessado. Quando começamos?"

BIZZ — *Por que você pensou nele?*

Spielberg — Porque ele é uma criança. Entendi isso quando o vi pela primeira vez em *O Garoto Selvagem* (*N. da R.: filme de 1971, em que o diretor francês também atuou como ator*), vendo seus outros filmes e, depois, lendo suas entrevistas.

BIZZ — *Em* O Garoto Selvagem, *justamente, ele diz a certa altura que a linguagem também é uma música, o que é mais ou menos a mensagem de* Contatos Imediatos.

Spielberg — Acho que nossos trabalhos tinham alguns laços de parentesco .. mesmo vindo mais da minha parte do que da dele. Acho que eu sou mais fã dos filmes dele do que ele dos meus. Mas sei que ele gosta de alguns, e fico muito feliz com isso.

BIZZ — *Você previa o enorme sucesso de* Contatos Imediatos?

Spielberg — Não. Quando faço um filme, nunca penso no sucesso ou no fracasso. Isto só serve para diminuir o andamento do trabalho, para distrair você do essencial, levando a fazer coisas por razões escusas. Se durante a rodagem do filme você pensa no seu sucesso futuro, você pode ser levado a fazer escolhas

Foto: D.R.

Contatos, o primeiro filme pessoal de Spielberg

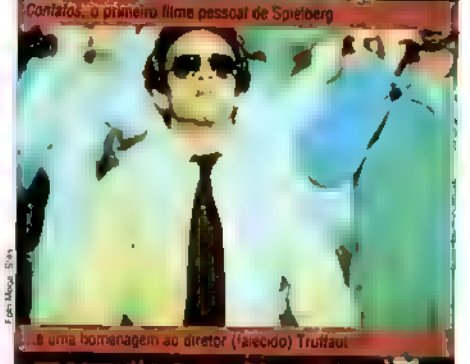


Foto: Maga Sipa

...é uma homenagem ao diretor (falecido) Truffaut

Foto: DR

Spielberg e Lucas: colaboradores e gentis concorrentes

GK SEGURE ESSA BARRA

...eu talento e um ...do GK se juntam, alguns ...probleminhas inevitavelmente surgem. É que os teclados da linha GK representam a primeira geração de teclados eletrônicos digitais portáteis de alta tecnologia no Brasil. Só eles possuem Presets PCM, que reproduzem com o maior realismo o som dos instrumentos reais, Interface MIDI*, que permite acoplar o teclado a um micro-computador ou a outros instrumentos com recurso MIDI, e mais uma infinidade de recursos técnicos que dão, ao seu talento, possibilidades praticamente ilimitadas de expressão. Por tudo isso, é bem provável que você não consiga passar despercebido cada vez que alguém escutar o seu som. Afinal, talento e tecnologia, sempre chamam a atenção. Conheça um GK. Vale a pena segurar essa barra.

(*) Disponível nos modelos GK-5110 e GK-4820.

Giannini

Os dentros de *1941*: uma idéia engraçada para um filme nem tanto... ou o meu fracasso..., como diz Spielberg, carinhosamente. À direita, o protagonista (falecido) John Belushi

STEVEN SPIELBERG

menos honestas, menos pessoais, mais triviais.

BIZZ — *Você nunca pensa: "Ah, é claro, o público vai gostar disso?"*

Spielberg — As vezes, brincando, a gente pensa durante a rodagem: "Ah, eles vão gostar disso em Nova York ou no meio-oeste". Aquilo eles vão adorar em Paris..." Mas são apenas brincadeiras.

BIZZ — *Você não se sentiu concorrendo com* Guerra nas Estrelas, *de George Lucas, que estreou antes de* Contatos Imediatos?

Spielberg — Sim, e além disso sempre houve uma espécie de concorrência amigável entre as equipes técnicas de *Contatos Imediatos* e de *Guerra nas Estrelas*. A gente comparava até o número de efeitos especiais dos dois filmes! Mas, francamente, nem George nem eu tínhamos certeza dos nossos filmes e do seu sucesso potencial. George pensava que o filme dele ia conseguir os quinze milhões de dólares no mundo inteiro, e só! A gente tinha pouca certeza do que estava fazendo que cada um comprou partes do filme do outro. Com a minha parte em *Guerra nas Estrelas* ganhei mais dinheiro que ele com suas partes em *Contatos Imediatos*. Foi um duelo amigável. Mas a gente entendeu logo que os nossos filmes eram muito diferentes um do outro e que havia, portanto, no mesmo ano, espaço para ambos, sem problema. George rastreou um público muito amplo, que ia das crianças de dois anos aos velhos de noventa e dois. *Contatos Imediatos* não é exatamente um filme para crianças. Acho que ele interessa às pessoas a partir dos dezesseis anos até... setenta e cinco... *(risos)*

BIZZ — *Você chegou a assistir ao filme de Lucas enquanto ainda estava rodando o seu?*

Spielberg — Não, foi durante os meus trabalhos diários sobre os efeitos especiais com as equipes de Douglas Trumbull. Devia ser, acho, no segundo fim de semana após a sua estréia... Fiquei não apenas impressionado, mas também com inveja e abatido durante um mês! Eu achava que o meu filme nunca seria tão bom, nem teria tanto pique, que era muito pessoal... Comecei a ver defeitos nele, por causa da sombra invasora de *Guerra nas Estrelas*. Precisei de um certo tempo para voltar a ter confiança no meu filme e para entender que se tratavam de duas criações diferentes.

"Fiquei um mês abatido e com inveja depois que vi *Guerra nas Estrelas*"

BIZZ — *Depois de* Contatos Imediatos *houve* 1941, *a única verdadeira comédia de sua carreira. Era reflexo do seu estado de espírito na época?*

Spielberg — Não, realmente não, mas era o estado de espírito dos dez anos anteriores *(risos)*. Não tive, de repente, vontade de fazer tal filme. Aconteceu assim, no decorrer do tempo. Sempre tive um lado meio louco que você poderia chamar de lado *Hellzapoppin* (N. da R.: *amalucado filme e espetáculo burlesco da Broadway, do início da década de 40*), da minha personalidade. Quando li o roteiro de *1941*, foi justamente esse lado que chamou a minha atenção. Me fazia pensar numa parada dos anos quarenta e também, com todos aqueles desatinos, naquela loucura no sentido próprio da palavra. Aliás, por ter escrito um roteiro como este os dois autores deveriam ter sido internados há muito tempo *(risos)*. E a idéia de fazer um filme como aquele, passando por pirado, era para mim uma forma de desafio. Eu não tinha imaginado, antes, que isso pudesse me acontecer. Também achei que seria divertido fazê-lo, sem pensar nem um segundo que poderia não ser tanto assim.

BIZZ — *E não foi engraçado?*

Spielberg — Em certos momentos sim. Em outros, não. Na verdade foi difícil, como todos os filmes.

BIZZ — *Durante a feitura de um fil*

me, que estágio você prefere

Spielberg — *(Sem esperar pelo final da pergunta)* A montagem. Mais do que tudo... *(um tempo)*. Mas gosto tanto da preparação, da escolha dos atores, da concepção... Rodar é muito difícil para mim. Gosto de dormir tarde. Então, levantar todo dia às seis da manhã, durante cinco ou seis dias por semana, como durante *Tubarão*, todos os dias, durante quatro meses... Não é uma vida para ter que ganhá-la desse jeito *(risos)*

BIZZ — *Como você fica numa filmagem?*

Spielberg — Sou muito ativo e falo a toda hora. Me coço sem parar. Assim, sempre tenho uma mão que coça a axila, e um monte de outras manias que as pessoas imitam durante as festas de fim de rodagem! Quando vejo alguém me imitando tenho vontade de mudar esse comportamento, esse "eu" externo do qual os outros zombam. Fico bastante tenso durante as rodagens, é verdade, mas também muito atento quando se trata de relações com os atores, os dubles, a equipe

BIZZ — *Você filmou* 1941 *inteiro com uma Louma* (N. da R.: câmera na extremidade de um braço mecânico, orientado a partir de um monitor de vídeo, que permite movimentos múltiplos e complexos). *O que lhe agradava tanto naquela câmera?*

Spielberg — Ter a possibilidade de filmar em lugares onde nenhum homem nunca pôde ir antes com uma câmera normal! Foi na França que eu a descobri. Eu estava no festival de Deauville, acompanhando Robert Mitchum que estava lá para apresentar *Crazy Day*, seu primeiro filme e o primeiro que eu tinha produzido. Entre o hotel e o mar, na grama, aquele guindaste. Me aproximei, fiquei assombrado! Comecei a manipular a máquina, vi o resultado na tela de vídeo, fiz centenas de pergun-tas ao técnico que estava lá e que ficou fechando lá mesmo, na grama, em Deauville, um negócio para que ele me mandasse o material por avião, ainda em tempo para *1941*

BIZZ — *O que isso mudou na sua maneira de filmar?*

Spielberg — Me fez entender, acima de tudo, que pouco importa a sofisticação dos equipamentos e os grandes-ângulos de visão suplementares se não se tem uma história só da *(risos)*. Sem uma boa experiência, você entrega os pontos — mesmo se não tem uma Louma. Hoje a Louma ficou cara demais para os orçamentos que definimos. Possuo um equipamento mais ou menos parecido, sem tantas possibilidades mas que requer menos pessoal, e cujo transporte é mais barato. Desde *1941*, me tornei mais conservador nas minhas tomadas de ângulo. Não preciso mais de toda essa parafernália *(risos)*!

BIZZ — *Como você viveu o fracasso de* 1941? *Foi uma surpresa?*

Spielberg — Não fiquei surpreso, eu não senti nada. Mergulhei em *Caçadores da Arca Perdida* no exato momento em que *1941* apanhava no mundo inteiro, e nem reagi. Eu tinha acabado de me separar da minha namorada, minha vida parecia estar entrando numa péssima fase. *1941* era um fracasso, mas era um entre outros. De fato, aquele ano foi negro. O pai da minha amiga estava morrendo, eu tinha problemas pessoais, tínhamos acabado de romper. O fracasso do filme vinha apenas em quarta posição na hierarquia das minhas preocupações.

BIZZ — *Então acontece às vezes que para você, o cinema nem sempre é mais importante do que a vida*

"1941 é o *meu* fracasso. Assim, tenho pelo menos um na minha história"

Spielberg — Foi naquela ocasião, na verdade, que eu descobri pela primeira vez que o cinema não era tudo.

BIZZ — *Foi um erro fazer* 1941?

Spielberg — Não acho. Se eu recebesse o roteiro hoje, penso que o faria de novo. Eu adorei aquele roteiro, e ainda gosto muito do filme.

BIZZ — *Em geral você leva em conta o julgamento do público. A reação negativa dele não chegou a mudar a sua opinião sobre* 1941?

Spielberg — Não. O que as pessoas não sabem é que o filme não perdeu dinheiro. Ninguém teve lucros, nem mesmo o estúdio, mas ninguém perdeu nada. O aproveitamento comercial do filme nos Estados Unidos e nos outros países e a venda dos direitos para a TV e vídeo permitiram cobrir todos os custos. Eu nem deveria contar isso a vocês, porque todo mundo me aconselha a não me justificar e deixar acreditar que *1941* é o meu fracasso... Assim, tenho pelo menos um fracasso na minha história *(risos)*.

STEVEN SPIELBERG

BIZZ — *A idéia do personagem Indiana Jones foi de George Lucas. O que nela seduziu você?*

Spielberg — Meu coração começou a bater assim que ouvi a história que George leu para mim, em maio de 1977, no Havaí, onde estávamos de férias. Na época, ele tinha preferido ficar à distância da estréia de *Guerra nas Estrelas* e nos convidou, a minha namorada e a mim, para passar alguns dias com ele. Foi lá que ele me contou essa história, na qual ele tinha pensado durante anos. Ouvindo, pensei: "Meu Deus, é maravilhoso..." A história era

Indiana Jones: o "James Bond de Spielberg"...

...um sucesso do diretor e do ator Harrison Ford (esq.)

boa demais, e foi isso que, em primeiro lugar, me atraiu. Eu gostava da idéia de fazer um filme parecido com aquelas séries B feitas pela Republic, aquelas histórias em que de repente o solo afunda de baixo dos pés do herói, e se percebe pouco depois que ele conseguiu escapar em tempo! Eu gostava desta espécie de homenagem às séries de Republic como *Zorro*, *Sheena*, *In The Navy*, que eram feitas, às dúzias, numa certa época.

BIZZ — *Você declarou, depois de Tubarão, que não gostava das continuações, mas fez um segundo e es*

tá preparando um terceiro Indiana Jones

Spielberg — É que eu não considero *Indiana Jones e o Templo da Perdição* como uma continuação, e sim, como um novo capítulo. É como uma história em quadrinhos de que você gostou, e pede uma outra do mesmo personagem. É um pouco como *Guerra nas Estrelas*, se bem que cada episódio de *Guerra nas Estrelas* tem relação com o outro. O único ponto em comum entre *Caçadores* e *Indiana Jones* é a personagem de *Indiana*, com suas forças e fraquezas. Mesma coisa com James Bond. Os nove *James Bond* não são de maneira alguma, uma continuação do primeiro filme. São independentes uns dos outros.

BIZZ — *A propósito, dizem que você quis, um dia, fazer um James Bond.*

Spielberg — É verdade .. Aliás, foi por isso que eu fiz *Caçadores* -

Fiz *Caçadores da Arca Perdida* porque me recusaram um James Bond"

porque tinham me recusado a direção de um James Bond. Sempre gostei dele, do seu heroísmo, do seu sotaque *british* um pouco enrustido, e toda aquela parafernália. Tudo isso sempre me fascinou. Antes de *Tubarão* e logo após *Louca Escapada*, procurei a United Artists para me candidatar. Mandaram dizer que eu não estava pronto . Em consequência, nunca tive a chance de dirigir o meu. Mas George Lucas apareceu, e temos hoje nossa própria série de filmes de aventura.

BIZZ — *Como será o próximo episódio?*

Spielberg — Jurei a George guardar segredo — ele me proibiu de dizer qualquer coisa a respeito. Ainda está a prancheta de desenho e estamos escrevendo o roteiro. O filme deve ser feito antes do final de 87.

BIZZ — *A ação acontecerá, como em* Indiana Jones, *antes daquela dos Caçadores?*

Spielberg — *(hesitante)* Não. Será situada depois, em 1938, portanto mais perto da guerra.

BIZZ — *Quem será a heroína? Karen Allen ou Kim Cattrall?*

Spielberg — *(ainda hesitante)* Ainda não sabemos .. Em todo o caso, gosto que em cada nova aventura a heroína mude.

BIZZ — *Como se chamará esse terceiro episódio?*

Spielberg — *(cada vez mais hesitante)* Será *Indiana Jones e. . . e ..* chega! Vocês que preencham os brancos *(risos)*

BIZZ — *Em que país acontecerá desta vez?*

Spielberg — Não posso dizer mais nada. Se eu falar, George manda cassar meu registro na Associação dos Cineastas *(risos)*

BIZZ — *Como é trabalhar com um amigo?*

Spielberg — George é um grande parceiro. Mas também trabalhamos duro para preservar essa amizade. Cada um sabe o que pode pedir e no que deve ceder. Às vezes, faço concessões. Outras vezes é ele. A amizade é mais importante do que o filme, e será sempre assim. É o que faz com que possamos trabalhar juntos tanto tempo.

BIZZ — *Como acontece, concretamente?*

Spielberg — George traz a história de vários filmes, e temos reuniões sobre o elenco. Depois — e é a mesma coisa que faço com os cineastas que trabalham para mim — ele me deixa tranqüilo enquanto dirijo o filme. Sou o patrão. Monto o filme, sou o patrão. Eu lhe mostro a montagem do meu filme e me torno então o co-patrão. Mas continuamos funcionando na base do acordo para permanecer de acordo, e depois termino o filme como patrão. É só. Em resumo, George investe na preparação, e também depois da montagem. É só. Trabalhamos perfeitamente desse jeito.

ET e Spielberg: a dupla que revolucionou o cinema americano... Um "filminho" ou um "filmão?"

BIZZ — *Esse terceiro episódio será o último da série?*

Spielberg — Será, sim.

BIZZ — *Jura?*

Spielberg — Até onde sei, sim. Não sei dos planos de George, mas da minha parte sei que não irei dirigir outros.

BIZZ — *E Harrison Ford?*

Spielberg — Ele diz que está ficando velho e que logo irá precisar de uma cadeira de rodas para as sequências de perseguição *(risos)*

BIZZ — *Chegamos a* ET. *Você o anunciou como sendo o seu "filminho"*

Spielberg — *(interrompendo)* Foi o público quem fez dele um filmão. E se apossou dele sem que eu pudesse fazer nada. Mas para mim continua um filminho.

BIZZ — *O que é um filminho?*

Spielberg — Um filme que custa menos de dez milhões de dólares, e que trata de pessoas, de relacionamentos íntimos, de crises de comportamento .. Sinceramente, fiquei muito surpreso com a acolhida que *ET* teve.

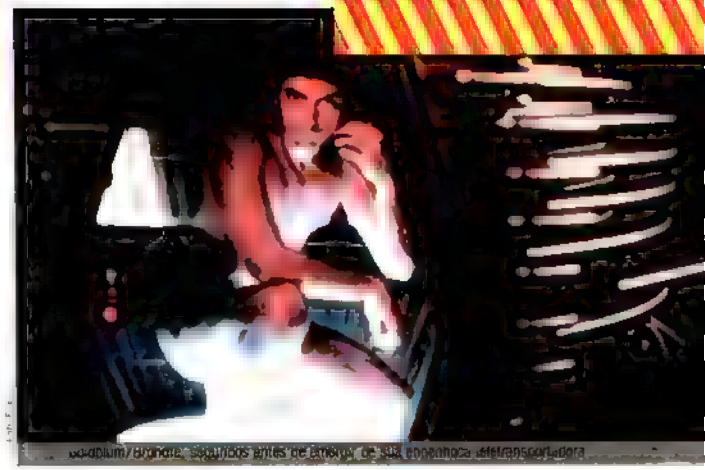
(Na terceira e última parte de sua entrevista, que será publicada na BIZZ 20, Spielberg fala do sucesso de ET, *do Oscar que* A Cor Púrpura *não ganhou e de seus próximos projetos. Até lá!)*

STEVEN SPIELBERG

A MOSCA

O genial cientista entra em seu revolucionário invento, o teletransportador, e emerge, com o devido acompanhamento de estouros e fumaças, do outro telepolo. Só que, durante o processo de desintegração e reintegração, um incômodo clandestino se meteu — a mosca! —, e um ser híbrido desembarca... Auuuuuuarrghhhhh!!

Muita gente já viu esta cena na televisão, na versão de 1958 de *The Fly* (aqui chamada de *A Mosca da Cabeça Branca*). Grande filme. Este também, e não é uma mera refilmagem. É mais uma reinterpretação do tema pelo diretor canadense David Cronenberg (de *Scanners* e *Videodrome*). A história continua repulsiva — e o diretor bem —, mas há algo mais por trás do profundo desagrado que esta versão é capaz de provocar, para além dos nojentérrimos efeitos especiais. É um desconforto profundo, operado deliberadamente por Cronenberg. Um doce caso de amor entre o promissor cientista Seth Brundle (o excelente Jeff Goldblum, indicado para o Oscar em 1986) e a jornalista Veronica Quaife (Geena Davis) descamba, depois do acidente, em uma penosa degeneração física que tem muito de degeneração moral... Uma metáfora para a AIDS, arriscaram alguns críticos.


Goldblum/Brundle: segundos antes de entrar de vez na engenhoca teletransportadora

Com todo o cinismo de um Hitchcock — o moço bonitinho vira monstro, sem perder seu peculiar senso de humor; o vilão vira herói, a importância do invento para a humanidade vai sendo desconsiderada pelos dramas pessoais — e todos os clichês do gênero, Cronenberg toca fundo em alguns sentimentos muito secretos, transformando a matéria dos sonhos em pesadelo... Recomendado para quem gosta de passar mal. A A

DEPOIS DE HORAS

Tudo que o diagramador Paul Hackett queria era fazer um programinha com Marcy, a gata que acabara de conhecer na lanchonete semideserta. Ele não via compromisso para aquela noite e Marcy o havia convidado para ir de uma amiga escultora, Kiki, no Soho nova-iorquino. E é claro que Paul topou passar algumas horas com aquela louca indefesa e atraente. Havia trancado seu apartamento na Rua 91, tomou o táxi para um percurso de quase uma centena de quarteirões e então mergulhou num pesadelo de proporções imensas, vítima de ações coincidentes que vão ocorrendo num ritmo vertiginoso e que só acabam não ter fim.

Griffin: Paul totalmente paranóico e às voltas com incríveis criaturas da noite

O diretor Martin Scorsese soube construir bem esta saga claustrofobicamente kafkiana: a de um pacato cidadão que vira, em questão de poucas horas, agente de um suicídio, ladrão, amante homossexual, escultura, calafrio... sem ter movido um dedo para representar esses papéis.

Griffin Dunne consegue convencer muito bem como o sofrido Paul — às vezes romântico; depois, paranóico; no final, histérico — e, por isso, movimenta bem a história (apoiada num constante entra-e-sai de personagens) Rosanna Arquette — para os brasileiros, a principal atração — é, na verdade, um chamariz, já que serve mais como pavio da trama. A grande estrela, porém, é a direção de Scorsese: planos ágeis, nervosos, com muita ação e cada vez mais frenéticos à medida que a paquera do protagonista se transforma num inferno. *J.L.R*

MORRER MIL VEZES

No submundo de Los Angeles, a ação do ex-policial alcoólatra e da prostituta

Há muito os bons filmes policiais haviam abandonado as telas, dando lugar a incontáveis produções de terror e ficção científica. Isso se deu, em parte, devido à falta de criatividade que rondava o gênero. Curiosamente, quem injetou novo estilo ao policial dos 80 foi o moderno mestre do suspense, Brian de Palma, com sua versão revista e atualizada de *Scarface*.

Mais ou menos dentro da linha de *Scarface* e com certas ligações com *Viver e Morrer em Los Angeles*, de William Friedkin (um bom filme que passou em branco por aqui), está este *Morrer Mil Vezes*. Passado no submundo de Los Angeles, o filme mostra as transações de uma quadrilha hispânica com a prostituição e o tráfico de cocaína. Menos estilizado e modernoso que o filme de Friedkin e com menos violência explícita que o de De Palma, este filme, no entanto, é feito de uma maneira suja, pesada, bastante próxima da real. Ajudam, ainda, a bem estruturada trama, que percorre mil caminhos e exige atenção do espectador, e as excelentes interpretações dos atores principais: o caçoeteiro Jeff Bridges como um ex-policial alcoólatra (que aproveita e faz propaganda para os AA), a doce Rosanna Arquette como uma das prostitutas disputadas (atenção, fãs, roia as unhas discreto) e roubando o show geral, Andy Garcia, como o chefão Angel, um bandido rude sofisticado e brega ao mesmo tempo: super *white stuff*.

A direção é do seguro Hal Ashby, um não-expert no gênero, que nos deu no passado o belo *Harold & Maude (Ensina-me a Viver)*. *T L*

BETTY BLUE

Beatrice Dalle, ou a nudez natural e estonteante de uma deusa estreante nas telas

É o terceiro, e talvez melhor, filme do diretor Jean [illegible]ques Beineix — que ficou celebre[illegible] o *thriller* colorido e estilizado [illegible] e desacreditado com o *noir* co[illegible]lo e estilizado *A Lua na Sarjeta* [illegible] do genial livro homônimo J Goodis!)

[illegible]lo exibido na Mostra Inter[illegible]e SP, um jorna, local resu[illegible] *Blue* como "o relaciona[illegible]s uma neurótica e um es[illegible] Nada a ver. O filme descre[illegible]rentes cenários e esfe[illegible]o no qual um casal [illegible] ele em escritor e e a [illegible]

Mas [illegible]doso são os "cri[illegible]as que contam a história dos [illegible]s. *Betty Blue* merece ser visto porque é uma daquelas histórias de amor que dão ora vontade [illegible] ora vontade de chorar. Há também aquela carga de sensibilidade e entrega que entra em tal choque com a realidade que pode acabar em morte, como em certas tragédias de Shakespeare. Amantes até o fim, não suportam a vida, viram presa fácil de sua própria fragilidade.

Tem também algo inédito e próprio: nunca na história do cinema a nudez foi tratada com tamanha naturalidade. Depois é que fui ler, numa entrevista, que Beatrice Dalle — a estreante deusa do papel principal — quebrou alguns paus feios com Beineix, por achar que aparecia nua até quando não havia a menor necessidade". Ah! Mas ele tinha suas razões e quem assistir *Betty Blue* vai entender uma por uma.

Estão chamando a moça de "nova Bardot". É, essa morena tem um jeito de olhar para a câmera [illegible] com os lábios entreabertos, que pode transformar um auditório numa gigantesca poça de manteiga.

Te cuida, Adjani! *J A L*

B ZZ 83

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

O AJUSTE DO CAVALETE

Uma das mais importantes coisas a fazer ao ajustar uma guitarra é o ajuste do cavalete. Nele está um dos segredos de tocar afinado.

Dificilmente uma fábrica de instrumentos musicais de qualidade colocará os trastes em lugares errados na escala. O processo de cálculo é tão simples que demonstraria total irresponsabilidade.

A maioria das pessoas costumam ajustar os rastilhos (peças móveis do cavalete) comparando o harmônico do 12° traste com a nota tocada na 12ª casa. Porém se você realmente quiser acertar em cheio, ajuste o cavalete comparando o harmônico do 19° traste com a nota tocada na 19ª casa. Melhor ainda: use as duas comparações e estabeleça o melhor compromisso se necessário.

Regra: Se a nota tocada for mais alta do que o harmônico, mova o rastilho *para trás*, aumentando o comprimento da corda.
Se a nota tocada for mais baixa do que o harmônico, mova o rastilho *para frente*, diminuindo o comprimento da corda.

Sempre faça estes ajustes após os ajustes da ação e do alvio no braço, com as cordas em tom de concerto (no diapasão) e se possível use um afinador eletrônico.

Qualquer duvida consulte-nos

DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
São Paulo - SP - CEP 04447

PATIFE BAN / DIVERGÊNCIA SOCIALISTA

O espasmódico Paulo Barnabé comanda os decibéis que atormentaram a calma noite mineira

Massacrando

Crepúsculo dos Deuses (Belo Horizonte) 06/12/86

Weird scenes inside Minas Gerais. Escancaram-se as portas do Crepusculo dos Deuses, novo espaço cultural que chega com um arrojado projeto multimídia (teatro, video, galeria de arte, livraria etc.). Para seu batismo sônico, dois pedregulhos incômodos no sapato do conformismo: Divergência Socialista e Patife Band.

Infelizmente, muito do que os idealizadores da casa prometeram ainda não saiu do papel. Faltou som antes e depois do show, a acustica não está OK, o bar funcionou precariamente e a divulgação do evento foi praticamente nula, o que foi corroborado pela diminuta platéia presente. Ao menos as bandas colaboraram com o essencial: música de alta qualidade.

Coube ao DS o início da noitada. O clima esteve mais para o frapé até que, por volta do quarto número, Rubinho trocou o Casiotone pela bateria, deixa para que a *chanteuse* Silma entrasse em cena. "Dada Music" veio com raiva, provocando gritos e alvoroço entre o público. Seguiram-se outras agulhadas, como "Mata Hari" e o riff jamesbondiano roubado de Monty Norman, "Aqui & Aqui", banhada em *white noise*, e a ectoplásmica "Man Ray". Destaque do *set*: uma *nunimal cover* de "Never Before", do Deep Purple (!!), mais uma proeza dos sempre surpreendentes Duchamp Boys. E tudo isto em pouco mais de vinte minutos.

Breve intervalo. Sem maiores avisos, os Patifes ocupam o palco. Como já os conhecia do vinil, tratei de me concentrar à tarde no som do Husker Du, Replacements e Die Toten Hosen. Não foi o bastante. De cara atravessei o "Corredor Polonês" e daí para a frente a banda consumou seu massacre em altos decibéis. Uma constatação: Paulo Barnabé talvez não seja um bom cantor, mas com certeza é um tremendo *performer*: sua *mise-en-scène* é um misto de paralisia espasmódica, porre e epilepsia focal. Um arraso.

Quanto aos músicos — André (guitarra), Sidney (baixo) e Cidão (bateria), basta dizer que debulharam seus instrumentos com rara competência. Do sôfrego "Poema em Linha Reta" (Fernando Pessoa regurgitado num vômito *hardcore*) ao fusion samba jazz-trash de "3/4", o grupo destilou brutalidade e *élan*.

Porrada, porrada, porrada. Calafrios e contorções. Uma aspirina, pelo amor de Deus.

Arthur G. Couto Duarte

SUZANNE VEGA

Totalmente demais, a linda Suzanne Vega

Simplesmente demais

Royal Albert Hall (Londres) 18/11/86

Hum..., é bom estar aqui com vocês... É bom estar em Londres... gosto muito daqui. Vou contar uma história que compus quando... É assim que Suzanne Vega apresenta suas canções. Todas possuem uma historinha. Suzanne Vega não é nada diferente da foto que aparece no seu primeiro LP. É magra, cabelos lisos e sem nenhuma maquiagem. É, sobretudo, muito tímida. Ela, o violão e uma banda de quatro músicos: guitarra, baixo, bateria e órgão. Suzanne Vega começou sua carreira como *folk singer* num acampamento de adolescentes, onde cantava todas as noites e era ao mesmo tempo responsável pelas *disco nights*. Depois, não parou mais.

Suzanne cantou "Lucas", e "Left of Center", do filme *Pretty in Pink*, mas sem Joe Jackson. Sua voz é linda, melodiosa, e suas músicas transmitem as mesmas vibrações que Dylan nos anos 60. Mas sem política, só fatos, histórias (devidamente prefaciadas), encontros e influências. Cantou todas as músicas do LP. "Small Blue Thing", "Undertow". O melhor veio no fim: sua última composição, "Tom's Diner", foi cantada sem banda e sem violão, somente ela, num mínimo foco de luz, dando seu próprio tempo com o pé e estalando os dedos. A banda, o acompanhamento nem faz falta. Suzanne Vega é simplesmente demais.

Eva Joory

AL DI MEOLA

Fusão nova

Morro da Urca (RJ) 26/11/86

Tocar no Brasil era um velho sonho de Al Di Meola, e foi dessa forma que um guitarrista mundialmente famoso acabou tocando no Pão de Açúcar, ao lado da dupla Jorge Degas (baixo) e Marcelo Salazar (percussão), além do percussionista Sérgio. O novo som de Di Meola é totalmente improvisado, e o show foi muito bom — um daqueles dias em que a música flui por si mesma, em que a comunicação musical transcende palavras e estruturas.

A primeira parte foi "new" Al Di Meola. Sem demonstrar o menor esforço, improvisou harmonias, solos e arpejos, às vezes em velocidade supersônica. Tudo o que trouxe foi um violão e um *rack* de ecos, que usou com sensibilidade para criar camas e texturas que pareciam saídos de mais de um instrumento. Por mais de meia hora os dedos velozes percorreram cada milímetro de violão, algumas vezes mostrando emoção; em outras, técnica mais que abundante.

O guitarrista supersônico que improvisa e dispensa acompanhamentos, mas convida os amigos

A segunda parte foi do grupo de "amigos" de Di Meola, o duo Degas-Salazar, mais Sérgio. Parece que um pouco do espírito livre do jazz de Hermeto, Egberto e outros fascinou o americano, e o encontro com o duo foi oportunissimo, temperado pela percussão de Sérgio, mais afro e mais parecida com a de Naná Vasconcelos. O encontro poderia ter sido melhor, mas, considerando-se que não houve ensaios, foi uma experiência única. A comunicação musical foi crescendo e em pouco tempo virou puro samba, com o americano batucando na caixa do instrumento e imitando cuíca. Depois, os tradicionais solos para cada músico (com destaque para a intimidade do duo) e retorno para um apoteótico "Spain".

O que houve depois foi mera confirmação do que já havia acontecido. O novo estilo de Al Di Meola é mais completo e rico harmonicamente e, por isso, dispensa acompanhamentos, seja de banda ou de outros violões. Tocou, solo, temas de *Soaring* e até trechos de um tema para dois violões ("Fantasia Suite for Two Guitars"). *Alexandre Dines*

AKIRA S E ARTO LINDSAY

Ruídos e vociferações

Zóster (São Paulo) 27/11/86

O que Garanhuns (PE), New York e São Paulo têm em comum? Nao, não se trata de uma charada geográfica. Não há nada em comum, a não ser que se fale de nomes como Akira S e As Garotas que Erraram e Arto Lindsay. Arto é americano, mas morou 15 anos em Pernambuco. Voltou para os Estados Unidos com os ouvidos cheios de música brasileira. O Akira S, como todos nós, tinha as antenas ligadas na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas há tempos está atento à possível fusão eletrônica-funk-samba.

Fusão não é exatamente o termo mais preciso, porque no Akira S estes elementos estão em ebulição, se sobrepondo e brigando uns com os outros. Talvez esse seja o ponto de contato entre Arto e Akira S. Arto, com sua banda Ambitious Lovers, passeia pelo samba e pela MPB, via break e funk, e ele também desliza por terrenos acidentados. Arto já havia estado no Brasil, no ano passado, e conhecia o som do Akira S. Viria ao Brasil acompanhar seu amigo, o ator John Lurie, que fora convidado para o lançamento de *Down By Law*, no FestRio. John não veio, mas Arto acabou chegando aqui e aceitando o convite do Akira S para participar do show.

Duas trajetórias partindo de direções diferentes foram se encontrar numa noite infernalmente quente de novembro. Com o suor do show de estréia da Siouxsie ainda grudando a camisa ao corpo, fui lá ver o cruzamento destes dois mundos. O show foi numa destas abomináveis casas noturnas — esta era *tão* abominável que, logo na inauguração, os propósitos malignos ficaram bem evidentes. Os donos do tal "espaço" decidiram, de uma hora para outra, majorar o ingresso em 100 cruzados. Depois de um certo embaço na porta, conseguia-se entrar na casa, que não apresentava nenhuma novidade — pouco espaço, ventilação deficiente e *mutuuta* gente.

Mas o pior ainda estava para vir. O show começou sem a banda no palco, com uma abertura executada por um sistema de teclados e ritmo eletrônico conectados a um computador. A banda entrou atacando "Atropelamento e Fuga", com Akira S no baixo, Edson X na bateria (que nas outras músicas cederia o lugar para o novo baterista Victor, ex-Muzak) e Pedreira Antunes nos vocais. Depois da primeira música, entrou Arto, com uma guitarra vermelha que é mantida no limite da microfonia, fazendo mais intervenções guitarrísticas do que propriamente *tocando* guitarra. Mas, na verdade, não fez muita diferença, porque o som estava de tal forma embaralhado que não se ouvia grande coisa. Lá pela terceira ou quarta música, Pedreira Antunes, inflamado, começou a berrar contra os donos da casa e a incitar o público a exigir o dinheiro de volta, não sem antes *quebrar* o lugar. E deixou o palco. Mas Arto ainda queria tocar e puxou um sambinha, chamando o Pedreira Antunes. Ele voltou para cantar junto com Arto: "Quem inventou o amor foi um coguinho/mas não disse a cor que ele tem". Foi a última, porém. Depois, o vocalista não voltou.

Deixou no ar uma certa decepção. O coquetel molotov que havia sido prometido não detonou.

B. A.

O encontro de duas excentricidades do mundo pop sob o signo do samba: Akira S e Arto Lindsay

KATRINA & THE WAVES

O recadinho

Le Bataclan (Paris) 24/11/86

A dona da irresistível e precisa voz se chama Katrina Leskanich, tem 26 anos e vem do Texas. O fiel escudeiro é o guitarrista Kimberley Rew — ex-arqueólogo e autor da maioria dos títulos, inclusive o sucesso do ano passado, "Walking on Sunshine". Na bateria, vindo dos Soft Boys, o golpe certeiro de Alex Cooper, que abandonou a carreira de jogador de cricket. E, para fechar o trio, o baixista Vince de la Cruz, nascido num hospital do exército americano no Japão e também compositor.

Com aquela boca de quem acabou de beijar longamente o namorado, Katrina começa o show explicando: "Nunca tive saco de ir à escola, e agora vou falar de algo que deveria ser matéria básica em todas as escolas. Vocês sabem do que eu estou falando, né?", e ataca com "Que Te Quiero"... Aaahh.

Katrina na crista da onda devidamente escoltada, pelo seu fiel escudeiro, Kimberley Rew

Desde sua criação em 81, a tônica do KW é a liberdade de estilos — ou a impossibilidade de classificá-los. Rocks pesos pesados como "Money Chain" e "Riding Shotgun", baladas derretidas ("Mr. Star" e "Sleep On My Pillow"), soul ("Is That It?"), e o show segue com mais passeios pelo blues, country e até twist. Isso não soa como uma salada eclético-pretensiosa — o público simplesmente se entrega ao deleite de apreciar e cantarolar canções escritas para esse fim.

Talvez com soutiens e pulseirinhas ou coreografias e declarações mirabolantes, Katrina poderia se tornar uma Madonna da vida (com mais garbo, é claro). Só que, graças aos bons céus, nao é o que se passa em sua cabecinha. E nem é o que pretende sua gravadora: às vezes, até eles entendem que o melhor é simplesmente deixar negumho subir no palco e dar seu recado.

Silvano Michelino

ITAMAR ASSUMPÇÃO

Navalha na música

Espaço Mambembe (São Paulo) 13/12/86

Antes de falar sobre o show — um dos melhores do ano que se foi —, vale refrescar um pouco a precária memória nacional. Desde a tamgerada Tropicália não se via nada de real peso como a poesia/música urbana de Itamar Assumpção e Arrigo Barnabé. Ambos chegaram, no fina. dos anos 70 e início dos 80, com uma proposta que encontrava ecos numa juventude carente de porta-vozes de sua força e costumes.

O protagonista desta matéria trazia uma linguagem de bandido da periferia, suas desavenças e um tato 'fino' ao falar de amor. Rock + música contemporânea + grito contido entre soluços. Era a mais pura música *impopular* brasileira retomando seus brados depois de os tropicalistas terem ido para os ostentosos braços da mídia e da queda para o popinho-brega de cabeças como a de um Walter Franco. Faltava (e continua faltando) tudo quando Itamar surgiu. Principalmente para a cena paulista, rica em evidências mas carente de observadores. Itamar viu, ouviu e deu cores reais a ela — tão negra quanto o céu da cidade e tão óbvia quanto aquele alejado do Viaduto do Chá.

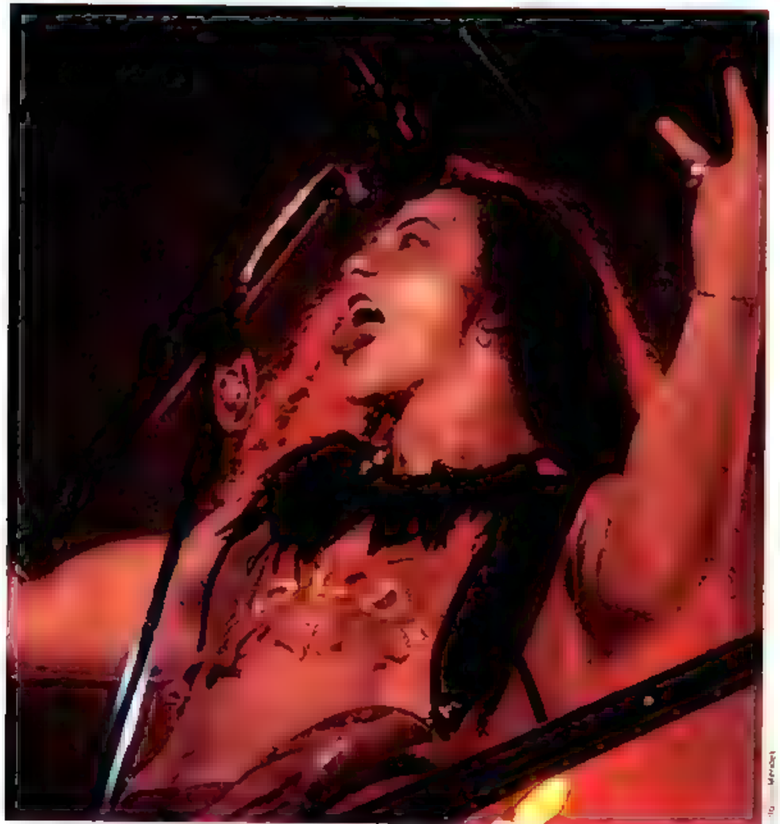
Mas a memória é privilégio de alguns. Itamar é um exemplo disso. Depois de passar sete anos na obscuridade, talvez agora, com um contrato pela WEA, seus temas possam ser ouvidos além de um restrito e fiel grupo de seguidores. Opção própria? De certa forma, para manter a autenticidade. Mais uma falha dos ouvidos capengas de mídia e gravadoras.

Por essas e outras é que a frase que mais me chamou a atenção durante o show no Mambembe foi "Entre o sim e o não, há um vão", excerto da música "Chavão Abre Porta Grande". Não seria preciso dizer mais nada. Uma platéia atenta acompanhava os gestos diretos e a postura cênica e pausada do ex-negodito. Os olhos esbugalhados e matreiros pontuavam a interpretação. A música, introspectiva, cortava o escuro a navalhadas, deixando no ar um cheiro de MPB eletrificada. Por trás, uma banda de equivalente peso: Paulo Le Petit, no baixo, Luizinho LB, na guitarra; Boccato, no trombone de vara, e Gigante Brasil, na bateria. Ironia a toda prova — excelente nessa fase de vacas magras, americanas e européias.

A mana Denise Assumpção deu uma canja, homenageando Jards Macalé. E, se é para agradecer a alguém por termos um músico tão rico, voltemos os olhos para uma outra ala *impopular* brasileira, do time Macalé/Melodia, que tem em Itamar um filho pródigo.

Sônia Maia

VENOM/EXCITER



Inferno e danação! O ruivíssimo Cronos mostra a língua e todo seu desprezo pelo mundo

Zoeira infernal

Ginásio do Corinthians (SP) 10/12/86

Com o fracasso financeiro das apresentações do Venom e do Exciter em Brasília, Belo Horizonte e Rio, muita confusão era esperada em São Paulo. Já na chegada, a Polícia Federal tomava conta do pedaço, enquanto o empresário inglês tinha dado no pé. Dentro, estava cheíssimo e quente demais. A temperatura aumentou quando, às 22 horas, o Vulcano abriu a noitada com um som ininteligível e o vocalista berrando satanicamente em um microfone em forma de osso. O show não durou mais que meia hora. O público, insatisfeito, jogava coisas na rede de proteção do palco, pedindo o Exciter.

O Exciter abriu com "Breaking Down" e com uma melhorada geral no som. Beehler descia o braço na bateria — construída pelo brasileiro Tibério do Harppia — com uma força e violência incríveis. Dan Beehler, o enorme e simpático vocalista/baterista, comandava a excitação da platéia enquanto McPhee (gtr) e Alan (bx) faziam todos gastarem sua adrenalina. A voz de Beehler é agudíssima. Quando ele gritava todos respondiam e erguiam seus punhos cerrados para cima. O canhoto McPhee toca até com a boca. O Exciter desfilou "Under Attack", "War Is Hell" e, durante "Living Evil", um roadie teve que enxugar o suadíssimo Beehler. O entusiasmo do público era tanto que o batera Abaddon foi ver o que estava acontecendo. O Exciter voltou para o bis e às 23h40 Beehler jogou suas baquetas para cima: *Thank you all!* Sabiam que tinham sido os melhores da noite.

Enquanto tocava uma vinheta de introdução para o show do Venom, o líder Cronos mostrava sua língua e mandava beijos para a platéia. Exatamente à meia-noite — bem apropriado! — começou o massacre, debaixo de luzes variando do vermelho ao roxo, ao som de uma sirene de guerra. Cronos jogou seus ruivos cabelos para trás e atacou "Too Loud". A zoeira tomou conta. Olhando de cima da arquibancada, tudo parecia um imenso purgatório, devido à altura do som embaralhado. Nos intervalos Cronos passava suas mensagens recheadas de palavrões. O guitarrista Jimi C. tocou um tecladinho em "Seven Gates". Ele alternava solos com o outro guitarrista, Mike H., e às vezes largava o instrumento tocando sozinho no palco. Aos poucos o público foi cansando dos temas praticamente iguais e nem vibrava mais. O calor era imenso e alguns reclamaram a falta das prometidas explosões: "Soltaram só uma fumacinha mixuruca". Então Cronos reanimou o público com "Welcome to Hell" e jogou água nos que estavam bem na frente do palco. Em "Warhead" uma garotona ofereceu os seios a Cronos, que sorriu e elogiou. De repente, saíram dizendo "*good night*" e ninguém entendeu o que havia se passado. Um inglês pegou o microfone e incitou a platéia a chamar o grupo de volta. Voltaram, tocaram dois números e saíram de novo. Depois voltaram mais uma vez, agora sem ninguém pedir, e tocaram mais quatro músicas.

Lá fora, a polícia dispersava os grupinhos com cutucões de cassetete. Por uns dias, aquela zoeira infernal ainda abalava a minha cabeça. São Paulo teve sua noite de black metal bem de acordo. Serviu para demonstrar que chega de ginásios do tipo Corinthians, Mineirinho e Maracanãzinho para grandes shows de rock. Não dá mesmo. *God bless you all!* L.F.A. *Leopoldo Rey*

TITÃS:

A MELHOR CAPA DO ROCK-BRASIL 86

Titãs – Cabeça Dinossauro vence o 1º Prêmio Company de Capas de Rock com 247 votos, e a capa do grupo Capital Inicial chega bem perto com 244 votos, ocupando o segundo lugar.
O prêmio obteve grande sucesso, ratificando a importância e o interesse do público jovem, consumidor de discos no Brasil.
Durante as etapas do concurso a participação dos leitores significou mais do que uma votação. Foram opiniões, críticas e elogios revelando a maturidade do público na hora da escolha.
O 1º Prêmio de Capas de Rock é a constatação da importância deste segmento na realidade do mercado fonográfico.
Aos vencedores, à vocês que acompanharam passo a passo este projeto, e a todos aqueles que o tornaram viável, os nossos agradecimentos.
E... valeu!

Agradecimentos especiais
Mauro Taubman - Sergio Lopes - Gê Alves - Marcelo Castello Branco - Fernando Leão - Edson Menezes Araújo - Angelo Mourão - Roberto Cidade - Alexandre Mac Cornick

Lista dos ganhadores dos 10 discos referentes às capas concorrentes
[illegible]

1º lugar

2º lugar

PRÊMIO COMPANY DE CAPAS DE ROCK

Realização
Patrocínio
NEWAY TOUR
LIBER
COMPANY
293 0949

A blonda Annie Lennox, pouco antes de consumar seu strep-tease ritual para os italianos, no faiscante cenário de contradições da nova arena milanesa

EURYTHMICS

O êxtase

Palatrussardi (Milão) 08/11/86

Estranha combinação: a neblina eterna que cobre Milão no outono abraçando uma construção híbrida de circo e quadra de esportes, dentro da qual uma elegantíssima multidão bebericando coquetel e *capuccino* ao som de rudes e antigos blues que reverberam do P.A. — o lúgubre envolvendo o faiscantemente moderno, o mundano embalando o chique. Um cenário de contradições perfeito para o último show italiano da turnê *Revenge*, do Eurythmics.

Após um *set* morno do Hipsway, nas paredes do Palatrussardi (inaugurado semanas antes por Frank Sinatra) reboa uma sucessão de sons desencontrados: buzinas de carro, freadas, telefones sendo discados, aviões aterrissando, sirenes de polícia, tudo formando uma cacofonia urbana, pespontada pela insistente repetição do mote "se-se-se-sex-crime-cri-cri-cri-cri-crime". Quando as luzes se acendem, Annie Lennox e Dave Stewart estão na frente do palco, já em franca ebulição, liderando o equivalente sonoro a uma usina metalúrgica — sons metálicos despejados sobre as pessoas, ganhando espaço e corpo de forma inexorável. Todos no palco estão vestidos em preto e branco. Quase não há cor no jogo de luz. O palco é nu. A mensagem é clara: o importante é o som.

Apenas rock'n'roll? *Of course*, mas a dramaticidade com que Annie representa cada sílaba de "Who's That Girl" (aqui transformada num dueto de voz e violão de ar flamenco) ou "Here Comes The Rain Again", o clima de possessão espiritual engendrado por Dave Stewart (fazendo vezes de maestro e sacerdote) e as saraivadas de riffs de guitarra que Jimmy Zavalla cospe (e todo seu corpo responde em unissono) bem, um tanto de teatro cai bem aqui. E teatro é o que fazem Annie, Dave e Jimmy em "Missionary Man", quando os dois homens se jogam no chão para receber a benção (o castigo?) de Annie, o tempo todo solando freneticamente. Teatro, também, é a hora em que Annie joga para o lado o sobretudo e a camisa branca e canta "Would I Lie To You" de sutiã vermelho.

É extasiante para o sangue aquela overdose de sons vibrantes e imagens febris e Annie faz transbordar a taça de prazeres quando prega um delicioso susto no Palatrussardi. Encerrado "The Miracle of Love" — com direito a isqueiros acesos em despedida — Dave e Annie dão-se as mãos para agradecer. Annie se ajoelha e beija as mãos de algumas pessoas na primeira fila antes de dizer "*goodbye*, Milano" e detonar uma torrente de gritos no estádio. *J E R*

90 BIZZ

RALPH TOWNER E J. ABERCROMBIE

Beleza rara

Morro da Urca (RJ) 11/12/86

É muito difícil rotular a música desses dois americanos: jazz ou música instrumental são palavras insuficientes. Mas como a dupla grava pelo selo alemão ECM, "pode-se dizer que eles fazem um pouco de música contemporânea"; isto é, exploram um território novo, com elementos "eruditos" misturados em free jazz e muita improvisação.

Towner é pianista e violonista e Abercrombie é guitarrista de jazz dono de um estilo muito rico (e com uma sonoridade muito parecida com a de Pat Metheny). No palco, Towner é um virtuose absolutamente diferente. Combina arpejos e harmonias com uma certa semelhança com o violão de Egberto Gismonti, mas, musicalmente, seu violão clássico é herdeiro da música de Ravel e outros. Além disso, usa o violão de 12 cordas para extrair cores e tons muito bonitos.

Abercrombie está numa fase excelente e tem chamado a atenção da imprensa internacional com sua adesão a novos recursos eletrônicos. Assim, seus improvisos na guitarra, bandolim elétrico e violão soaram muito melhores do que as gravações originais. O repertório incluía muitas músicas de "Five Years Later" (do duo) e de "Solo Concerts" (de Towner), mas a improvisação telepática de ambos criava arranjos melhores. Um show merecedor de um pomposo adjetivo: belo (e sincero). *A D*

Guitarras de Towner (esq.) e Abercrombie (dir.): a descoberta de uma rica linguagem instrumental

cursos técnicos!
• eletrônica básica • eletrônica digital
• áudio e rádio • televisão pb cores
• programação basic • programação cobol
• análise de sistemas • microprocessadores
• eletrotécnica • instalações elétricas
• refrigeração e ar condicionado
kits exclusivos!
Z-80
Kit de Microcomputador e mais
• Kit de Televisão
• Kit de Refrigeração
• Kit Digital Avançado
• Kit Multímetro Digital
• Kit de Rádio AM FM
• Volt Amperímetro
cursos por correspondência
intensivos! dinâmicos!
OCCIDENTAL SCHOOLS
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone (011) 826 2700
SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30 663
01051 SÃO PAULO SP
Nome
Endereço
Bairro Cidade Estado CEP

LANÇAMENTOS

FELA IN CONCERT — Fela Kuti, 57 minutos, estéreo hi-fi. View — Gravado em Paris em 1981, este show é uma verdadeira gema da música africana e vem a tona justamente no momento em que se intensifica o interesse pelo gênero. Fela comanda uma superbanda, se alternando entre teclados e saxofone com igual desenvoltura e invariavelmente em ponto de bala.

KING MAKOSSA — Manu Dibango, 55 minutos, estéreo hi-fi. View — E tome mais África desta vez cortesia do também saxofonista Dibango, nascido em Camarões. A música, aqui, é mais acessível do que a de Fela, mas incorpora muito da audácia de Miles Davis e Charlie Parker. O show também foi gravado em 1981, mas em Bruxelas.

THE BIG WORLD SESSIONS — Joe Jackson, 25 minutos, estéreo hi-fi. A&M — No início do ano passado Joe Jackson fez um par de apresentações na área de Nova York com o propósito de transformá-las em disco. Foi mais adiante e agora lançou este vídeo, com alguns dos melhores momentos do show que fez no Roundabout Theater. O som é digital e cristalino, e o estilo de imagem e edição transporta qualquer pessoa diretamente para a primeira fila de teatro.

VENOM ALIVE IN 85 — Venom, 60 minutos, estéreo hi-fi. Embassy — Quem perdeu os shows dos vestígios do black metal pode garantir uma segunda chance com este vídeo gravado no Hammersmith Odeon, em Londres. É pau puro, nada para ninguém por defeito.

GASOLINE IN YOUR EYE — Cabaret Voltaire, 81 minutos, estéreo hi-fi. Sony — Não é a primeira vez que os ingleses do Cabaret Voltaire lançam uma compilação de seus clips, mas esta, em especial, dá uma boa panorâmica no excelente uso que o grupo faz do vídeo: são imagens fortes e perturbadoras, mantendo em cima a tensão, todos elementos raros na atual e árida cena cibernética.

PARADA

1	Every Breath You Take - The Singles	*The Police*
2	Control - The Videos	*Janet Jackson*
3	Live Without a Net	*Van Halen*
4	The Video Album - Volume II	*Billy Joel*
5	Wham! In China - Foreign Skies	*Wham!*
6	The Number One Video Hits	*Whitney Houston*
7	My Name Is Barbra	*Barbra Streisand*
8	Staring at the Sea	*The Cure*
9	Color me Barbra	*Barbra Streisand*
10	The Making of Dancing in the Ceiling	*Lionel Richie*

Fonte: revista Billboard

MERCENÁRIAS

"PÂNICO"

Dirigido por Mirella Martinelli

Faltavam ao rock nacional clips que escapassem do padrão Globo de cafonalha — aquele efeito "óculos embaçados", mulheres com ares fatais inspirados na mais reles sensualidade, roteiros que são ilustrações rasteiras da historinha da canção... e daí para baixo. Foi preciso que uma estreante em direção de videoclip, Mirella Martinelli, se juntasse às Mercenárias — banda paulista que não é propriamente estreante mas que só agora está lançando seu primeiro LP — para que desta associação saísse um dos poucos clips brasileiros que podem ser comparados a qualquer clip internacional. A sofisticação não é o forte, mas sim uma simplicidade plenamente resolvida pela edição criativa, pela precisão da montagem e pelo perfeito casamento de ritmos de som e imagem. As quatro Mercenárias aparecem tanto nas suas identidades reais quanto como personagens de um complô contra um político que é a cara de um certo candidato derrotado ao governo de São Paulo. *Pânico* está aí para mostrar que qualidade não depende de milhares de dólares.

NOTAS

■ Um encontro que promete: **Spike Lee**, diretor do filme *She's Gotta Have It* — uma das atrações do recente FestRio — assina nada menos que quatro clips para **Miles Davis**, com músicas do álbum *Tutu*.

■ E já que estamos no departamento de estrelas: **Martin Scorsese** estreia como cineasta dirigindo **Michael Jackson** na faixa que o efebo enluvado gravou com os hip-hoppers do **Run DMC**.

■ **Aretha Franklin** regravou "Jumpin' Jack Flash", clássico dos **Rolling Stones**, para o filme que leva o mesmo título da música. No clip, algumas cenas memoráveis. **Whoopi Goldberg** festeja do filme. **Ron Wood** é um certo senhor que é confrontado por Whoopi com uma pergunta incisiva: "Alguém já lhe falou que você é a cara do **Keith Richards**?"

■ Do Departamento de Bobagens Indispensáveis, quando foi encerrada a carreira de sua série de TV, os **Monkees** resolveram fazer um filme. Nada de mais, certo? Morda a língua para criar o roteiro de *Head* (psicodélico, não?) a produção chamou ninguém menos que **Jack Nicholson**! E sabe quem também participa do elenco ao lado de **Anette Funicello, Teri Garr** e **Vitor Mature? Frank Zappa**.

■ E já que estamos falando de bobagens, quem se lembra de **Weird Al Yankovic**, aquele ex-DJ maluquete que ficou famoso criando paródias musicais em cima de hits famosos, como "Beat It"? Ele está de volta, com a mais palhaçada de sua carreira. Contratou o mesmo cast, o mesmo figurino e o mesmo cenário que **James Brown** havia empregado no clip *Living in America* e criou seu próprio *Living With a Hernia* ("Vivendo com uma Hérnia"). Imagine um JB branquela (de penteado idêntico), de óculos, bigode e todo desengonçado. E por aí.

TIMBUK 3

Um trio texano cujo terceiro membro é ... um radiogravador azucrina o rock com cinismo e ironia

Adivinhe quem está faltando na foto: Barbara Kooyman? O radiogravador? Ou Pat MacDonald?

Impulsionado por uma bateria eletrônica tocada retinho e pelo pipocar hipnótico de uma guitarra limpa, o refrão é memorável. "O futuro é tão brilhante/ Que eu preciso usar óculos escuros". Otimismo deslavado? Pelo contrário — "The Future Is So Bright, I Got To Wear Shades" está, na verdade, examinando com cinismo e espírito sacana as possibilidades de um animado futuro radioativo! E foi esta música que elevou à categoria de hit internacional o Timbuk 3 — menos que um grupo, um casal norte-americano que se acompanha, em disco e ao vivo, de um enorme radiogravador, onde gravam, previamente, as bases de suas músicas.

Barbara Kooyman e Pat MacDonald se conheceram em 1978, no Texas, onde cada um tentava sua respectiva carreira solo. Cinco anos e muitas experimentações mais tarde — individualmente, eles iam criando suas próprias bandas — Pat e Barbara resolveram unir forças, jogando num mesmo liquidificador criativo folk, R&B, rock e jazz. Mas sozinhos não conseguiam o som desejado. "Vivíamos ouvindo baterias e baixos que não estavam lá", disse Barbara à *Rolling Stone*. A solução foi apelar para o gravadorzão, que acabou virando marca registrada do Timbuk 3.

O sucesso da dupla foi rápido, e nem por isso menos sólido. Em meados de 1985 eles apareceram num especial de TV sobre as bandas do Texas, foram vistos por executivos da I.R.S. Records (que produzira o show) e logo assinaram um contrato para gravar o álbum *Greetings from Timbuk 3* — uma espécie de síntese pós-nuclear de rock, folk, funk, reggae, country e blues.

J.E.R

THE MIGHTY LEMON DROPS

A imprensa inglesa continua a eleger seus queridinhos. Estes são sérios, tímidos e singelos

Antes de chegar às capas dos semanários *Sounds* e *New Musical Express*, eles eram apenas quatro *kids* inseguros dentro de ternos pretos, se apresentando em pequenos *clubs* de Wolverhampton como The Sherbert Monsters. Porém, depois que "Like an Angel", seu primeiro single, lançado pela Dreamworld Records em janeiro de 1986 — começou a escalar as paradas, Paul Marsh (vocal), Dave Newton (guitarra), Tony Lenehan (baixo) e Keith Rowley (bateria) passaram a ser conhecidos como A Próxima Grande Coisa chamada The Mighty Lemon Drops (O Poderoso Drops de Limão), "o nome perfeito para um grupo pop".

Logo veio o primeiro rótulo: *new Bunnymen*. E a reação: "Falaremos sobre os Bunnymen todo o dia, se vocês quiserem". Afinal, a turma de Liverpool — incluindo Teardrop Explod e Wah! — é seu assunto favorito. Amam a música desses grupos e não disfarçam.

O que os diferencia das centenas de grupinhos citados em artigos diversos não é seu radicalismo, virtuosismo ou performance incendiária. Eles não possuem nada disso.

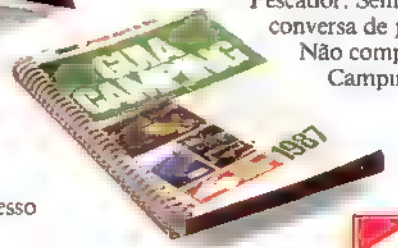
Apresentam-se sem um riso, se quer um olhar em direção à plateia. Milhas distantes do exibicionismo macho de Jim Morrison, tocando pulsantes canções de amor. Singelas. Garotas como em gmas flutuando no céu. "like an angel".

Entretanto, a inocência desses garotos do interior britânico, preocupados somente com boas melodias, é mais que uma atração na linha do Estilo. Só não é a atual sensação da cena independente porque seu segundo single, "The Other Side of You" e o LP *Happy Head* foram lançados pelo selo Blue Guitar, ligado à poderosa Chrysalis, e acabaram com esta alegoria jornalística.

M.P.

SEM O GUIA CAMPING

COM O GUIA CAMPING



...nplicado,
...omplicado. Você
...he. Do lado fácil
... Guia Camping,
... vida, sombra e
...a fresca.
...outro, só Deus
...be.
...o lado do Guia
...mping estão 625
...mpings classificados
...270 cidades. Todas
...reas com instalações
...uipamentos detalhados. Mapas de acesso
...ra os campings.

Passeios, atrações e roteiros de viagem por todo o Brasil com o melhor e mais completo mapa que existe.

Com o Guia Camping, ainda a seção especial de Primeiros Socorros e o Guia do Pescador. Sem o Guia Camping, só conversa de pescador.

Não complica, vá direto ao Guia Camping.

GUIA QUATRO RODAS

Nas bancas

LUNI

Sonoridades que sugerem climas e países exóticos e viagens por tempos perdidos

Na fila da esquerda, Natalia, Theo e Fernando. Na fila da direita, Lloyd, André e Marisa

O núcleo do Luni (Fernando Figueiredo, Natalia Barros e André Gordon) veio de um grupo de teatro e performance, o XPTO. Theo Werneck é artista plástico, Marisa Orth é atriz e Gille Eduar e Lloyd Bonnemaison são franceses e os únicos músicos de fato. Pessoas de áreas e formações tão díspares que se juntam para fazer uma banda, ou dá samba de crioulo doido ou fica muito interessante. O Luni está incluído, sem dúvida, neste último caso.

Foram pessoas que se juntaram porque tinham uma coisa em comum, que era essa vontade de estabelecer uma relação mais flexível e agradável com a música, sem aquela coisa de formalizar um repertório e ficar um tempão só tocando aquilo", conta Fernando. A flexibilidade também é uma característica da formação da banda — todos se alternam nos vocais, teclados e percussão. A única exceção é o duo de saxofones, sempre executado por Gille e Lloyd.

No show, o elemento teatral e humorístico é a primeira coisa que atrai; mas, passados os primeiros ataques de riso, a música mesmo é que é o forte. "Nós temos a preocupação de montar um show que não seja só um mero desenrolar de músicas, mas, sim, um momento de entretenimento", explica Theo. Mas Fernando ajunta rapidamente: "Mas a preocupação básica é a música". As composições do Luni misturam samba, juju, reggae, funk, rock, rap, harmonias orientais, árabes, percussão africana, enfim, uma salada no bom sentido. Ou seja, o da curiosidade sem preconceitos e o da experimentação.

Bia Abramo

CASCAVELLETES

A novíssima geração do rock gaúcho: a saudável "inocência" dos Beatles com letras picantes

Proibido para moralistas empedernidos. *Marcel Plasse* ficou completamente seduzido

Um bom pai jamais deixaria sua filhinha ir a um show dos Cascavelletes. Eles são a novíssima geração do rock gaúcho, e seus detratores os distinguem à distância: os Menudos pornôs com uma batida Chuck Berry". A canção "Menstruada" já é um hit, especialmente entre o público feminino. "Tá menstruada. Mas mesmo assim/ Eu vou transar."

Os integrantes da banda são Nei Wulff (guitarrista e vocalista), Basso (baixo, vocal) — que com Nei completa a metade dissidente do TNT —, Alex Barea (bateria), ex-integrante da banda power metal Pesadelo, e Frank Jorge (guitarra, vocal), ex Prisão de Ventre, último a se juntar ao grupo e também o mais velho integrante: 20 anos (os demais têm 18 e 19).

A principal influência são os Beatles — especialmente na harmonização vocal — e a Jovem Guarda. No entanto, em determinadas músicas dá até pra ouvir AC/DC na bateria, embora você jure que o resultado é punkabilly. E que Pistols, Stray Cats e aquela saudável turma dos anos 50 fazem parte da matéria. E os Cramps estão entre os deveres de casa. Porém, o forte do repertório são mesmo as baladas porno-infantis.

Eles já gravaram 14 canções, sem o aval de nenhuma gravadora, e estouraram como o grupo mais popular deste verão em Porto Alegre. A censura, se percebesse, diria alguns palavrões. Imagine ir num bar beber uma cerveja ingênua e escutar: "Quero te estuprar com muito carinho. Por causa da dor".

Nenhum deles tem namorada, é claro. São machistas? Não mais do que Little Richard. Na verdade, somente alguém muito inocente canta num roquenrol cheio de "insinuações" pornográficas absolutamente explícitas. *Yeah!*

SIOUXSIE BANSHEES

PolyGram

LULU SANTOS

DEMON
(Lulu Santos)

(refrão)
Live with your own demon
don't dump it on other people
live with your own demon
don't dump it on me

You have the choice
you know the price to pay
when you bang your own noise

You were ever told
what you could and what you couldn't do
the day you got old
so cut the crap
don't throw it on the fan!

(repete refrão)

You know the score
if it don't show they say
you ain't got it no more

It's always there
none of us could ever dare
say we don't care
so cut the crap
don't throw it on the fan!

(repete refrão)

DEMÔNIO

(refrão)
Viva com seu próprio demônio
não o empurre para cima dos outros
viva com seu próprio demônio
não o empurre pra cima de mim

Você tem a escolha
você sabe o preço que tem que pagar
quando faz seu próprio barulho

Alguma vez te disseram
o que você podia e o que você não podia fazer
no dia em que ficasse velho
por isso dê um basta na porcaria
não a jogue no ventilador!

(repete refrão)

Você sabe como contam os pontos
se não transparecer eles dizem
que você perdeu o jeito para a coisa

Está sempre lá
nenhum de nós jamais ousaria
dizer que não nos importamos
por isso dê um basta na porcaria
não a jogue no ventilador!

(repete refrão)

(©) Direitos reservados

Tem uma revista só de letras
esperando por você nas bancas

Peter Clark, o budgie: um dos melhores bateristas do rock.

BUDGIE

O soberbo baterista, colaborador e marido de Siouxsie, e sua rota do reggae ao rock

Numa bela tarde de 1976 em algum lugar de Liverpool, Peter Clark recebeu a visita de um amigo. "Preciso de um baterista. Você topa? Budgie (o apelido quer dizer 'periquito"), então com dezenove anos, nunca tinha tocado bateria. Mas gostava de destruir móveis batucando em tudo que encontrasse pela frente. Nunca tinha tido aulas, mas se sentia seguro o suficiente para aceitar o convite do amigo. Afinal, passara a infância ouvindo os discos do irmão mais velho. "Ouvia Shadows, Beatles, Stones, Pretty Things, Them (a banda de Van Morrison) e P.J. Proby e sempre ficava entusiasmado com a entrada da bateria nessas músicas."

É já um ano depois de começar a tocar, em 77, no auge do movimento punk, ele passou por várias bandas desconhecidas. Em 78, ele entrou no Big In Japan, uma banda razoavelmente conhecida que viria a acabar alguns meses depois, "por falta de recursos". No mesmo ano, ele começou a frequentar o clube noturno mais agitado da cidade, o Eric's Club. Foi aí que Budgie conheceu o pessoal da comunidade negra de Liverpool e, através deles, chegou ao reggae, uma grande influência no seu som.

"Foi nessa época que comprei o primeiro disco da minha vida (antes só ouvia os discos do irmão). *The Return of Django*, de Lee Perry. Era um disco de heavy-dub, gostava muito disso." Budgie também era fã de algumas bandas punks, como a Slits, um grupo formado só de garotas. E, quando a baterista Palmolive saiu, Budgie foi chamado para substituí-la na gravação do primeiro LP da banda. "Eu achava que elas deveriam gravar as músicas nas concepções originais. Mas elas queriam um disco mais dançante, e a saída foi misturar tudo com reggae."

Este LP, *Cut*, foi gravado no começo de 79 e produzido por Dennis Bovell, um especialista em dub.

"Dennis me mostrou muita coisa. Reggae não é uma batida reta e exige muito trabalho de mixagem. As vezes o som que ele criava nem parecia som de bateria." No mesmo ano ele recebeu pelo telefone o convite para entrar no Siouxsie & the Banshees. Entrou no ato. "Foi culpa de Paul Cook (baterista dos Sex Pistols), foi ele quem me indicou." Daí pra frente, sua história se confunde com a do grupo. Budgie tinha levado o som de bateria, que tinha tirado no LP das Slits, para os Banshees. Sua contribuição é incontestável e amplamente reconhecida, pelo menos pelo público leitor dos semanários musicais ingleses, que o elegeram *melhor baterista de rock* por dois anos consecutivos (82-83).

Surpreendentemente, Budgie não pratica, porque gosta "de tocar num volume alto, coisa que só se pode fazer ao vivo ou quando passo o som". Ele gosta de bater forte e é econômico quando toca. "É importante deixar espaços. Os peixes que são dispensados é que dão qualidade para uma fábrica de sardinhas. Seus ídolos são Ringo Starr, Jaki Liebezeit (do extinto grupo alemão Can), Dennis Davis, no tempo em que tocava com Bowie, e o Aynsley Dunbar do LP *Berlin* de Lou Reed.

Budgie diz que sofreu horrores por causa do calor aqui no Brasil. Diz que o calor mina sua resistência, e por isso foi obrigado a apelar várias vezes ao tubo de oxigênio em pleno show. "Isso me limita porque fico inseguro. Mas gosto de depender das condições, gosto de tocar ao vivo justamente por causa disso."

Thomas Pappon

FICHA TÉCNICA
NÃO AOS ABAFADORES

Budgie tem uma bateria Gretsch desde as gravações de A Kiss in the Dreamhouse, LP lançado em 82. É uma bateria simples, mas onde os tambores não sofrem da interferência física das ferragens (ou seja, as ferragens não são introduzidas dentro das caracaças) e, por isso, usa estantes para os tom-tons (eles não são acoplados ao bumbo).

Ele não usa abafadores de pele em nenhum tambor. Suas ferragens são Premier e Tama. Usa um pedal de bumbo Pearl, de regulagem pesada. Seus pratos são todos Zildjian. Tem um contrato com a empresa, que lhe permite escolher e usar os pratos que quiser. A escolha é pessoal, e Budgie faz questão de testar um por um "porque, afinal, todos os pratos são diferentes". Não gosta dos pratos Paiste "porque soam muito rapidamente".

Budgie usa baquetas Premier, um modelo especial com uma polegada a mais no diâmetro mais grosso. "A polegada a mais é para evitar a queda da baqueta durante os shows". Tem um pandeiro (sem pele) acoplado no chimbau e não vê a hora de voltar à Inglaterra para juntar o bumbo gigante que comprou de Carl Palmer. "Só que não vou usá-lo como bumbo, mas como um super tom-tom lateral". Quando está gravando em estúdio, ele gosta de usar qualquer coisa para fazer percussão, "até extintores de incêndio".

DS1000
SINTETIZADOR
POLYPHONICO PROGRAMAVEL

O primeiro sintetizador polifônico de alto níveis totalmente programável produzido no Brasil, com tecnologia DIGITONE exclusiva. 32 PRESETS prontos de fábrica, 64 memórias não voláteis. Você pode criar seus próprios programas e guardá-los em presets. Todos os comandos são digitais (controlados por um único display).

Solicite nosso catálogo DIGITONE
Av. da Cratera 387 - São Paulo - SP
Fone: (011) 577 3622

Digitone
Instrumentos Musicais

Foto Estudio Abril

KRAFTWERK
RADIO-ACTIVITY (1975)

Kraftwerk—o primeiro grupo pop *moderno*. Dizemos moderno para associá-lo à era contemporânea, à era da máquina, da eletrônica e do computador.

Radio-Activity trata de um dos aspectos mais marcantes da contemporaneidade — as revoluções ocorridas no campo das comunicações.

O LP é de 1975, mas é impressionante como o disco vai ficando cada vez mais atual a cada ano que passa. Ele serve para mostrar a posição única do grupo como o pioneiro da música eletrônica dentro do cenário pop.

A eletrônica já estava invadindo a música alemã desde a década de 50, no centro de pesquisas eletrônicas de Darmstadt, fundado por Stockhausen. Foi deste centro de pesquisas que saíram Holger Czukay e Schmidt para fundar o Can. Ao lado do Kraftwerk, o Can foi a outra espinha dorsal do rock alemão da década de 70, embora os dois grupos propusessem utilizações diferentes da eletrônica.

Os integrantes do Kraftwerk são de Düsseldorf. Começaram no início da década de 70 como uma dupla, formada por Ralf Hütter e Florian Schneider, ambos de formação clássica. No começo, usavam instrumentos eletrônicos ao lado de equipamentos convencionais. Tornaram-se totalmente eletrônicos por volta de 1973, quando entraram Karl Bartos e Wolfgang Flur na percussão eletrônica. Eles montaram um estúdio próprio, o Kling Klang, que hoje em dia é totalmente computadorizado e portátil.

Kraftwerk — o primeiro grupo pop contemporâneo. O mundo, nos últimos 86 anos, mudou mais rápida e irreversivelmente do que em qualquer outro período da História. A música neste século também sofreu esse processo de mudanças. Os instrumentos acústicos, que nos acompanham durante séculos, evocam associações com uma realidade que era relativamente estável. Neste século, a progressiva substituição do mundo natural pelas criações do homem provocou rupturas na concepção de realidade, que passou a ser vista como construção do homem.

É interessante notar que os integrantes do Kraftwerk se consideram tanto músicos quanto técnicos — capazes, portanto, de inventar e/ou alterar a realidade. A simples eletrificação dos instrumentos, ocorrida neste século, produziu alterações radicais em nosso ambiente sonoro. Mas a ruptura efetiva com o passado só foi ocorrer com o aparecimento do som eletrônico. O Kraftwerk realizou essa ruptura no campo do pop. Sua influência se estendeu para o rock anglo-americano dos anos 80 — para citar alguns, David Bowie, Ultravox, Afrika Bambaata e New Order.

Radio-Activity é o sexto LP do grupo. A faixa-título começa com uma pulsação. Entra um coro celestial. Começa a melodia e declara-se que estamos num mundo transformado. Nos intervalos da música, um código morse. É uma delícia. As melodias e letras são simples e se repetem muito. Vão se insinuando na cabeça e ficam lá. "Radioland", com sua batida, que lembra um ritual, liga esse novo mundo às nossas origens.

Cada faixa tem um papel e uma função acabada. "Airwaves" é uma celebração de potencial, de parâmetros alargados. Tem um pique meio de rock, com efeito hilariante. Do lado B, "Antenna" é uma amostra linda da originalidade dos sons produzidos por instrumentos eletrônicos. Sons que derretem, arranham e viram do avesso, mil coisas que não caberiam na *música* até então. "Radio Stars" é penetrante. Dois anéis de som, fora de sincronia, são revolvidos na mixagem e se repetem infinitamente. Duas vozes os acompanham. Uma é praticamente um zumbido. A outra declama em cima, fortemente distorcida e ligada a um teclado. É uma maravilha de música.

Kraftwerk — o primeiro grupo plenamente do século XX. O primeiro grupo no contexto do pop a tomar consciência do problema do "moderno", da contemporaneidade e o primeiro a descobrir a solução.

Peter Price, T.P./B.A.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação: Vera Mondin
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Jorge Tom
Diagramador: Cleber V. Garcia
Atendimento ao Leitor: Cesar Garcia Lima
Colaboradores: Texto: Alexandre Dines, Antonio Carlos Miguel, Arthur Geraldo Couto Duarte, César Garcia Lima, Fernando Naporano, José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Luiz Carlos Mansur Baptista, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Marco Antonio de Menezes (New York), Otávio Perdigão (tradução), Pepe Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris), Tom Leão; **Fotos:** Cleber Veiga Garcia, Euremberg Figueiredo Souza, Eurico Salis, Geraldo Luis Gomes, Irineu Barreto Filho, Rui Mendes, Tucci
Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Supervisor: Ricardo Côrte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Baratto, Márcia Andrade (São Paulo) e Lidia Camarate (Rio)
Produção Gráfica: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Escritórios - Milão: International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex 313585 e 332809; **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** 33, av. Champs Elysees, 2° Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRILPA 650731
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoções: Alfredo Nastari
Supervisores: Vani Pieri (São Paulo), Fernando Mendonça (Rio)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Mondingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** R. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, Tel.: (011) 826-6711. **Telegramas:** Editabril/Abripress. **Rio de Janeiro:** R. da Passagem, 123, 6° ao 11° andares, CEP 22290, Tel.: (021) 295-5282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abripress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paz Varais, Azinhaga dos Felais, 2685 Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas, se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas inesgotável no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Stamp

ADESIVOS

CAMISETAS estampas em silk-screen
TAMANHOS P (44) M (46) G (52) 100% algodão

REF. 260 Cor: vm, pr, az
REF. 224 Cor: br, am
REF. 259 Cor: pr
REF. 243 Cor: br, az
REF. 235 Cor: pr
REF. 283 Cor: am, az cl
REF. 249 Cor: br
REF. 239 Cor: br
REF. 261 Cor: vm, br, pr, az
REF. 241 Cor: br
REF. 250 Cor: br, pr
REF. 264 Cor: am, br
REF. 246 Cor: br
REF. 236 Cor: pr
REF. 229 Cor: br
REF. 244 Cor: az, vd
REF. 254 Cor: br, pr
REF. 227 Cor: br
REF. 258 Cor: br, pr
REF. 240 Cor: br
REF. 233 Cor: az
REF. 206 Cor: br, az, vd
REF. 216 Cor: br, pr
REF. 205 Cor: az, vd
REF. 204 Cor: br
REF. 252 Cor: pr
REF. 214 Cor: br
REF. 253 Cor: pr
REF. 267 Cor: br, pr
REF. 270 Cor: vm
REF. 256 Cor: pr
REF. 203 Cor: az, vd
REF. 251 Cor: pr
REF. 262 Cor: vm, az
REF. 201 Cor: vd, az
REF. 242 Cor: br, pr
REF. 231 Cor: az, vd
REF. 225 Cor: br
REF. 234 Cor: az, br
REF. 210 Cor: br, pr
REF. 266 Cor: pr, br, vm
REF. 202 Cor: br
REF. 232 Cor: az
REF. 219 Cor: br
REF. 217 Cor: pr
REF. 218 Cor: pr
REF. 237 Cor: pr
REF. 265 Cor: br, vd, az, vm
REF. 238 Cor: br
REF. 207 Cor: vd, pr, az
REF. 212 Cor: vm
REF. 223 Cor: br
REF. 269 Cor: vm, vd, az
REF. 220 Cor: vd, az
REF. 230 Cor: br
REF. 228 Cor: pr
REF. 245 Cor: br, am
REF. 255 Cor: br
REF. 226 Cor: br
REF. 222 Cor: vd
REF. 268 Cor: br
REF. 247 Cor: br
REF. 257 Cor: pr, az
REF. 215 Cor: vd, az, pr
REF. 248 Cor: br

ADESIVOS ESPECIAIS
Para colar em painéis, cadernos, etc.

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 São Paulo-SP - Destinatário: Stamp. Ponha o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).

PREÇOS: Camiseta: Cz$ 140,00 Adesivo: Cz$ 30,00
Horário: 2ª a 6ª das 8:00hs às 18:00hs
Telefone: (011) 299-7478

Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em ☐ cheque ☐ vale postal no valor de Cr$
Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a reembolsá-lo(s) no correio ao preço de Cr$ mais despesas postais

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome .....
End. .....
Est. ..... CEP .....
BIZZ 19

Envie este cupom ou cópia para Stamp, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - São Paulo - SP - Santana

CARTAS E SERVIÇOS

INATACÁVEL?

Quero lançar aqui o meu protesto pela crítica do LP *Vivendo e Não Aprendendo* do Ira!, na qual o crítico Alex Antunes diz que o referido grupo é honesto, tem estilo próprio, está fora da guerra do rock nacional etc. Mas quem conheceu o grupo Jam, sabe que esse papo é furado. Ouçam a música "Longe de Tudo" e "Start" e vejam a semelhança do baixo. Comparem a música "Flores em Você" e "Smithers-Jones" do Jam e percebam o mesmo arranjo de cordas. O problema é que a maioria das bandas desse "joguinho" quer copiar um som atual, e o Ira! quer copiar um som que aqui quase ninguém conheceu! O Ira! é um grupo inatacável? Pela despanelização do rock de São Paulo! **Carlo Vibro, Osasco — SP**

EINSTÜRZENDE NEUBAUTEN

Gostaria de saber a discografia do Einstürzende Neubauten e se no Brasil já foi lançado algum disco do Alien Sex Fiend. Uma sugestão: façam uma entrevista com Blixa Bargeld, o vocal do Neubauten. *Thanks!* **Carlos Henrique, Juiz de Fora — MG**

O "prédios novos desabando". Einstürzende Neubauten (pronuncia-se "áinshtuertsénde nóibauten") foi formado em 80 por Blixa Bargeld, Alexander Hacke, N.U. Unruh, F.M. Einheit e Marc Chung; estes últimos, ex-integrantes do Abwärts. Além da guitarra e do vocal de Blixa, não se pode falar em instrumentos no Neubauten — o resto da banda se encarregava de espancar objetos de metal com martelos, machados, e causar todo o tipo de barulho. O primeiro disco é de 82, Kollaps. *O LP seguinte é* Zeichnungen des Patienten O.T./Drawings of O.T. *(83). Em 84, a banda lançou uma retrospectiva dos seus três anos de existência —* 80-83 Strategien Gegen Architekture / Strategies Against Architecture *—, que contém faixas do primeiro disco, faixas inéditas (algumas ao vivo) e mais um single antigo, do começo da banda. Ainda no mesmo ano, lançaram o EP* Yü-Gung. *O último disco da banda é* Halber Mensch *(85), onde usam teclados e se aproximam mais do formato "canção". A banda se dissolveu no início de 86, mas há rumores recentes de que o Neubauten voltará a se reunir especialmente para participar de um espetáculo em Hamburgo. Nenhum destes álbuns foi lançado no Brasil. Sobre o Alien Sex Fiend, também não há nenhum lançamento brasileiro.*

MILES ELÉTRICO

Gostaria que vocês me informassem a discografia (da fase elétrica) do Miles Davis — com ano, gravadora etc — até o *Get Up with It* e se, entre este e o *The Man with the Horn*, não saiu outro. E mais, a discografia (só no Brasil) do Jesus & Mary Chain e Style Council. E se o Celso Blues Boy tem a ver com o Made. **Nivaldo, rua Bom Pastor, 565, CEP 50740, Recife — PE**

Ufa! Uma de cada vez, Nivaldo. A fase elétrica/eletrônica de Miles se inicia com Miles in the Sky *(68). Os músicos que participam são, além de Miles, o baixista Ron Carter, o pianista Herbie Hancock, o baterista Tony Williams e o saxofonista Wayne Shorter, mais a participação especial da guitarra de George Benson. No álbum seguinte do mesmo ano,* Filles of Kilimanjaro, *Chick Corea substitui Hancock em algumas faixas.* In a Silent Way, *de 69, conta com três tecladistas — Hancock, Corea e Joe Zawinul — e mais John McLaughlin (guitarra) e Dave Holland (baixo). No duplo* Bitches Brew *(70), além dos músicos que haviam colaborado nos discos anteriores (Shorter, McLaughlin, Holland, Corea e Zawinul), tocavam mais um baixista, Harvey Brooks, Larry Young (órgão), Bennie Maupin (clarinete) e quatro percussionistas — Jack DeJohnette, Lenny White, Charlie Alias e Jim Riley. No mesmo ano, Miles lançou* Live at the Fillmore. *71 também é o ano de dois discos:* Jack Jackson e Live/Evil. *O disco seguinte é* On the Corner *(72). Nesses primeiros anos da década de 70, Keith Jarret e o brasileiro Airto Moreira colaboravam com Miles. Depois de dois anos sem gravar, em 74 foram gravados e lançados dois LPs,* Big Fun e Get Up with It. *Entre este e* The Man with the Horn *(81), há* Agharta *(75), gravado ao vivo no Japão e* Water Babies *(78). A partir de* Water Babies, *a CBS lançou todos os títulos até* Tutu *de 86, que está sendo lançado pela WEA. Portanto a CBS lançou, além dos já citados,* Star People *(83),* Decoy *(84) e* You Are Under Arrest *(85). Existe ainda uma gravação ao vivo,* We Want Miles *(82), que está inédita no Brasil. A discografia de Jesus & Mary Chain está na* BIZZ 14. *Quanto ao Style Council, foram lançados pela Polygram os seguintes discos —* Café Bleu *e o maxi-EP* Shout to the Top *em 85; e* Our Favourite Shop *e* Home & Abroad *em 86. Finalmente, a última pergunta: o Celso Blues Boy não tem nenhuma relação com o Made.*

MÊS QUE VEM NA BIZZ

TEM: EXCLUSIVAS COM RAUL SEIXAS, MILES DAVIS E GUILHERME ISNARD
TUDO SOBRE PAGODE, A VOLTA DOS PRETENDERS E OS MELHORES DE 86, NA VOTAÇÃO DOS LEITORES!

ROCK SHIRTS® camisetas

Estampadas em Silk Screen

Peça já! pelo Reembolso postal, camisetas com estampas exclusivas dos maiores grupos e ídolos do rock

Desconto Especial 10%: Enviando cheque nominal a Rock Shirts. Preencha os valores já descontados os 10%.

Cz$ 100,00

Tamanhos P M G

Ref. 01 Iron Maiden
Ref. 02 AC/DC
Ref. 03
Ref. 08 U2
Ref. 09 U2 War
Ref. 10
Ref. 12 Frank Zappa
Ref. 16 Black Sabbath
Ref. 18 The Police
Ref. 20
Ref. 21 EPM
Ref. 22
Ref. 23
Ref. 24
Ref. 25
Ref. 26 Ramones
Ref. 27
Ref. 28 AC/DC
Ref. 29 The Smiths
Ref. 30
Ref. 31
Ref. 32 Queen
Ref. 33 Van Halen

Camiseta 100% algodão

Peça já!
Para fazer seu pedido, envie o cupom abaixo preenchido em letra de forma para Rock Shirts - Av. Carinás, 788 São Paulo - SP cep 04086 ou disque 255 5777 ramal 768
24 horas por dia inclusive sábado, domingo e feriado

NOME
ENDEREÇO
CIDADE BAIRRO EST CEP

A agência do correio vai enviar-lhe um **"aviso"** para buscar sua(s) camiseta(s) e pagar. Leve identidade

REF.	COR	TAM.

REF.	COR	TAM.

PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS OU À MÁQUINA

REEMBOLSO POSTAL ☐
CHEQUE NOMINAL ☐

Garantia
Você receberá sua camiseta bonita como na revista, caso contrário poderá devolvê-la que restituiremos seu dinheiro.

IGGY POP

Iggy exercita seu protopunk kamikaze desde os Stooges. Solo, nos anos 70, ele passou a recolher os lucros da vida pop

CAPITAL INICIAL

EM APENAS 5 MESES, MAIS DE 220 MIL CÓPIAS VENDIDAS DO LP DE ESTRÉIA.

DISCO DE OURO

EM DISCOS E FITAS POLYGRAM

PolyGram

POLICE DÁ UMA GERAL!

O LP "EVERY BREATH YOU TAKE", UMA GERAL QUE O POLICE DÁ EM SUA CARREIRA,ESTA SENDO MAIS PROCURADO DO QUE ATLÂNTIDA E CARLOS "O CHACAL" JUNTOS. NÃO É À TOA. ALÉM DE UM REPERTÓRIO ESCOLHIDO PESSOALMENTE POR STING, STEWART COPELAND E ANDY SUMMERS, A REGRAVAÇÃO DE DON'T STAND SO CLOSE TO ME (EM '86), JÁ VIROU CASO DE POLÍCIA.

QUEM NÃO CORRER VAI DANÇAR!

ROXANE • CAN'T STAND LOSING YOU • MESSAGE IN A BOTTLE • WALKING ON THE MOON • DON'T STAND SO CLOSE TO ME '1986 • DE DO DO DO DE DA DA DA • EVERY LITTLE THING SHE DOES IS MAGIC • INVISIBLE SUN • SPIRITS IN THE MATERIAL WORLD • EVERY BREATH YOU TAKE • KING OF PAIN • WRAPPED AROUND YOUR FINGER

PolyGram